

The background of the cover is a complex, repeating geometric pattern. It consists of interlocking cubes and rectangular blocks in two colors: a vibrant red and a muted, forest green. These shapes are arranged in a way that creates a three-dimensional, isometric effect, with some blocks appearing to rise above others. The overall composition is dense and rhythmic. The text is overlaid on the left side of the cover, set against the dark blue background of the pattern.

**JORGE LUIS
BORGES**

**Livro de
Sonhos**

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

História de Gilgamesh

Gilgamesh, dois terços deus, um terço homem, vivia em Erech.

Invencível entre os guerreiros, governava com mão de ferro; os jovens o serviam e ele não deixava incólume uma só donzela. O povo rogou a proteção divina, e o senhor do firmamento ordenou a Aruru (a deusa que havia modelado o primeiro homem com argila) que modelasse um ser capaz de enfrentar Gilgamesh e tranquilizar seu povo.

Aruru formou uma criatura a quem deu o nome de Enkidu. Era peludo, tinha longas trancas, cobria-se com peles, vivia com as feras e comia erva. Dedicou-se, também, a destroçar armadilhas e a salvar animais. Quando Gilgamesh se inteirou disso, ordenou que se enviasse a ele uma donzela nua. Enkidu possuiu-a durante sete dias e sete noites, no final das quais as gazelas e as feras o desconhecera e ele notou que suas pernas já não eram tão ligeiras. Havia-se transformado em homem.

A menina achou que Enkidu se tinha tornado formoso.

Convidou-o a conhecer o templo resplandecente onde o deus e a deusa se sentavam juntos, assim como toda a Erech, onde Gilgamesh imperava.

Na véspera do ano novo Gilgamesh preparava-se para a cerimônia da hierogamia quando apareceu Enkidu e o desafiou. A multidão, embora surpreendida, sentiu-se aliviada.

Gilgamesh havia sonhado que estava de pé sob as estrelas, quando do firmamento caía sobre ele um dardo que não se podia arrancar. Depois, uma tocha enorme se incrustava no centro da cidade.

Sua mãe lhe disse que o sonho previa a chegada de um homem mais forte do que ele e que se tornaria seu amigo. Lutaram os dois e Gilgamesh foi atirado ao pó por Enkidu, que compreendeu, todavia, que seu contendor não era um tirano jactancioso e sim um valente que não se desviava. Levantou-o, abraçou-o e ambos firmaram amizade.

Espírito aventureiro, Gilgamesh propôs a Enkidu cortar um dos cedros do bosque sagrado. "Não é fácil — respondeu-lhe este — pois está guardado pelo monstro Humbaba, de voz de trovão, e com um olho único cuja mirada petrifica a quem observa; vomita fogo e seu hálito é uma praga".

"Que dirás aos teus filhos quando eles te perguntarem o que fazias no dia em que tombou Gilgamesh?"

Isto convenceu Enkidu.

Gilgamesh contou seu plano aos anciãos, ao deus do sol, à sua própria mãe, à rainha celestial Ninsun, e todos o desaprovaram.

Ninsun, que conhecia a teimosia de seu filho, pediu para ele a proteção do deus do sol e a obteve. Então, nomeou Enkidu seu guarda de honra.

Gilgamesh e Enkidu chegaram a floresta dos cedros. O sono venceu-os; O primeiro sonhou que uma montanha desabava sobre ele, quando um homem bem apessoado liberou-o da pesada carga e ajudou-o a pôr-se de pé.

Disse Enkidu: — Está claro que derrotaremos Humbaba.

Enkidu por sua vez sonhou que o céu retumbava e a terra estremecia, que imperavam as trevas, que caía um raio e ocorria um incêndio e que a morte chovia do céu, até que a resplandecência diminuiu, apagou-se o fogo e as centelhas caídas se transformaram em cinza.

Gilgamesh interpretou isto como»uma mensagem adversa, porém convidou Enkidu a continuar. Derrubou um dos cedros, e Humbaba se precipitou sobre eles. Pela primeira vez Gilgamesh sentiu medo. Os dois amigos, porém, dominaram o monstro e lhe cortaram a cabeça.

Gilgamesh limpou-se da poeira e vestiu suas roupas reais. A deusa Istar apresentou-se a ele e pediu que fosse seu amante, prometendo cobri-lo de riquezas e rodeá-lo de deleites. Mas Gilgamesh conhecia a traidora e inflexível Istar, assassina de Tammuz e de inumeráveis amantes. Despeitada, Istar pediu a seu pai que lançasse à terra o touro celestial, e ameaçou romper as portas do inferno e deixar que os mortos sobrepujassem os vivos.

— Quando o touro desça dos céus, sete anos de miséria e de fome cobrirão a terra. Previste isto?

Istar respondeu que sim.

O touro então foi lançado à terra. Enkidu torceu-o pelos chifres e lhe cravou a espada no pescoço. Junto com Gilgamesh, arrancou o coração do animal e ofertou-o ao deus do sol.

Das muralhas de Erech, Istar presenciava a luta. Saltou por cima dos baluartes e amaldiçoou Gilgamesh. Enkidu arrancou as nádegas do touro, atirando-as no rosto da deusa.

— Gostaria de fazer-te o mesmo!

Istar foi derrotada e o povo aclamou os matadores do touro celestial. Mas não é possível zombar dos deuses.

Enkidu sonhou que os deuses estavam reunidos em assembleia, deliberando sobre quem seria o maior culpado, se ele ou Gilgamesh, da morte de Humbaba e do touro celestial. O principal culpado morreria.

Como não chegavam a um acordo, Anu, o pai dos deuses, disse que Gilgamesh, não apenas tinha matado o touro, como também tinha cortado o cedro. A discussão tornou-se violenta e os deuses se insultaram uns aos outros. Enkidu despertou sem conhecer o veredicto.

Narrou seu sonho a Gilgamesh e durante a longa insônia que se seguiu recordou sua despreocupada vida animal. Mas lhe pareceu ouvir vozes que o consolavam.

Várias noites depois tornou a sonhar. Um forte grito chegava do céu até a terra e uma espantosa criatura com cara de leão e asas e garras de águia o apresava e o levava ao vazio. Saíram-lhe plumas dos braços e começou a parecer-se com o ser que o levava. Compreendeu que havia morrido e que uma harpia o arrastava por um caminho sem volta. Chegaram à mansão das trevas, onde as almas dos grandes da terra o rodearam. Eram desajeitados demônios com asas emplumadas, que se alimentavam de restos. A rainha do inferno lia em suas tábuas e pesava os antecedentes dos mortos.

Quando despertou, os dois amigos se inteiraram, do veredicto dos deuses. E Gilgamesh cobriu o rosto de seu amigo com um véu e,

com grande dor pensou: Agora já vi o rosto da morte.

Em uma ilha nos confins da terra vivia Utnapishtin, um homem muito, muito velho, o único mortal que havia conseguido escapar da morte. Gilgamesh decidiu buscá-lo e aprender com ele o segredo da vida eterna.

Chegou ao fim do mundo, onde uma altíssima montanha elevava seus picos gêmeos ao firmamento e enfiava suas raízes nos infernos.

Um portão era guardado por criaturas terríveis e perigosas, metade homem, metade escorpião. Avançou decidido e disse aos monstros que ia em busca de Utnapishtin.

— Ninguém jamais chegou até ele nem logrou conhecer o segredo da vida eterna. Guardamos o caminho do sol, que nenhum mortal pode transitar.

— Eu o farei — disse Gilgamesh. E os monstros, compreendendo que se tratava de um mortal não comum, deixaram-no passar.

Penetrou Gilgamesh; o túnel se fazia cada vez mais escuro, até que um ar lhe chegou ao rosto e entreviu uma luz. Quando saiu a ela, encontrou-se em um jardim encantado, onde resplandeciam pedras preciosas.

A voz do deus do sol chegou até ele. Encontrava-se nos jardins das delícias e desfrutava de uma graça que os deuses não haviam outorgado a nenhum mortal. "Não esperes alcançar mais".

Gilgamesh, porém avançou além do paraíso, até que, cansado, chegou a uma pousada. A estalajadeira Siduri confundiu-o com um vagabundo, mas o viajante se deu a conhecer e contou seu propósito.

— Gilgamesh, nunca encontrarás o que buscas. Os deuses criaram os homens e lhe deram a morte por destino; para eles mesmos reservaram a vida. Saberás que Utnapishtin vive em uma ilha longínqua, além do oceano da morte. Mas eis aqui Urshanabi, seu barqueiro, que se encontra na pousada.

Tanto insistiu Gilgamesh, que Urshanabi concordou em transportá-lo, não sem antes preveni-lo de que por nenhum motivo tocasse as águas do oceano.

Muniram-se de cento e vinte varas, mas foi necessário que Gilgamesh utilizasse sua camisa como vela.

Quando chegaram, Utnapishtin lhe disse: — Ah, jovem, nada há de eterno na terra. A mariposa vive somente um dia. Tudo tem seu tempo e época. Mas eis aqui meu segredo, somente conhecido dos deuses.

E lhe contou a história do dilúvio. O bondoso Ea o havia prevenido, e Utnapishtin construiu uma arca na qual embarcou com sua família e seus animais. Em meio à tempestade navegaram sete dias, e a barca encalhou no topo de uma montanha. Solto uma pomba para ver se as águas haviam baixado, porém a ave voltou por não encontrar onde pousar. O mesmo ocorreu com uma andorinha. O corvo, porém, não regressou. Desembarcaram e fizeram oferendas aos deuses, porém o deus dos ventos os fez reembarcar e os conduzir até onde estavam agora, para que aí morassem eternamente.

Gilgamesh compreendeu que o ancião não tinha nenhuma fórmula para lhe dar. Era imortal, mas somente por um favor único dos deuses. O que Gilgamesh buscava não poderia ser achado deste lado da sepultura.

Antes de despedir-se, o velho disse ao herói onde poderia achar uma estrela do mar com espinhos de rosa. A planta concedia a quem a saboreasse uma nova juventude! Gilgamesh obteve-a do fundo do oceano, porém quando descansava de seu esforço, uma serpente a roubou, comeu-a, despreendeu-se de sua velha pele e recobrou a juventude.

Gilgamesh compreendeu que seu destino não diferia do destino do resto da humanidade e regressou a Erech.

Conto babilônico do segundo milênio A.C.

Sonho infinito de Pao Yu

Pao Yu sonhou que estava em um jardim idêntico ao de sua casa. Será possível — disse — que haja um jardim idêntico ao meu?

Acercaram-se a ele umas donzelas. Pao Yu, atônito, disse a si mesmo: "Alguém terá donzelas iguais a Hsi-Yen, a Pin-Erh e a todas as da casa?" Uma das donzelas exclamou: "Aí está Pao Yu. Como terá chegado até aqui?" Pao Yu pensou que o haviam reconhecido. Adiantou-se e lhes disse: "Estava caminhando, e por casualidade cheguei até aqui.

Caminhemos um pouco". As donzelas riram. "Que desatino! Te confundimos com Pao Yu, nosso amo, porém não és tão garboso como ele". Eram donzelas de outro Pao Yu. "Queridas irmãs" — lhes disse — "eu sou Pao Yu. Quem é vosso amo?" "É Pao Yu" — responderam. "Seus pais lhe deram esse nome, composto dos caracteres Pao (precioso) e Yu (jade), para que sua vida fosse longa e feliz. Quem és tu para usurpar seu nome?" E se foram, rindo.

Pao Yu ficou abatido. "Nunca me trataram tão mal. Porque me detestaram estas donzelas? Existirá, de fato, um outro Pao Yu? Tenho que averiguar". Movido por estes pensamentos, chegou até um pátio que lhe era familiar. Subiu a escada e entrou no seu quarto. Viu um jovem deitado; ao lado da cama, rindo, umas mocinhas faziam trabalhos domésticos. O jovem suspirava. Uma donzela lhe disse: "Que sonhas, Pao Yu? Estás aflito?". "Tive um sonho muito esquisito. Sonhei que estava em um jardim e que vocês não me reconheciam e me deixavam só. Eu as segui até a casa e me encontrei com outro Pao Yu dormindo em minha cama". Ao ouvir o diálogo, Pao Yu não se conteve e exclamou: "Vim em busca de um Pao Yu; és tu". O jovem levantou-se e o abraçou, gritando: "Não era um sonho; tu és Pao Yu". Do Jardim uma voz chamou: "Pao Yu! Os dois Pao Yu estremeceram. O sonhado se foi; o outro dizia: "Volta logo, Pao Yu". Pao Yu se despertou. Sua donzela Hsi-Yen lhe perguntou: "Que sonhavas, Pao Yu? Estás aflito?". Tive um sonho

muito esquisito. Sonhei que estava em um jardim e que vocês não me reconheciam. .."

Tsao Hsue-qin, Sonho do aposento vermelho (c. 1754)

Deus dirige os destinos de José, filho de Jacó, e, por seu intermédio, os de Israel

Ora, Israel amava José mais que todos os seus outros filhos, porque o gerara na velhice; fez-lhe uma túnica talar. Vendo, pois, seus irmãos que ele era amado pelo pai mais que todos os outros filhos, odiaram-no, e não lhe podiam falar com bom modo. Sucedeu também que ele referiu a seus irmãos um sonho que tivera; o que foi causa de maior ódio. Disse-lhes: Ouvi o sonho que eu tive: Parecia-me que atávamos no campo os feixes, e que o meu feixe como que se erguia, estava direito, e que os vossos feixes, estando em roda, se inclinavam diante do meu, adorando-o. Responderam seus irmãos: Porventura serás nosso rei? ou seremos sujeitos ao teu domínio? Estes sonhos, pois, e estas conversas acenderam mais a inveja e o ódio. Teve ainda outro sonho, o qual referiu a seus irmãos, dizendo: Vi em sonhos que o sol, a lua e onze estrelas como que me adoravam. Ora, tendo ele contado isto a seu pai e aos irmãos, seu pai repreendeu-o, e disse: Que quer dizer este sonho que tiveste? Porventura eu, tua mãe e teus irmãos te adoraremos, prostrados por terra? Seus irmãos, portanto, tinham-lhe inveja; porém, o pai meditava a coisa em silêncio.

Gênese, 37, 3-11

José, o chefe dos copeiros e os chefes dos padeiros do Faraó

Depois disto, aconteceu que dois eunucos, o copeiro do rei do Egito e o padeiro, pecaram contra o seu senhor. O Faraó, irado contra eles (porque um presidia aos copeiros, outro aos padeiros), mandou-os lançar no cárcere do general do exército no qual estava também preso José.

O guarda do cárcere entregou-os a José que também os servia.

Tinha decorrido algum tempo, desde que eles estavam encarcerados na prisão. Ambos, numa mesma noite, tiveram um sonho, que por sua interpretação se referia a eles. Tendo ido José junto deles pela manhã, e vendo-os tristes, interrogou-os, dizendo: Por que razão está hoje o vosso semblante mais triste que o costumado? Eles responderam: Tivemos um sonho, e não há quem no-lo interprete. José disselhes: Porventura não pertence a Deus a interpretação? Contai-me o que vistes. O copeiro-mor foi o primeiro que contou o seu sonho: Eu via diante de mim uma cepa, na qual havia três varas, crescer pouco a pouco em gomos, e, depois, dar flores, amadurecerem as uvas; e eu tinha a taça do faraó na minha mão; tomei as uvas, espremi-as na taça, que tinha na mão, e apresentei de beber ao faraó. José respondeu: A interpretação do sonho é esta: As três varas são três dias ainda, depois dos quais se lembrará o faraó dos teus serviços, e te restituirá ao antigo cargo; tu lhe apresentarás a taça conforme o teu ofício, como costumavas fazer antes. Somente lembra-te de mim, e usa para comigo de compaixão, quando fores feliz, e solicita ao faraó que me tire deste cárcere, porque, por fraude, fui tirado da terra dos hebreus, e, estando inocente, fui lançado nesta fossa. Vendo p padeiro-mor que tinha interpretado sabiamente o sonho, disse: Também eu tive um sonho: (Parecia-me) ter três cestos de farinha sobre a minha cabeça, e que, no cesto que estava mais alto, levava todos os

manjares, que a arte do padeiro pode preparar, e que as aves comiam dele.

José respondeu: A interpretação do sonho é esta: Os três cestos são três dias ainda, depois dos quais o faraó mandará tirar-te a cabeça, e te suspenderá em uma forca e as aves devorarão as tuas carnes.

Com efeito, três dias depois, era o dia do nascimento do faraó, o qual, dando um grande banquete aos seus criados, se lembrou à mesa do copeiro-mor e do padeiro-mor. Restituiu um ao seu lugar, para lhe ministrar a taça; e mandou suspender o outro num patíbulo, pelo que foi comprovada a verdade do intérprete. E, não obstante sucederam-lhe prosperamente as coisas, o copeiro-mor esqueceu-se do seu intérprete.

Gênese, 40, 1-23

José interpreta os sonhos do Faraó

Dois anos depois, o faraó teve um sonho. Parecia-lhe que estava na margem do rio, do qual saíam sete vacas, muito formosas e gordas, as quais pastavam nos lugares palustres. Saíam também outras sete do rio, desfiguradas e consumidas de magreza, as quais pastavam na mesma margem do rio, em lugares cheios de erva; e estas devoraram aquelas que eram belas de aspecto e gordas de corpo. Tendo o faraó despertado, adormeceu novamente, e teve outro sonho: Sete espigas saíam do mesmo caule, cheias de grãos e formosas; nasciam também outras tantas espigas delgadas e queimadas do suão, as quais devoravam todas as primeiras que eram tão belas. Despertando o faraó do sono, e tendo amanhecido, cheio de pavor, mandou chamar todos os adivinhos do Egito, e todos os sábios; e, estando reunidos, contou-lhes o sonho e não havia quem lho explicasse.

Gênese, 40, 1-23

Então, finalmente, lembrando-se o copeiro-mor de José, disse: Confesso a minha falta: Tendo-se o rei irado contra os seus servos, mandou que eu e o padeiro-mor fossemos lançados no cárcere do general do exército; aí uma noite, ambos nós tivemos um sonho que pressagiava o futuro. Achava-se lá um jovem hebreu, servo do mesmo general do exército; e, tendo-lhe nós referido os sonhos, ouvimos tudo o que depois os fatos comprovaram; porque eu fui restituído ao meu ofício, e o outro foi pendurado em uma forca. Imediatamente José foi tirado do cárcere por mandado do rei; barbaram-no, mudaram-lhe os vestidos, e apresentaram-lho. E este disse-lhe: Tive uns sonhos, e não há quem os interprete; ouvi dizer que tu sabes explicá-los sapientissimamente. José respondeu: Não

eu, mas Deus responderá favoravelmente ao faraó. O faraó, pois, contou o que tinha visto: Parecia-me estar sobre a margem do rio, e que saíam do rio sete vacas, em extremo formosas, e muito gordas, as quais pastavam a erva verde nos lugares palustres. E eis que, atrás destas, vinham outras sete vacas tão disformes e magras, que nunca as vi semelhantes na terra do Egito; as quais, devoradas e consumidas as primeiras, não deram nenhum sinal de ficar fartas; mas ficaram tão macilentas e feias como dantes.

Acordei, fui novamente oprimido pelo sono, e tive este sonho: Sete espigas saíam do mesmo caule, cheias e formosas. Outras sete, delgadas e queimadas do suão, nasciam doutro caule, as quais devoraram as primeiras, que eram tão belas. Referi aos adivinhos o sonho, e não há quem o explique. José respondeu: O sonho do rei reduz-se a um só: Deus mostrou ao faraó o que está para fazer.

As sete vacas formosas e as sete espigas cheias são sete anos de abundância; e no sonho têm a mesma significação. As sete vacas magras e macilentas, que subiram (do rio) após as primeiras, e as sete espigas delgadas e queimadas do suão são sete anos de fome que estão para vir. Isto cumprir-se-á por esta ordem. Eis que virão sete anos de grande fertilidade por toda a terra do Egito; depois dos quais seguirão outros sete anos de tanta esterilidade, que será esquecida toda a abundância passada; porque, a fome há de consumir toda a terra, e a grandeza da penúria há de absorver a grandeza da abundância. Quanto ao segundo sonho que tiveste, que se refere à mesma coisa, é um sinal certo de que se há de executar a palavra de Deus, e prontamente se cumprirá.

Agora, pois, escolha o rei um homem sábio e ativo, a quem dê autoridade sobre a terra do Egito; este (homem) estabeleça superintendentes por todas as províncias; e a quinta parte dos frutos nos sete anos de fertilidade, que já estão para começar, seja recolhida nos celeiros; e guarde-se todo o trigo debaixo do poder do faraó, e conserve-se nas cidades. E tenha-se preparado para a futura fome dos sete anos, que há de oprimir o Egito; assim o país não será consumido pela fome.

José nomeado superintendente do Egito

— Agradou o conselho ao faraó e a todos os seus ministros; e disselhes: Poderemos nós encontrar um homem como este, que esteja cheio do espírito de Deus? Disse, pois, a José: Visto que Deus te manifestou tudo o que disseste, poderei eu encontrar alguém mais sábio e semelhante a ti? Tu governarás a minha casa, e ao mando de tua voz obedecerá todo o povo; eu não terei sobre ti outra precedência além do trono. O faraó disse mais a José: Eis que te dou autoridade sobre toda a terra do Egito. Tirou o anel da sua mão, e colocou-o na mão dele; vestiu-lhe um vestido de linho fino e pôs-lhe ao pescoço um colar de ouro. E fê-lo subir para o seu segundo coche, clamando o pregoeiro que todos se ajoelhassem diante dele, e soubessem que era o superintendente de toda a terra do Egito. Disse também o rei a José: Eu sou o faraó; sem teu mando ninguém moverá mão ou pé em toda a terra do Egito. Mudou-lhe o nome, e chamou-o na língua egípcia Salvador do Mundo. Deu-lhe por mulher a Asenet, filha de Putifar, sacerdote de On.

Saiu, portanto, José a correr a terra do Egito.

Gênese, 41, 1-45

Deus se comunica em sonho com seus servos

Ouvi as minhas palavras: Se entre vós algum é profeta do Senhor, eu lhes aparecerei em visão, ou lhe falarei em sonhos.

(Números, 12, 6)

Aproximando-se Gedeão, um deles contava ao camarada o seu sonho, e deste modo lhe referia o que tinha visto: Tive um sonho e parecia-me ver como que um pão de cevada cozido debaixo do rescaldo, que rolava, e ia cair sobre o acampamento de Madian; e, tendo chocado com uma tenda, sacudiu-a com a pancada, e a lançou de todo por terra.

O outro, a quem ele falava, respondeu: Isto não é outra coisa senão a espada de Gedeão, filho de Joás, homem israelita; porque o Senhor lhe entregou nas mãos Madian e todo o seu acampamento.

Juízes, 7, 13-14

Enquanto Nicanor, na sua orgulhosa segurança, tinha assentado consigo erigir um troféu (em memória da derrota) de Judas e de toda a sua gente, Macabeu esperava sempre, com toda a confiança, que Deus o havia de assistir com o seu auxílio. Exortava os seus a que não temessem o ataque das nações, mas que se lembrassem dos auxílios recebidos do céu no passado e esperassem também agora que o Todo-poderoso lhes daria a vitória. Animou-os com a lei e os profetas, recordou-lhes os combates sustentados, e, assim, infundiu-lhes novo ardor. Depois de lhes ter levantado o espírito, representou-lhes ao mesmo tempo a perfídia das nações e a violação dos seus juramentos.

Armou cada um deles, não tanto com a prevenção de escudos e lanças, como com palavras e exortações excelentes. Contou-lhes

também um sonho digno de fé, uma espécie de visão, que encheu a todos de alegria.

Eis a visão que teve: Parecia-lhe que Onias, sumo sacerdote, que tinha sido homem de bem e afável, de feitio retraído mas de modos delicados, distinto no falar, desde menino exercitado nas virtude, orava de mãos estendidas por todo o povo judaico; depois disto, apareceu-lhe outro varão respeitável pelos seus cabelos todos brancos e pela sua glória, de aspecto majestoso. Onias apontando para ele, disse: Este é o amigo de seus irmãos e do povo de Israel, é Jeremias, profeta de Deus, que ora muito pelo povo e por toda a cidade santa. Depois Jeremias, estendendo a sua mão direita, deu a Judas uma espada de ouro, dizendo-lhe: Toma esta santa espada como um presente de Deus, com a qual deitarás por terra os teus inimigos.

Macabeus, 15, 6-16

Daniel e os sonhos de Nabucodonosor

A VISÃO DA ESTÁTUA

No décimo-segundo ano do seu reinado teve Nabucodonosor um sonho e o seu espírito ficou em extremo atemorizado; depois esqueceu-se inteiramente deste sonho. Mandou, pois, o rei convocar os adivinhos e os magos, os encantadores e os caldeus, para que lhes fizessem conhecer qual tinha sido o seu sonho. Eles, tendo chegado, apresentaram-se diante do rei. O rei disse-lhes: Tive um sonho, mas o meu espírito está perturbado e já não sei o que vi. A isto os caldeus responderam ao rei — em aramaico: Ó rei, vive eternamente! Dize a teus servos o sonho que tiveste, e nós o interpretaremos. Respondendo o rei, disse aos caldeus: O meu sonho fugiu-me da memória; e, se vós não me declarardes o sonho e a sua significação, todos perecereis e as vossas casas serão confiscadas. Mas, se expuserdes o sonho e o que ele significa, receberéis de mim prêmios e dons e grandes honras. Exponde-me, pois, o sonho e a sua interpretação. Eles segunda vez responderam e disseram: Diga o rei a seus servos o sonho que teve e nós lhe daremos a sua interpretação. Respondeu o rei e disse: Conheço bem que procurais ganhar tempo, pois sabeis que o sonho o esqueci. Se vós, pois, me não disserdes o que sonhei, o conceito único que formarei de vós é que também forjareis uma interpretação falsa e cheia de ilusão, para me entenderdes com palavras, até que tenha passado o tempo.

Dizei, pois, qual foi o meu sonho, para que eu também saiba que a interpretação que lhes destes é verdadeira. Dando, pois, a sua resposta os caldeus na presença do rei, disseram: Não há homem, ó rei, sobre a face da terra, que possa executar a tua ordem; nenhum rei há, por grande e poderoso que seja, que pergunte semelhante coisa a um adivinho, a um mago, ou a um caldeu. Porque o que tu

perguntas, ó rei, é difícil; nem se achará pessoa alguma que declare isso diante do rei, exceto os deuses, os quais não têm comércio com os homens.

Ao ouvir isto, o rei, todo enfurecido e cheio de uma grande ira, ordenou que fossem mortos todos os sábios de Babilônia. Publicada que foi esta sentença, ia-se fazendo matança dos sábios e andava-se em busca de Daniel e dos seus companheiros para também perecerem.

Então, Daniel informou-se de Arioc, general dos exércitos do rei, que tinha saído para fazer matar os sábios de Babilônia, sobre que lei e sentença era!esta. Perguntou ao que tinha recebido a ordem do rei, por que causa havia pronunciado o rei uma sentença tão cruel. Tendo Arioc declarado a Daniel o que havia sobre isso, apresentou-se Daniel ao rei e suplicou-lhe que lhe concedesse algum tempo para dar solução ao que o rei desejava.

E (Daniel) foi para sua casa e contou o que se passava aos seus companheiros Ananias, Misael e Azarías, a fim de que eles implorassem a misericórdia do Deus do céu acerca deste segredo, e para qual Daniel e seus companheiros não perecessem com os outros sábios de Babilônia.

Então foi descoberto este segredo a Daniel numa visão durante a noite; e Daniel bendisse o Deus do céu e disse: Seja bendito o nome do Senhor de século em século, porque dele são a sabedoria e a fortaleza. É ele que muda os tempos e as idades, que transfere e estabelece os reinos, que dá a sabedoria aos sábios e a ciência aos inteligentes. É ele que revela as coisas profundas e escondidas, que conhece o que está nas trevas; e a luz está com ele. A ti, ó Deus de nossos pais, eu dou graças e te louvo, porque me deste a sabedoria e a fortaleza, e agora me mostraste o que tínhamos pedido, porque nos descobriste o que o rei desejava saber.

Depois disto, Daniel foi ter com Arioc, a quem o rei tinha ordenado que fizesse matar os sábios de Babilônia, e falou-lhes desta maneira: Não mates os sábios de Babilônia; acompanha-me à presença do rei e eu lhe darei a solução que deseja. Então Arioc apresentou logo Daniel ao rei e disse-lhe: Encontrei um homem dentre os cativos dos filhos de Judá, que dará ao rei a solução que

deseja. O rei respondeu e disse a Daniel, que tinha por nome Baltasar: Julgas tu que me poderás dizer verdadeiramente o que eu vi em sonho e dar-me a sua interpretação? Respondendo Daniel perante o rei, disse: Os sábios, os magos, os adivinhos e os agoureiros não podem descobrir ao rei o mistério que o rei deseja descobrir. Mas no céu há um Deus que revela os mistérios, o qual mostrou, ó rei Nabucodonosor, as coisas que hão de acontecer nos últimos tempos.

O teu sonho e as visões que a tua cabeça teve no teu leito, são as seguintes. Tu, ó rei, começaste a pensar, estando na tua cama, no que havia de acontecer depois destes tempos; e aquele que revela os mistérios te descobriu as coisas que hão de vir. A mim também me foi revelado este segredo, não porque a sabedoria, que há em mim, seja maior que a que se acha em todos os outros viventes, mas para que ficasse manifesta ao rei a interpretação do seu sonho e para que soubesses os pensamentos do teu espírito. Tu, ó rei, estavas olhando e parecia-te que vias como que uma grande estátua; e esta estátua grande e de altura extraordinária, estava de pé diante de ti e o seu aspecto era espantoso. A cabeça desta estátua era de ouro finíssimo; porém o peito e os braços eram de prata; o ventre e as coxas eram de cobre; as pernas eram de ferro; uma parte dos pés era de ferro e a outra de barro. Estavas a olhá-la, quando uma pedra se desprende dum monte sem intervirem mãos, a qual feriu a estátua nos seus pés de ferro e de barro e os fez em pedaços. Então se quebraram a um tempo o ferro, o barro, o cobre, a prata e o ouro, e ficaram reduzidos como a miúda palha que o vento leva para fora da eira no tempo do estio; não ficou nada deles; porém a pedra que tinha dado na estátua tornou-se um grande monte que encheu toda a terra.

Este é o sonho. Diremos também na tua presença, ó rei, a sua interpretação. Tu és o rei; o Deus do céu deu-te o reino, a força, o império e a glória; e (sujeito ao teu poder) todos os lugares em que habitam os filhos dos homens e os animais do campo; entregou também nas tuas mãos as aves do céu, e todas as coisas submeteu ao teu domínio; tu, pois, és a cabeça de ouro. Depois de ti, se levantará outro reino, menor que o teu, que será de prata; é outro

terceiro reino, que será de cobre, o qual mandará em toda a terra. O quarto reino será como ferro; assim como o ferro quebra e doma todas as coisas, assim ele quebrará e fará todos os outros em migalhas. E, quanto o que viste dos pés e dos dedos serem uma parte de barro de oleiro e outra parte de ferro, esse reino, que terá com tudo isso a sua origem da veia do ferro, será dividido, segundo tu viste que o ferro estava misturado com a terra e com o barro. Os dedos dos pés, em parte de ferro e em parte de barro, dão a entender que esse mesmo reino será em parte firme e em parte frágil. E como tu viste que o ferro estava misturado com a terra e com o barro, também eles se misturarão por meio de parentescos contraídos, mas não formarão um corpo único entre si, assim como o ferro se não pode ligar com o barro. No tempo, porém, daqueles reinos suscitará o Deus do céu um reino que não será jamais destruído, e este reino não passará a outro, povo; antes esmigalhará e aniquilará todos estes reinos e ele subsistirá para sempre. Segundo o que viste, que uma pedra foi arrancada do monte sem intervir mão de (homem) e esmigalhou o barro, o ferro, o cobre, a prata, o ouro, com isto mostrou o grande Deus ao rei o que está para vir nos tempos futuros. É verdadeiro o sonho e fiel esta interpretação.

Então o rei Nabucodonosor, prostrou-se com o rosto em terra, adorou Daniel e mandou que lhe fizessem sacrifícios de vítimas e lhe queimassem incenso. O rei, pois, falando a Daniel, disse-lhe: Verdadeiramente o vosso Deus é o Deus dos deuses, o Senhor dos reis, o que revela os mistérios, pois que pudeste descobrir este segredo.

Daniel, 2, 1-47

A VISÃO DA ÁRVORE

Eu, Nabucodonosor, estava tranquilo em minha casa e feliz no meu palácio. Tive um sonho que me atemorizou; e, estando na minha cama, os meus pensamentos e as visões da minha imaginação perturbaram-me.

Por esta causa publiquei um decreto para que viessem a minha presença os adivinhos, os magos, os caldeus e os agoureiros, aos quais contei o meu sonho na sua presença; mas eles não me deram a sua interpretação; até que se apresentou diante de mim o seu colega Daniel, que tem por nome Baltasar, segundo o nome do meu deus, o qual tem em si mesmo o espírito dos deuses santos; expus diante dele assim o meu sonho: Baltasar, príncipe dos adivinhos, como eu sei que tens em ti o espírito dos deuses santos e que nenhum segredo te é impenetrável, expõe-me as visões dos sonhos que tive e da-me a sua interpretação.

A visão da minha imaginação, estando eu na minha cama, foi esta: Parecia-me ver no meio da terra uma árvore e a sua altura era desmarcada. Era uma árvore grande e forte, e a sua altura chegava até o céu; via-se das extremidades de toda a terra. As suas folhas eram formosíssimas e os seus frutos copiosíssimos; dela todos se podiam sustentar.

Os animais domésticos e selvagens habitavam debaixo dela, as aves do céu pousavam sobre os seus ramos, e dela se sustentava toda a carne.

Eu estava vendo isto na visão da minha imaginação sobre o meu leito, e eis que um dos que velam e que são santos, desceu do céu.

Chamou com voz forte, e disse: Deitai abaixo esta árvore, cortai-lhe os ramos, fazei-lhe cair as folhas e dispersar seus frutos; fujam os animais que estão debaixo dela e as aves que estão sobre os seus ramos. Deixai todavia na terra o tronco com as suas raízes; seja ele atado com cadeias de ferro e de bronze entre as ervas dos campos, seja molhado com o orvalho do céu e a sua sorte seja com as feras entre a erva da terra.

Mude-se-lhe o seu coração de homem, dê-se-lhe um coração de fera e passem sete tempos por cima dele. Por sentença dos que velam, assim foi decretado, e esta é a palavra e a petição dos santos, até que conheçam os viventes que o Altíssimo é quem tem o domínio sobre os reinos dos homens, dá-los-á a quem quiser, e porá nele o mais humilde dos homens. Eis o sonho que eu, rei Nabucodonosor, tive. Tu, pois, Baltasar, apressa-te a interpretar-mo, porque nenhum dos sábios do meu reino me pode dizer o que

significa; tu, porém, podes, porque o espírito dos deuses santos está em ti.

Então, Daniel, por outro nome Baltasar, começou a pensar consigo mesmo em silêncio durante quase uma hora, e os seus pensamentos perturbavam-no. Mas o rei, tomando a palavra, disse-lhe: Baltasar, não te turbe o sonho, nem a sua interpretação. Baltasar respondeu-lhe e disse: Meu senhor, (oxalá que) o sonho seja contra os que têm ódio e a sua interpretação seja contra os teus inimigos. A árvore que tu viste alta e robusta, cuja altura chega até o céu, e que se via de toda a terra, (essa árvore) cujos ramos eram formosíssimos e cujos frutos muito abundantes, na qual todos achavam com que se sustentam, sob a qual os animais do campo habitavam, e em cujos ramos as aves do céu pousavam, és tu, ó rei, que tens sido engrandecido e que te fizeste poderoso; cresceu a tua grandeza e chegou até o céu, o teu poder estendeu-se até as extremidades de toda a terra. E quanto ao ter o rei visto o que vela e que é santo baixar do céu e dizer: Deitai abaixo esta árvore e cortai-lhe os ramos, deixai todavia na terra o tronco com as suas raízes, seja ele atado com cadeias de ferro e de bronze entre as ervas dos campos, seja molhado com o orvalho do céu e o seu pasto seja com as feras, até se terem passado sete tempos por cima dele; eis a interpretação da sentença do Altíssimo, que foi pronunciada contra o rei, meu senhor: Lançar-te-ão fora da companhia dos homens, a tua habitação será com os animais e feras, comerás feno como boi e serás molhado com o orvalho do céu; passar-se-ão assim sete tempos por cima de ti, até que reconheças que o Altíssimo domina sobre o reino dos homens e dá a quem lhe apraz. Quanto à ordem de deixar o germe das raízes da árvore, (isso significa que) o teu coração se ficará conservando para se tornar a dar, depois que tiveres reconhecido que o teu poder vem do céu. Portanto segue, ó rei, o conselho que te dou, e resgata os teus pecados com esmolas e as tuas iniquidades com obras de misericórdia para com os pobres; talvez que o Senhor te perdoe os teus delitos.

Todas estas coisas aconteceram ao rei Nabucodonosor.

Daniel, 4, 1-25

O sonho de Mardoqueu

No quarto ano, reinando Ptolomeu e Cleópatra, Dosileu, que se dizia sacerdote e da linhagem de Levi, e Ptolomeu, seu filho, trouxeram esta carta a respeito dos Purim, que disseram ter sido traduzida em Jerusalém por Lisímaco, filho de Ptolomeu.

Este princípio estava também na edição Vulgata, o qual não se encontra nem no hebraico, nem tampouco em algum dos intérpretes.

No ano segundo, reinando o mui grande Artaxerxes (ou Assuero), no primeiro dia do mês de Nisan, Mardoqueu, filho de Jair, filho de Semei, filho de Cis, da tribo de Benjamim, teve um sonho. Ele era um homem judeu, que morava na cidade de Susa, varão grande e dos primeiros da corte do rei. Era do número dos cativos que Nabucodonosor, rei da Babilônia, levava de Jerusalém, com Jeconias, rei de Judá.

O seu sonho foi este: Pareceu-lhe ouvir vozes, estrondos, trovões, terremotos e perturbações sobre a terra; e eis que apareceram dois grandes dragões, prontos para combater um contra o outro. Ao ruído deles alvoroçaram-se todas as nações para combater contra a nação dos justos. E foi aquele um dia de trevas e de perigo, de tributação e de angústia, e houve grande temor sobre a terra. Conturbou-se a nação dos justos, temendo os seus males, e preparou-se para a morte.

Clamaram a Deus; e, quando levantaram o grito, uma pequena fonte tornou-se um rio muito grande, que derramou água em grandíssima abundância. A luz e o sol brilharam, os humildes foram exaltados e devoraram os grandes. Quando Mardoqueu viu isto, levantou-se do leito e pôs-se a pensar no que Deus queria fazer; tinha o sonho fixo no espírito, desejando saber o que significaria.

Ester, 11, 1-12

Mardoqueu disse: Deus ó quem fez isto. Lembro-me de um sonho que tive, o qual significava isto mesmo; e nada (do que sonhei) ficou por cumprir. A pequena fonte, que cresceu até se tornar um rio, que se transformou em luz e em sol, e derramou águas em grandíssima abundância, é Ester, a qual o rei tomou por mulher e quis que fosse rainha. Os dois dragões sou eu e Aman. As gentes, que se juntaram, são aqueles que intentaram apagar o nome dos judeus. E a minha gente é Israel, o qual chamou ao Senhor: o Senhor salvou o seu povo e nos livrou de todos os males, e fez grandes milagres e prodígios no meio das nações; ordenou que houvesse duas sortes. uma para o povo de Deus e outra para todas as gentes.

Ester, 10, 4-10

O sonho de Abimelec

— E Abraão partiu dali para a parte do meio dia, habitou entre Cades e Sur, e viveu como peregrino em Gerara. E, falando de Sara sua mulher, disse: É minha irmã. Mandou, pois, Abimelec, rei de Gerara, buscá-la. Mas Deus apareceu de noite em sonhos a Abimelec, e disse-lhe: Eis que morrerás por causa da mulher que roubaste, porque ela tem marido. Ora Abimelec não a tinha tocado, e disse: Senhor; matarás tu um povo ignorante e justo? Porventura não me disse ele: Ela é minha irmã; e não me disse ela: Ele é meu irmão? Fiz isto na simplicidade do meu coração, e com pureza das minhas mãos. E Deus disse-lhe: Sei que procedeste com um coração simples; e, por isso, te preservei de pecar contra mim, e não permiti que a tocasses. Agora, pois, entrega a mulher a seu marido, porque ele é profeta; e rogará por ti, e tu viverás; se, porém, não quiseres restituí-la, sabe que morrerás indubitavelmente, tu e tudo o. que é teu. E Abimelec, levantando-se logo, sendo ainda noite, chamou todos os seus servos e contou-lhes todas estas coisas, e todos ficaram muito atemorizados. Depois Abimelec chamou também Abraão, e disse-lhe: Que nos fizeste tu? Que mal te fizemos nós para atraíres sobre mim e sobre o meu reino tão grande pecado? Fizeste-nos o que não deveras fazer. E, continuando ainda as suas queixas, disse: O que tiveste em vista fazendo isto? Abraão respondeu-lhe: Pensei comigo mesmo, e disse: Talvez nesta terra não há temor de Deus, e me matarão por causa de minha mulher. Por outra parte ela é verdadeiramente minha irmã, filha de meu pai, (embora) não filha de minha mãe e eu a recebi por mulher. Mas depois que Deus me tirou da casa de meu pai, eu disse-lhe: Faze-me esta graça: em qualquer lugar onde entrarmos, dirás que eu sou teu irmão. Tomou, Abimelec ovelhas e bois e escravos e escravas, e deu-os a Abraão; e restituiu-lhe Sara, sua mulher, e disse-lhe: Esta terra está diante de ti, habita onde te agradar.

Gênese, 20, 1-15

O sonho de Jacó

Jacó, pois, tendo partido de Bersabeia, ia para Haran. Tendo chegado a certo lugar, e, querendo nele descansar depois do sol posto, tomou uma das pedras que ali estavam, e, pondo-a debaixo da cabeça, dormiu naquele mesmo lugar. Viu, em sonhos uma escada posta sobre a terra, cujo cimo tocava o céu, e os anjos de Deus subindo e descendo por ela, e o Senhor apoiado na escada, que lhe dizia: Eu sou o Senhor Deus de Abraão, teu pai; e Deus de Isaac; darei a ti e a sua descendência a terra em que dormes. A tua posteridade será como o pó da terra; dilatar-te-ás para o ocidente, para o oriente, para o setentrião e para o meio-dia; serão abençoadas em ti e na tua geração todas as tribos da terra. Eu serei o teu protetor para onde quer que fores, reconduzir-te-ei a esta terra, e não te abandonarei sem cumprir tudo o que disse. Tendo Jacó despertado do sono, disse: Na verdade o Senhor está neste lugar, e eu não o sabia. Cheio de pavor, disse: Quão terrível é este lugar! Não há aqui outra coisa senão a casa de Deus e a porta do céu.

Gênese, 28, 10-17

O sonho de Salomão

Foi Salomão, pois, a Gabaão, para lá sacrificar, porque este era o mais considerável entre todos os lugares altos; e ofereceu mil hóstias em holocausto sobre aquele altar. Em Gabaão apareceu o Senhor a Salomão, em sonhos, de noite, dizendo: Pede-me o que quiseses que eu te dê. Salomão disse: Tu usaste de grande misericórdia com meu pai Davi, teu servo, segundo a verdade e justiça com que ele andou na tua presença, e segundo a retidão de coração para contigo: tu lhe conservaste a sua grande misericórdia, e lhe deste um filho que se sentasse sobre o seu trono, como hoje

se verifica. Agora, ó Senhor Deus, tu me fizeste reinar a mim, teu servo, em lugar de Davi, meu pai; mas eu sou (como) um menino pequenino, e não sei por onde hei de sair nem por onde hei de entrar. O teu servo está no meio do povo que tu escolheste, povo infinito, que não pode contar-se nem reduzir-se a número, pela multidão. Tu, pois, darás ao teu servo um coração dócil, para poder julgar o teu povo, e discernir entre o bem e o mal, porque quem poderá julgar este povo tão numeroso?

Agradou ao Senhor esta oração por ter Salomão pedido tal coisa.

O Senhor disse a Salomão: Pois que esta foi a petição que me fizeste, e não pediste para ti muitos dias, nem riquezas, nem a morte de teus inimigos, mas pediste-me para ti a sabedoria a fim de discernires o que é justo; eis pois te fiz o que me pediste, e te dei um coração tão cheio de sabedoria e de inteligência, que nenhum antes de (i te foi semelhante nem se levantará outro depois de ti: Além disso dei-te também o que me não pediste, a saber: riquezas e glória em tal grau, que não se encontrará semelhante a ti entre os reis de todos os séculos passados. E, se tu andares nos meus caminhos, e guardares os meus preceitos e os meus mandamentos, como teu pai os guardou, eu prolongarei os teus dias.

Então despertou Salomão e compreendeu que era sonho; e, tendo ido a Jerusalém, pôs-se diante da arca da aliança do Senhor, ofereceu holocaustos, imolou vítimas pacíficas e deu a todos os seus servos um grande banquete.

I Reis, 3, 4-15

O vazio dos sonhos

É próprio do homem insensato sustentar-se das vãs esperanças e de mentira; e os sonhos dão asas à fantasia dos imprudentes.

Como quem se abraça com uma sombra e vai atrás do vento, assim é o que atende a enganosas visões.

As visões dos sonhos são a semelhança das coisas; são como a imagem de um homem diante do seu próprio rosto.

Que coisa será limpa para um imundo? É por um mentiroso que a verdade será dita?

A adivinhação errônea, os agouros falsos, e os sonhos dos malfeitores são vaidade.

E o teu coração, como o da mulher que está de parto, padecerá imaginações. Se pelo Altíssimo não te foi enviada alguma destas visões, não ponhas nela teu coração.

Eclesiastes, 34, 1-6

Da parcimônia

Não digas inconsideradamente, nem o teu coração se apresse a proferir palavras diante de Deus. Porque Deus está no céu e tu sobre a terra; portanto sejam poucas as tuas palavras. Os muitos cuidados produzem sonhos e no muito falar achar-se-á a loucura.

Eclesiastes, 5,1-2

visões proféticas

AS QUATRO BESTAS

No primeiro ano de Baltasar, rei da Babilônia, teve Daniel uma visão em sonhos. Esta visão teve-a o seu espírito, estando na sua cama; e, escrevendo o seu sonho, resumiu-o em poucas palavras, e, apontando-o em suma, disse: Eu estava na minha visão noturna, e eis que os quatro ventos do céu pelejavam uns contra os outros no mar grande. E quatro grandes animais, diferentes uns dos outros, saíam do mar. O primeiro era como uma leoa e tinha asas de águia; quando eu estava olhando para ela, foram-lhe arrancadas as asas, foi levantada da terra e pôs-se sobre os seus pés, como um homem, e foi-lhe dado um coração de homem. Vi outro animal semelhante a um urso, que se pôs ao seu lado, o qual tinha três ordens de dentes na sua boca, e diziam-lhe assim: Levanta-te, come carne em abundância. Depois disto estava eu olhando e vi outro (animal), que era como um leopardo, tinha em cima de si quatro asas, como asas dum pássaro; este animal tinha quatro cabeças e foi-lhe dado o poder. Depois disto, eu contemplava esta visão noturna, e eis que vi um quarto animal, terrível e espantoso e extraordinariamente forte; tinha uns grandes dentes de ferro; devorava, despedaçava e calcava aos pés o que sobejava; era diferente dos outros animais que eu tinha visto antes dele, e tinha dez chifres. Estava eu contemplando os chifres, e eis que vi outro chifre pequeno, que nascia do meio deles; três dos primeiros chifres foram arrancados diante dele; reparei que neste chifre havia uns olhos como olhos de homem, e uma boca que falava com insolência.

O ANCIÃO E O JULGAMENTO

Eu estava atento ao que via, até que foram postos uns tronos, e o Ancião dos (muitos) dias sentou-se; o seu vestido era branco como a neve e os cabelos da sua cabeça como a pura lã; o seu trono era

de chamas de fogo e as rodas deste trono um fogo ardente. De diante dele saía um impetuoso rio de fogo; eram milhares de milhares os que assistiam diante dele. Assentou-se para julgar e foram abertos os livros.

Eu olhava atentamente por causa do ruído das palavras arrogantes que este chifre proferia; e vi que o animal tinha sido morto e que o seu corpo perecera e fora entregue ao fogo para ser queimado; vi também que tinha sido tirado o poder aos outros animais, e que a duração da sua vida lhes tinha sido assinalada até um tempo e um tempo.

O FILHO DO HOMEM

Eu estava, pois, observando estas coisas durante a visão noturna, e eis que vi um que parecia o filho do homem, que vinha com as nuvens do céu, e que chegou até ao Ancião' dos (muitos) dias; e o apresentaram diante dele. E ele deu-lhe o poder, a honra e o reino; todos os povos, tribos e línguas o serviram; o seu poder é um poder eterno que lhe não será tirado; o seu reino não será jamais destruído.

O meu espírito encheu-se de horror; eu, Daniel, fiquei atemorizado com estas coisas, e as visões da minha cabeça perturbaram-me. Aproximei-me dum dos assistentes e perguntei-lhe a verdadeira significação de todas estas coisas. Ele deu-me a interpretação destas visões e ensinou-me: Estes quatro grandes animais são quatro reinos, que se levantarão da terra. Mas os sonhos do Deus altíssimo receberão o reino e entrarão na posse do mesmo reino até ao fim dos séculos, e por todos os séculos dos séculos.

Depois disto, quis eu diligentemente informar-me do quarto animal, que era muito diferente de todos os outros, sobremaneira temeroso, cujos dentes e unhas eram de ferro, e que devorava, despedaçava e calcava com os pés o que sobejava. E quis (também informar-me) dos dez chifres que tinha na cabeça, do outro que lhe viera de novo, na presença do qual tinham caído três dos outros chifres, deste chifre, que tinha olhos e tinha uma boca que falava

com insolência e que se tinha tornado maior do que os outros. Estava eu observando e eis que aquele chifre fazia guerra contra os santos, sobre os quais prevalecia, até que veio o Ancião dos (muitos) dias, sentenciou a favor dos santos do Excelso, chegou o tempo e os santos obtiveram o reino.

O QUARTO REINO

Ele falou assim: O quarto animal será na terra o quarto reino, que será maior do que todos os outros reinos, devorará toda a terra, calca-la-á aos pés, e a despedaçará. Os dez chifres deste reino serão dez reis; depois deles se levantará outro: será mais poderoso do que os primeiros e humilhará os três reis. E falará insolentemente contra o Excelso, atropelará os santos do Altíssimo e imaginará que pode mudar os tempos e as leis; os santos serão entregues nas suas mãos até um tempo, dois tempos e metade dum tempo. E (depois) se realizará o juízo, a fim de que lhe seja tirado o poder, seja ele destruído e pereça para sempre, e seja dado o reino, o poder e a grandeza, do reino, que está debaixo de todo o céu, ao povo dos santos do Altíssimo, cujo reino é um reino eterno, e ao qual servirão e obedecerão todos os reis.

Aqui terminou o que me foi dito. Eu, Daniel, fiquei muito perturbado com estes meus pensamentos e todo o meu semblante se mudou; mas conservei no meu coração esta, visão.

O CARNEIRO E O BODE

No terceiro ano do reinado do rei Baltasar, tive uma visão. Eu, Daniel, depois do que tinha visto no princípio, vi uma visão que tive, encontrando-me no castelo de Susa, que está no país de Elam; vi, pois, nesta visão que eu estava à porta de Ulai.

Levantei os meus olhos e olhei; e eis que estava em pé diante duma lagoa um carneiro que tinha uns chifres elevados, um dos quais era mais alto do que o outro, e crescia pouco a pouco. Depois vi que o carneiro dava marradas contra o ocidente, o aquilão e o

meio-dia, e nenhuma besta lhe podia resistir, nem livrar-se do seu poder; fez quanto quis e tornou-se poderoso.

Estava eu considerando isto, e eis que um bode vinha do ocidente sobre a face de toda a terra, e (tão rapidamente que) não tocava na terra; este bode tinha um grande chifre entre os seus olhos.

Dirigiu-se contra aquele carneiro que tinha chifres, o qual eu tinha visto em pé diante da porta; e correu para ele com todo o ímpeto de sua força. Tendo chegado perto do carneiro, atacou-o com fúria, feriu-o, quebrou-lhe os dois chifres, sem que o carneiro lhe pudesse resistir; e, tendo-o lançado por terra, pisou-o aos pés, e não houve quem pudesse livrar o carneiro do seu poder. O bode tornou-se extraordinariamente grande; e, tendo crescido, quebrou-se o seu grande chifre, por baixo do qual formaram-se quatro chifres para os quatro ventos do céu. Porém, dum destes saiu um chifre pequeno, que se tornou grande contra o meio-dia, contra o oriente e contra a terra forte. Elevou-se até contra a fortaleza do céu; deitou abaixo muitas estrelas e pisou-as aos pés.

Elevou-se até contra o príncipe da força, tirou-lhe o sacrifício perpétuo e destruiu o lugar do seu santuário. Foi-lhe dado poder contra o sacrifício perpétuo, por causa dos pecados; a verdade será abatida sobre a terra, e ele empreenderá tudo, e tudo lhe sucederá conforme seu desejo.

Então ouvi um dos santos que falava; e um santo perguntou a outro, não sei qual, que lhe falava: Até quando durará (o que) a visão (anuncia) quanto ao sacrifício perpétuo e ao pecado da desolação que foi feita; e até quando será calcado aos pés o santuário e a fortaleza? Ele respondeu-lhe: Até dois mil e trezentos dias compostos de tarde e manhã; e depois o santuário será purificado.

Ora, enquanto eu, Daniel, tinha esta visão, e procurava a sua inteligência, eis que se apresentou diante de mim uma como figura de homem. Ouvi a voz dum homem no meio de Ulai, o qual gritou e disse: Gabriel, explica-lhe esta visão. Veio e parou junto do lugar onde eu estava; e, quando ele chegou, caí espavorido com o rosto por terra, e ele disse-me: Entende, filho do homem, porque esta

visão se cumprirá no tempo fixado. E, enquanto me estava falando, tornei a cair com o rosto por terra; ele, porém, tocou-me e fez-me pôr em pé. Depois disse-me: Eu te mostrarei o que há de suceder no fim da maldição, porque o tempo tem o seu fim.

A EXPLICAÇÃO

O carneiro que viste, e que tinha chifres, é o rei dos medos e dos persas. O bode é o rei dos gregos; o grande chifre, que ele tinha entre os seus dois olhos, é o primeiro dos seus reis. Quanto aos quatro chifres, que, depois de quebrado aquele primeiro, se levantaram em seu lugar, são os quatro reis, que se levantarão da sua nação, mas sem terem a sua força. Depois do seu reinado, quando tiverem crescido as iniquidades, levantar-se-á um rei descarado e compreendedor de enigmas; o seu poder se firmará, mas não pelas suas próprias forças; devastará tudo, além de quanto se pode imaginar, tudo lhe correrá bem e fará tudo o que quiser; matará os robustos e o povo dos santos, segundo a sua vontade; terão bom êxito os dolos que urdir, tornar-se-á arrogante o seu coração, e, vendo-se na abundância de todas as coisas, matará muitíssimos, e levantar-se-á contra (Deus) o príncipe dos príncipes, porém será aniquilado sem intervir mão de homem. E aquela visão da tarde e da manhã, que te foi representada, é verdadeira. Sela esta visão, porque ela não sucederá senão depois de muitos dias.

Depois disto, eu, Daniel, perdi as forças e fiquei doente alguns dias; tendo-me levantado, trabalhava nos negócios do rei e estava pasmado da visão, sem haver quem a pudesse interpretar.

AS SETENTA SEMANAS

No primeiro ano de Dario, filho de Assuero, da estirpe dos medos, que reinou no império dos caldeus; no primeiro ano do seu reinado, eu, Daniel, pela lição dos livros (santos), compreendi, segundo o número dos anos de que o Senhor tinha falado ao profeta Jeremias, que a desolação de Jerusalém devia durar setenta anos.

Voltei o meu rosto para o Senhor meu Deus, para lhe rogar e suplicar com jejuns, saco e cinza.

Orei ao Senhor meu Deus, fiz confissão das faltas e disse:

ORAÇÃO E CONFISSÕES DE DANIEL

Digna-te ouvir-me, ó Senhor Deus grande e terrível, que guardas a tua aliança e a tua misericórdia para com os que te amam e que observam os teus mandamentos. Nós pecamos, cometemos a iniquidade, procedemos impiamente, apostatamos e afastamo-nos dos teus preceitos e das tuas leis. Não temos obedecido aos profetas, teus servos, que falaram em teu nome aos nossos reis, aos nossos príncipes, aos nossos pais, e a todo o povo do país. Tua é, ó Senhor, a justiça; a nós, porém, não nos resta senão a confusão do nosso rosto, como sucede hoje a todo homem de Judá, aos habitantes de Jerusalém e a todo o Israel, aos que estão perto e aos que estão longe em todos os países, para onde tu os lançaste, por causa das iniquidades que cometeram contra ti. Para nós, Senhor, a confusão do rosto, para os nossos reis, para os nossos príncipes e para os nossos pais, que pecaram. Mas de ti, ó Senhor nosso Deus, é própria a misericórdia e a propiciação; porque nos retiramos de ti, e não ouvimos a voz do Senhor nosso Deus, para andarmos segundo a sua lei, que nos prescreveu por meio dos seus servos, os profetas. Todos os de Israel violaram a tua lei, desviaram-se para não ouvirem a tua voz e choveu sobre nós a maldição e a execração que está escrita no livro de Moisés servo de Deus, porque pecamos contra Deus. Cumpriu a sentença que proferiu contra nós e contra os nossos príncipes que nos julgaram, para fazer vir sobre nós esta calamidade grande, qual nunca se viu debaixo de todo o céu, como o que aconteceu a Jerusalém. Todo este mal caiu sobre nós, segundo está escrito na lei de Moisés, e nós não recorremos a ti, ó Senhor nosso Deus, de maneira a nos afastarmos das nossas iniquidades e a nos aplicarmos ao conhecimento da tua verdade. Assim o Senhor vigiou sobre a malícia e fez cair sobre nós o castigo dela; o Senhor nosso Deus é justo em todas as obras que fez, porque nós não ouvimos a sua voz.

Agora, Senhor nosso Deus, que tiraste o teu povo da terra do Egito com mão poderosa, e que adquiriste então um nome que dura até ao dia de hoje, (confessamos que) temos pecado, que temos cometido a iniquidade. Senhor, por toda a tua justiça, suplico-te que aplaques a tua ira e o teu furor contra a cidade de Jerusalém e contra o teu santo monte; porque Jerusalém e o teu povo são hoje o escárnio de todos os que nos cercam, por causa dos nossos pecados e das iniquidades de nossos pais. Atende, pois, agora, Deus nosso, à oração do teu servo e às suas preces; sobre o teu santuário, que está deserto, faz brilhar a tua face, por amor de ti mesmo. Inclina, Deus meu, o teu ouvido e ouve; abre os teus olhos e vê a nossa desolação, e a da cidade, na qual se invocava o teu nome; porque nós, prostrando-nos em terra diante da tua face, não fazemos estas súplicas fundados em alguns merecimentos da nossa justiça, mas sim na multidão das tuas misericórdias. Ouve, Senhor, aplaca-te, Senhor; atende-nos e põe mãos à obra; não dilates mais, Deus meu, por amor de ti mesmo, porque esta cidade e este teu povo tem a glória de se chamarem do teu nome.

E, quando eu ainda falava, orava, e confessava os meus pecados e os pecados do meu povo de Israel, e, quando prostrado apresentava as minhas súplicas na presença do meu Deus a favor do santo monte do meu Deus.

GABRIEL TRAZ A RESPOSTA

Quando eu, digo, ainda não tinha bem acabado as palavras da minha súplica, eis que Gabriel, aquele varão que eu tinha visto no princípio da visão, voando rapidamente, me tocou no tempo do sacrifício da tarde; instruiu-me, falou-me e disse: Daniel, eu vim agora para te ensinar e para que tu entendas (os desígnios de Deus). Desde o princípio das tuas preces, foi dada esta ordem, e eu vim para cá descobrir, porque tu és um varão de desejos; toma, pois, bem sentido no que vou dizer-te e compreende a visão.

Setenta semanas de anos foram decretadas sobre o teu povo e sobre a tua cidade santa a fim de que as prevaricações se consumassem, o pecado tenha o seu fim, a iniquidade se apague, a

justiça eterna seja trazida, as visões e profecias se cumpram e o Santo dos santos seja ungido. Sabe, pois, isto e adverte-o bem: Desde a saída da ordem para Jerusalém ser reedificada até o Cristo chefe, passarão sete semanas e sessenta e duas semanas; e serão reedificadas as praças e os muros nos tempos de angústia. Depois das sessenta e duas semanas, será morto o Cristo, e o povo que o há de negar não será mais seu. Um povo com o seu capitão, que há de vir, destruirá a cidade e o santuário; o seu fim será uma ruína total, e, depois do fim da guerra virá a desolação decretada. E (o Cristo) confirmará com muitos a sua aliança durante uma semana; no meio da semana fará cessar a hóstia e o sacrifício; estará no templo a abominação da desolação; e a desolação durará, até à consumação e até o fim.

Daniel 7,1-28; 8,1-27; 9,1-27 (2)

2 Os comentários bíblicos afirmam que as quatro feras corresponde a Síria, e o chifre blasfemador é Antíoco IV, grande perseguidor dos judeus. Os dez reis são Alexandre Magno; Seleuco I; Nicator; Antíoco Soter; Antíoco II, Calínico; Seleuco IO; Cerauno; Antíoco III, o Grande; Seleuco IV, Filopator; Heliodoro; e Demétrio I, Soter.

Os desaparecidos são Seleuco IV (assassinado por Heliodoro), Heliodoro e Demétrio I.

O ancião é Deus, disposto a julgar os impérios orientais. A personagem semelhante a um filho de homem, é o Messias: Jesus Cristo recorda a passagem em Mateus 26-64, ante o sumo sacerdote. Depois se alude à luta de Alexandre com os persas, à formação de seu império e ao desmembramento do mesmo, depois da morte do filho de Filipe da Macedônia. A profecia de Daniel — as setenta semanas — se baseia na de Jeremias — setenta anos — e se interpreta como "setenta semanas de anos".

Sonho duplo

Ora, em Damasco havia um discípulo chamado Ananias, ao qual o Senhor, numa visão, disse-lhe: Ananias. Ele respondeu: Eis-me aqui.

Senhor. O Senhor disse-lhe: Levanta-te, vai à rua chamada Direita, e busca em casa de Judas um (homem) de Tarso, chamado Saulo; porque ei-lo que está orando. (E, neste mesmo tempo Saulo, em uma visão viu um homem, chamado Ananias, que entrava, e lhe impunha as mãos para recobrar a vista). Ananias respondeu: Senhor, tenho ouvido dizer a muitos quantos males este homem fez aos teus santos em Jerusalém: e aqui ele tem poder dos príncipes dos sacerdotes para prender todos os que invocam o teu nome. Mas o Senhor disse-lhe: Vai, porque este é um instrumento escolhido por mim para levar o meu nome diante das gentes, dos reis e dos filhos de Israel. Porque eu lhe mostrarei quanto deve sofrer pelo meu nome. Foi Ananias, e entrou na casa e, impondo-lhe as mãos, disse: Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas, enviou-me para que recuperes a vista e fiques cheio do Espírito Santo. Imediatamente, lhe caíram dos olhos umas como escamas e recuperou a vista. Levantando-se, foi batizado.

Apóstolos, 9, 10-18

O Anjo do Senhor nos sonhos de José

A geração de Jesus Cristo foi deste modo: Estando Maria, sua mãe, desposada com José, achou-se ter concebido (por obra) do Espírito Santo, antes de coabitarem. José, seu esposo, sendo justo, e não a querendo difamar, resolveu repudiá-la secretamente. Andando ele com isto no pensamento, eis que um anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos, e lhe disse: José, filho de Davi, não temas receber em tua casa Maria, tua esposa, porque o que nela foi concebido é (obra) do Espírito Santo. Dará à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus, porque ele salvará o seu povo dos seus pecados.

Tudo isto aconteceu para que se cumprisse o que foi dito pelo Senhor por meio do profeta, que diz: Eis que a Virgem conceberá e dará à luz um filho, e lhe porão o nome de Emanuel, que quer dizer "Deus conosco".

Ao despertar José do sono, fez como lhe tinha mandado o anjo do Senhor, e recebeu em sua casa (Maria), sua esposa. Não a conheceu até que deu à luz um filho, e pos-lhe o nome de Jesus.

Tendo, pois, nascido Jesus em Belém de Judá, no tempo do rei Herodes, eis que uns magos chegaram do Oriente a Jerusalém, dizendo: Onde está o rei dos judeus, que acaba de nascer? Porque nós vimos a sua estrela no Oriente, e viemos adorá-lo.

Ao ouvir isto, o rei Herodes turbou-se, e toda a Jerusalém com ele. E, convocando todos os príncipes dos sacerdotes e os escribas do povo, perguntou-lhes onde havia de nascer o Messias. .E eles disseram-lhe: Em Belém de Judá, porque assim foi escrito pelo profeta. E tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és a menor entre as principais (cidades) de Judá, porque de ti sairá um chefe, que apascentará Israel, meu povo. Então, Herodes, tendo chamado secretamente os magos, inquiriu deles cuidadosamente acerca do tempo em que lhes tinha aparecido-a estrela; e, enviando-os a

Belém, disse: Ide e informai-vos bem acerca do menino, e, quando o encontrardes, comunicai-mo, a fim de que também eu o vá adorar.

Eles, tendo ouvido as palavras do rei, partiram; e eis que a estrela que tinham visto no Oriente, ia adiante deles, até que, chegando sobre (o lugar) onde estava o menino, parou. Vendo (novamente) a estrela, ficaram possuídos de grandíssima alegria. E, entrando na casa, viram o menino com Maria, sua mãe, e, prostrando-se, o adoraram; e, abrindo os seus* tesouros, lhe ofereceram presentes (de) ouro, incenso e mirra. E, avisados por Deus em sonhos para não tornarem a Herodes, voltaram por outro caminho para a sua terra.

Tendo eles partido, eis que um anjo do Senhor apareceu em sonhos a José, e lhe disse: Levanta-te, toma o menino e sua mãe, e foge para o Egito, e fica lá até que eu te avise, porque Herodes vai procurar o menino para lhe tirar a vida. E ele, levantando-se de noite, tomou o menino e sua mãe, e retirou-se para o Egito; lá esteve até á morte de Herodes, cumprindo deste modo o que tinha dito pelo Senhor por meio do profeta que disse: "Do Egito chamei o meu filho".

Então Herodes, vendo que tinha sido enganado pelos magos, irou-se em extremo, e mandou matar todos os meninos, que havia em Belém e em todos os seus arredores, da idade de dois anos para baixo, segundo a data que tinha averiguado dos magos. Então se cumpriu o que estava predito pelo profeta Jeremias: "Uma voz se ouviu em Rama, pranto e grande lamentação, Raquel chorando os seus filhos, sem admitir consolação, porque já não existem".

Morto Herodes, eis que o anjo do Senhor apareceu em sonhos a José no Egito, dizendo: Levanta-te, toma o menino e sua mãe, e vai para a terra de Israel, porque morreram os que procuravam (tirar) a vida do menino. E ele, levantando-se, tomou o menino e sua mãe e entrou na terra de Israel.

Evangelho de São Mateus, 1, 1.8-25; 2, 1-21

História de Kessi

O pai havia morrido. Kessi vivia com sua mãe, e era o melhor caçador. Cada dia recolhia peças de caça abatida para a mesa materna e alimentava os deuses com suas oferendas. Kessi enamorou-se de Shintalimeni, a mais jovem de sete irmãs. Esqueceu a caça, e entregou-se ao ócio e ao amor. A mãe repreendeu-o: O melhor caçador, caçado! O filho tomou a lança, chamou sua matilha e partiu. Porém o homem que esquece os deuses, pelos deuses é esquecido.

As feras se haviam escondido e ele vagou durante três meses.

Exausto, dormiu ao pé de uma árvore. Ali habitavam os duendes do bosque, e eles decidiram devorar o jovem. Mas esta era também a terra onde viviam os espíritos dos mortos, e o pai de Kessi imaginou um stratagem. "Gnomos! Por que vão matá-lo? Roubem sua capa para que sinta frio e se vá". Os gnomos são gatunos e Kessi acordou com o vento que lhe assoviava nos ouvidos e lhe flagelava as costas. Dirigiu-se encosta abaixo, até uma luz que bruxoleava solitária no meio do vale.

Teve sete sonhos: Viu-se diante de uma enorme porta, que em vão tentou abrir. Viu-se nos fundos de uma casa onde trabalhavam as criadas, e uma enorme ave arrebatou uma delas. Viu-se em uma vasta pradaria que um grupo de homens percorria placidamente; brilhou um relâmpago, e um raio caiu sobre eles. Mudou a cena, e os antepassados de Kessi estavam reunidos em redor do fogo, e o avivavam. Viu-se com as mãos atadas e os pés presos com correntes, como colares de mulher.

Estava pronto para sair a caçar, e viu de um lado da porta um dragão, e do outro horrendas harpias.

Contou à sua mãe o ocorrido. A mãe o animou ("O junco se inclina sob a chuva e o vento, porém torna a erguer-se") e lhe entregou uma meada de lã azul, cor que protege de feitiços e danos.

Kessi partiu em direção da montanha.

Os deuses continuavam ofendidos: não havia feras para caçar.

Kessi vagou sem rumo até cansar-se. Achou-se em frente a uma grande porta que era guardada por um dragão e horrendas harpias. Não conseguiu abrir a porta, ninguém respondeu aos seus chamados e decidiu esperar. O sono apoderou-se dele. Quando despertou, anoitecia e ele viu uma luz intermitente que se aproximava, se agigantava e terminou por cegá-lo: dela surgiu um homem alto e luminoso. Disse que aquela era a porta do ocaso, e que por trás dela se achava o reino dos mortos. O mortal que a transpusesse não poderia voltar. "Como podes tu, então, passar por ela?" "Eu sou o sol", respondeu o deus, e entrou.

Do outro lado, os espíritos dos mortos esperavam para dar as boas vindas ao deus sol em sua visita noturna. Encontrava-se aí Udipsharri, pai de Shintalimeni. Ao ouvir a voz de seu genro, regozijou-se de que fosse ele o primeiro mortal a vir visitar os mortos. Suplicou ao sol que permitisse sua entrada.

— Muito bem, que passe a porta e me siga pelo caminho escuro; não regressará ao reino dos vivos. Atem suas mãos e seus pés para que não possa escapar. Quando tenha visto tudo, eu o matarei.

Kessi encontrou-se diante de um túnel comprido e estreito. O deus sol se distanciava e se reduzia a um ponto. Udipsharri atou as mãos e os pés de Kessi e convidou-o a seguir a luz mortífera. Kessi viu os espíritos dos mortos, que avivavam o fogo: eram os ferreiros do deus, que forjam os raios que ele arroja à terra. Sentiu que milhares de pássaros revoavam em torno. "Estas, disse Udipsharri, são as aves da morte, que levam ao mundo subterrâneo as almas dos mortos". Kessi reconheceu a ave gigantesca de seus sonhos. Finalmente chegaram à porta do amanhecer. Kessi devia morrer, porém pediu perdão. O deus sol lembrou como Kessi se levantava na alvorada, caçava e fazia oferendas aos deuses. "Bem, determinou, irás junto com tua esposa e suas seis irmãs ao céu, de onde juntos contemplarão as estrelas eternas".

Nas noites claras se vê, nas pradarias do céu, o Caçador, que tem as mãos atadas e os pés ligados com cadeias como colares de mulher. Junto do caçador resplandecem sete estrelas.

Os sonhos procedem de Zeus

Durante nove dias aumentaram gradativamente as flechas do deus. No décimo, Aquiles convocou o povo à guerra. "Átridas! Creio que teremos que retroceder, voltando a ser errantes se escaparmos de morrer; se não, a guerra e a peste acabarão com os aqueus. Antes, porém, consultemos um adivinho, sacerdote ou intérprete de sonhos, para que nos diga porque se irritou tanto Febo.Apolo, pois também o sonho procede de Zeus".

Ilíada, I

3 A primeira parte deste conto se conserva em inscrições hititas cuneiformes; a segunda, num fragmento de tradução acádica achada no Egito em fins do século XIX. Theodore H. Gaster traduziu-as, harmonizando-as, e comentou-as (The oldest stories In the world, 1952). O conto está essencialmente relacionado com a morte e o reino dos mortos; a porta que não se abre aos .mortais, a não ser para dar passagem na direção da morte (a do Hades, v. Virgílio, Eneida.yi, 127); a ave que leva um mortal ao reino dos mortos; os espíritos dos mortos, que avivam o fogo; o dragão e as harpias que cuidam da porta (repete-se na história de Gilgamesh e em Virgílio, Eneida, VI, 258-289); o encontro com Udipsharri (Odisseu e sua mãe, Eneas e Anquises, Dante e Beatriz) e este como guia (a Sibila com Eneas, Virgílio com Dante) Kessi seria Orion, caçador, acorrentado ao céu, perseguidor das sete irmãs, as Plêiades. A menção dos gnomos é a mais antiga que existe.

As duas portas

I

Disse a discreta Penélope: Forasteiro! Há sonhos inescrutáveis e de linguagem obscura, e não se realiza tudo quanto eles anunciam aos homens. Há duas portas para os leves sonhos: Uma, construída de chifre; outra, de marfim. Os que vêm através do brunido marfim nos enganam, trazendo-nos palavras sem finalidade; as que saem pelo polido chifre anunciam, ao mortal que os vê, coisas que realmente vão acontecer.

Odisseia, XIX

II

Gêmeas são as portas do sonho, das quais se diz que uma é de chifre e através dela se dá saída fácil às verdadeiras sombras; a outra, reluzente, primorosamente lavrada em branco marfim, é aquela pela a qual as almas enviam à terra os falsos sonhos.

Eneida, VI

O sonho de Penélope

Penélope a Odisseu (sem saber que era ele quem havia regressado a Itaca depois de vinte anos de ausência): Ouve, pois, meu sonho: Na casa há vinte gansos que comem trigo macerado em água e eu me regozijo em contemplá-los; mas eis que desceu da montanha uma águia de bico curvo que, rompendo-lhes o pescoço, matou-os todos. E eu, entre sonhos, chorei e dei gritos; e as aqueias de formosas trancas foram se juntando ao meu redor, enquanto eu continuava me lamentando de que a águia houvesse matado meus gansos. A ave voltou, pousou na beira do telhado e devolveu-me a

calma ao dizer com voz humana: "Anima-te, filha do famosíssimo Ícaro; não se trata de um sonho, e sim de uma visão verdadeira que se há de cumprir! Os gansos são os pretendentes; e eu, que me apresentei sob a forma de uma águia, sou teu esposo que chegou e que dará a eles todos uma morte ignominiosa".

Odisseia, XIX

Os idos de março

Ao que parece, não foi tão inesperado quanto precavido o destino de César, porque se diz ter sido precedido de maravilhosos sinais e prodígios. No que se refere aos resplendores e fogos do céu, às imagens noturnas que por muitas partes divagavam e às aves solitárias que voavam pela praça, parece que tudo isto não merece ser considerado como indícios de tão grande acontecimento. Estrabão, o filósofo (e geógrafo), refere-se a numerosos homens de fogo que foram vistos correndo pelo céu, e ao escravo de um soldado que lançou muitas chamas de sua mão, de modo que os que o viam pensavam que ele estava pegando fogo — mas quando a chama se extinguiu viu-se que ele não tinha a menor lesão. Tendo César feito um sacrifício, desapareceu o coração da vítima, coisa que se tomou como terrível agouro, isto porque, por natureza, nenhum animal pode existir sem coração. Todavia muitos dizem que um agoureiro lhe anunciou que o aguardava um grande perigo no dia (15) do mês de março, dia que os romanos chamavam de idos (idus). Chegou o dia, e indo César ao Senado, saudou o agoureiro e gracejou: "Já chegaram os idos de março"; ao que contestou este com grande tranquilidade: "Sim, mas ainda não passaram". No dia anterior, ao jantar com Marco Aurélio, escrevia César umas cartas como era seu costume. Recaindo a conversa sobre qual seria a melhor morte, disse César, antecipando-se a todos: "A não esperada". Mais tarde, deitado com sua mulher como costumava fazer, repentinamente abriram-se todas as portas e janelas de seu quarto. Perturbado pelo ruído e pela luz — pois que havia um luar muito claro — observou que Calpúrnia dormia profundamente, porém entre sonhos prorrompia em palavras mal pronunciadas e soluços não articulados. Em seu sonho, a mulher de César viu-o destruído no auge de sua glória e majestade — com todas as honrarias decretadas pelo senado, segundo Tito Lívio — e por isso se angustiava e chorava. Quando veio o dia, pediu a César que se houvesse sessão no Senado, que lá não fosse, adiando sua ida para

o dia seguinte; e se não acreditava em seus sonhos, que examinasse, por meio de sacrifícios e outros meios de adivinhação, o que seria mais conveniente para ele.

Plutarco, Vidas Paralelas, Caio Júlio César, LXIII (c. 100)

Do diário epistolar de César

PARA LÚCIO MAMILIO TURRINO, NA ILHA DE CAPRI

(Na noite de 27 para 28 de outubro)

1013, (Sobre a morte de Catulo). Estou velando à cabeceira de um amigo agonizante: o poeta Catulo. De tempo em tempo adormece e, como de costume, tomo a pena, talvez para evitar a reflexão.

Acaba de abrir os olhos. Pronunciou o nome de seis Plêiades, e me perguntou o sétimo.

Agora dorme.

Passou uma outra hora. Conversamos. Não sou novato nisto de velar à cabeceira dos moribundos. Aos que sofrem, deve-se falar sobre eles mesmos; aos de mente lúcida, elogiar-lhes o mundo que abandonam. Não há dignidade alguma em abandonar um mundo desprezível, e aqueles que morrem soem temer que a vida talvez não tenha compensado os esforços que lhes custou. Pessoalmente, jamais me faltam motivos para elogiá-la.

No transcurso desta hora paguei uma velha dívida. Durante minhas campanhas, muitas vezes visitou-me um sonho persistente: caminhava de cá para lá frente a minha tenda, no meio da noite, improvisando um discurso.. Imaginava ter congregado um auditório seleto de homens e mulheres, quase todos eles jovens, aos quais eu desejava ardentemente revelar tudo o quanto havia aprendido na poesia imortal de Sófocles — em minha adolescência, em minha maturidade, como soldado, como estadista, como pai, como filho e como homem enamorado, através de alegrias e de vicissitudes —. Queria, antes de morrer, descarregar meu coração (tão rapidamente transbordante!) de toda esta gratidão e louvor.

Ah, sim! Sófocles foi um homem; e sua obra totalmente humana.

Eis aqui a resposta a uma velha pergunta. Os deuses nem lhe deram apoio, nem se negaram a ajudá-lo; não é esta sua forma de proceder.

Porém se eles não tivessem estado ocultos, Sófocles não teria lutado tanto para encontrá-los.

Assim, viajei: sem poder ver a um pé de distância, entre os Alpes mais elevados, porém jamais com passo tão seguro. A Sófocles bastava viver como se os Alpes tivessem estado sempre ali.

E agora, também Catulo estava morto.

Thorton Wilder. Os idos de março (1945)

O incesto

César informa que, antes de cruzar o Rubicón e marchar sobre Roma, sonhou que coabitava com sua mãe.

Como é sabido, os atrevidos senadores que liquidaram César a golpes de punhal, não conseguiram impedir o que estava disposto pelos deuses. Porque a cidade ficou grávida do Amo ("filho de Rômulo e descendente de Afrodite"), e o prodigioso botão pronto desabrochou no Império Romano.

Rodericus Bartius, Los que son números y los que nolo son (1964)

O sonho de Cipião

Entre os textos de Cícero destaca-se como único por seu alcance religioso, ou melhor dito, filosófico-religioso, o chamado Somnium Scipionis (O sonho de Cipião). Trata-se da narração — posta na boca de Cipião Émiliano — de um sonho, no qual aparece a Cipião seu pai, Cipião o Africano. Do alto, o pai mostra Cartago a seu filho, e vaticina a vitória deste sobre a cidade dentro de dois anos (e posteriormente a vitória sobre Numância). Acrescenta que o filho regressará em triunfo ao Capitólio, e que encontrará uma cidade completamente sublevada. Será necessário, então, aportar a luz da alma, da inteligência e da prudência.

Para animá-lo, o Africano mostra a Cipião Émiliano o destino das almas que serviram bem a sua pátria e praticaram a piedade e a justiça. Estas almas moram na Via-Láctea presididas pelo principis deus, ou deus soberano. É um universo magnífico e admirável, dividido em nove esferas, as quais produzem com seus movimentos uma harmonia divina. Na esfera celeste — a mais externa, que circunda todas as demais e onde estão fixadas as estrelas — vive o

deus soberano. Sob esta esfera há outras sete que se movem em sentido inverso ao do céu.

No círculo inferior gira a Lua; debaixo dela há o mundo sublunar, onde não existe nada que não seja mortal e decrépito, exceto as almas dos homens. Estas vivem na nona e última esfera, a Terra, que não se move e é concêntrica às demais. Agora, para alcançar a piedade e a justiça é mister voltar a vista ao plano superior, às esferas supralunares, onde nada é decrépito ou mortal. A alma se acha ligada por sua parte superior a estas esferas, e somente poderá regressar efetivamente a elas, como sua verdadeira pátria, quando esqueça a caducidade dos bens materiais e das falsas glórias terrenas, ou seja quando se dê conta de que estar encerrada em um corpo mortal não quer dizer que ela mesma seja mortal. A alma imortal move o corpo mortal como Deus move um mundo sob certos aspectos destinados à morte. É preciso exercitar, pois, a alma nas mais nobres ocupações, e as mais nobres de todas são as orientadas no sentido da salvação da pátria. As almas que cumpram esta sublime missão serão recompensadas com a ascensão às esferas celestes, enquanto que as que se entregam aos prazeres dos sentidos permanecerão na superfície da terra e não ascenderão senão depois de serem atormentadas durante séculos.

Discutiu-se muito a origem destas ideias. Alguns autores assinalam que se originam de Pocidônio; outros negam semelhante procedência. O quadro de Cícero (com a única exceção do motivo cívico a serviço da cidade) corresponde a muitas das ideias que em sua época foram abrindo caminho, e que têm, por um lado, pontos de contato com as religiões astrais; por outro, pontos de contato com a tendência a elaborar as concepções platônicas; e por outro, ainda, com uma visão do cosmo como sendo uma grande harmonia, como um templo, no qual habitam como cidadãos as almas virtuosas. Semelhantes ideias exerceram bastante influência sobre autores posteriores, entre os quais se destacou Macróbio.

É mister observar que um dos temas do sonho é a concepção da insignificância da vida individual neste mundo, comparada com a imensidade do cosmo. O tema está igualmente desenvolvido no Livro VI da Eneida (revelação de Eneas a Anquises) e em alguns

escritos estóicos (por exemplo, em Sêneca, Ad Mareiam de consolatione, XXI).

José Ferrater Mora, Diccionario de filosofia (ed. de 1958)

De onde e como se originam os sonhos

Quando o fogo exterior se retira pela noite, o fogo interior se encontra separado dele; então, se sai dos olhos, cai sobre um elemento diferente, se modifica e extingue, uma vez que deixa de ter uma natureza comum com o ar que o rodeia, que já não tem fogo. Deixa de ver, e conduz ao sono. Esses aparatos protetores da visão dispostos pelos deuses, as pálpebras, quando se fecham freiam a força do fogo interior. Este, por sua vez, acalma e aquieta os movimentos internos. E assim que estes se tenham apaziguado, sobrevém o sonho; e se o repouso é completo, um sono quase sem sonhos se abate sobre nós. Por outro lado, quando subsistem em nós movimentos mais acentuados, de acordo com sua natureza e segundo o lugar em que se encontrem, dele resultam imagens de diversos tipos, mais ou menos intensas, semelhantes a objetos interiores ou exteriores, e das quais conservamos alguma lembrança ao despertar.

Platão, Timeo, XLV

Do diário epistolar de César

PARA LÚCIO MAMILIO TURRINO, NA ILHA DE CAPRI

(As notas que seguem parecem ter sido escritas durante os meses de janeiro e fevereiro) 1020. Certa vez me perguntaram, em tom de broma, se eu alguma vez havia experimentado o horror do vácuo. Respondi que sim, e desde então vez por outra sonho com ele.

Talvez por uma posição acidental do corpo adormecido, talvez uma indigestão ou, qualquer outra classe de distúrbio interno, mas o fato é que o terror que paralisa a mente não é menos real. Não é,

como me pareceu durante certo tempo, a imagem da morte e o esgar de uma caveira, mas sim o estado em que se percebe a finalidade de todas as coisas. Esta nada se apresenta como ausência ou silêncio, mas sim como o mal absoluto desmascarado: engano e ameaça que reduz ao ridículo todo o prazer, que enfraquece e murcha todo o esforço. Este pesadelo é a réplica da visão que sucede os paroxismos de minha doença⁴. Neles me parece captar a clara harmonia do universo, me invade uma felicidade e uma confiança inefáveis, e eu queria gritar a todos os vivos e aos mortos que não há lugar do mundo que não tenha sido alcançado pela mão da benção.

(O texto continua em grego)

Os dois estados derivam de certos humores que atuam no organismo, porém em ambos se afirma a consciência de que "eu saberei isto de agora em diante". Como rechaçá-los com ilusões vãs se a memória os corrobora com testemunhas inumeráveis, radiantes ou terríveis? Impossível negar um sem negar o outro; mas desejaria eu distribuir a cada um, como um simples pacificador de aldeia, sua minguada porção de verdade.

Thorton Wilder, Os idos de março

⁴ *Epilepsia.*

O sonho mal interpretado

Huayna Cápac teve medo da peste. Encerrou-se e, em seu isolamento, teve um sonho no qual três anões vinham a ele e lhe diziam: "Inca, viemos buscar-te". A peste alcançou a Huayna Cápac e este ordenou que o oráculo de Pachacámac interpretasse que coisa deveria ser feita para que ele recuperasse a saúde. O oráculo declarou que o pusessem ao sol, que assim sararia. Saiu o Inca ao sol e em seguida morreu.

Bernabé Cobo, Historia del Nuevo Mundo

Sonhos caseiros

O escritor latino do século V Ambrósio Teodósio Macróbio, autor das Saturnais, escreveu um difundido *Comentário ao Sonho de Cipião*, capítulo VI d'A República (de Cícero), onde se recomenda o sistema de Governo que imperava em Roma na primeira metade do século I a.C. e se descreve uma cosmogonia de origem platônica e pitagórica. Macróbio alerta sobre os sonhos comuns ou domésticos, ecos da vida cotidiana — o amor, a comida, os amigos, os inimigos, a roupa, o dinheiro —, os quais não vale a pena interpretar, pois carecem do sopro divino que anima os grandes sonhos. No século XIII Albert von Bollstadt (?-1280), mais conhecido por São Alberto Magno, iniciou a conciliação escolástica entre a filosofia grega e a doutrina cristã, e teve por discípulo, em Paris, a São Tomás de Aquino. Em seu tratado *Da alma coincide com Macróbio sobre a irrelevância dos sonhos menores e a sublimidade dos que estão animados por um sopro divino*. Alberto foi um grande viajante, interessou-se pelas propriedades dos minerais, dos elementos, dos animais e dos meteoros, e, em seu *Tratado da Alquimia*, logrou cercar-se de uma aura de magia. Não obstante, chegou a ser bispo de Ratisbona, dignidade que renunciou para reiniciar suas viagens. Não viu cumprido o sonho de todo o mestre: ser superado no tempo (já que não no saber) por seu melhor discípulo. Por ocasião da morte de Tomás de Aquino (1274), regressou a Paris para exaltar sua doutrina.

Rodericus Bartius, *Los que son números y los que no lo son*

A prova

Se um homem atravessasse o Paraíso em um sonho e lhe dessem uma flor como prova que havia estado ali, e se ao despertar encontrasse essa flor em sua mão... então o quê?

S. T. Coleridge

Um sonho habitual

*O Nilo sombreado
as belas morenas
vestidas de água
zombando do trem*

Fugitivos.
Giuseppe Ungaretti, *Primevas (1919)*

Da natureza dos sonhos

Quando o sonho por fim os membros ata
com um doce torpor, e quando o corpo
em profundo repouso está estirado,
então nos parece estar despertos,
e também fazer de nossos membros uso;
cremos ver o Sol e a luz do dia
em meio à noite tenebrosa;
e, em uma peça estreita e bem fechada,
mudar de climas, mares, montes, rios,
e atravessar a pé grandes planícies;
e no profundo e completo silêncio
da noite parece-nos ouvir sons,
e em silêncios responder acordes.
Vemos, de certa maneira surpreendidos,
semelhantes fenômenos, que tendem
todos a destruir a confiança
devida aos sentidos, mas é em vão:
o engano provém de nossa parte,
dos julgamentos da alma que nós todos
pintamos com aquelas relações
dos sentidos, supondo termos visto
aquilo que não viram nossos órgãos;
porque a distinção de relações
evidentes de incertas conjeturas
que nos associa à própria alma,
é a coisa mais extraordinária e excelente.



Ora, quero dizer a ti, com brevidade,
quais os corpos que dão à alma movimento
e de onde vêm suas ideias.

Digo que muitos são os espectros⁵ que vagam
em todas as direções, com muitas formas,
tão sutis, que se unem facilmente
se chegam a encontrar-te pelos ares
como o fio da aranha e pães de ouro;
porque, além do mais, excedem em delicadeza
as efígies pelas quais nós vemos
os objetos. É claro que se introduzem
por todos os condutos que há nos corpos
e dão interiormente movimento
da alma à substância delicada,
e animam suas funções.

Os centauros, Escilas e Cerberos
e fantasmas de mortos assim vemos,
cujos ossos a terra abrasa em si,
pois a atmosfera ferve em tais espectros;
uns se formam pelo ar,
outros emanam de variados corpos,
e de duas espécies juntas, resultam outras.

A imagem de um centauro não se forma,
seguramente, de um centauro vivo:

Não criou jamais a Natureza
semelhante animal: é um composto
de espectros de cavalo e de homem
que o *acaso* juntou; e deles dizemos
que seu tecido sutil e delicado
a reunião ao momento facilita:

como esta imagem, se combinam outras,
que por sua leveza extraordinária
afeta a alta no primeiro impulso,
porque o próprio espírito é delicado,
e de mobilidade extraordinária.

E uma prova certa disso
é se assemelharem em um todo os objetos
que a alma olha, aqueles que os olhos veem,
porque nascem do mesmo mecanismo:

se ensinei que via eu leões
recebendo auxílio dos espectros,
que ao chegar nos ferem bem nos olhos,
se deduz que igualmente a alma move
os demais espectros desses leões,
que tão bem vê os mesmos olhos.
Não é de outra maneira que a alma está desperta,
quando se estendeu o sonho sobre os membros
porque chegam a alma tão de fato
os espectros que durante o dia ferem,
que nos parece ver o tal deserto
que é dominado pela morte e pela terra.
A esta ilusão a Natureza obriga;
porque repousam todos os sentidos
em um profundo sono, as verdades
não podem fazer oposição aos erros
porque a memória está adormecida
e, lânguida, com o sonho não disputa;
e quem crê ver a alma com vida
é despojo da morte e do olvido.
No mais, não é uma maravilha
a movimentação destes espectros
e a agitação de braços e de membros
conforme as regras, pois durante o sono
devem ter lugar as aparências;
como que se o primeiro se dissipasse
e viesse a sucedê-lo outro diferente,
parece que é o mesmo espectro
que mudou de atitude num instante.
Muitas perguntas existem sobre o assunto,
e muitas dúvidas ainda a esclarecer
se desejamos a coisa aprofundar.
A primeira pergunta que se faz
é: por que a alma no momento tem
as ideias do objeto de que gosta:
os espectros olham a vontade?

Vêm-nos a imagem assim que desejamos?
Se mar, se terra, se, por fim, o céu,
os congressos, as pompas, os banquetes
se os combates, se outro objeto que nos apraz.
A Natureza não guarda e não cria
as efígies de todo e qualquer sinal,
enquanto que na região, no local mesmo,
jazem profundamente as almas de outros
ocupadas de ideias muito diferentes?
E o que direi quando vemos no sonho
os espectros irem bailando no compasso
quando movem seus membros delicados,
e estendem seus braços flexíveis
alternativamente com destreza,
e tornam a fazê-lo levemente?
Estudaram por acaso artes e regras
para poderem divertir-se à noite?
Tenho eu como certo e verdadeiro
que percebemos estes movimentos
— em um instante apenas, assim como quando
se dá um único comando, e não obstante
passam-se muitos instantes, que somente a razão
distingue; esta é a causa
de se apresentarem espectros tão numerosos
em qualquer tempo e em qualquer parte:
grande é o seu número e sua leveza!
E sendo tão fina sua textura
não pode a alma vê-los claramente
sem recolher-se dentro de si mesma:
se ela não se dispõe a recebê-los
com grandes cuidados, todos perecem,
e o consegue graças à esperança
ver aquilo que realmente olha.
E não percebes tu também como os olhos
não podem distinguir aquele objeto
pouco sensível, porque o olharam

sem suficiente resguardo e sem preparo?
Mesmo os corpos que à vista estão expostos
são para a alma, se ela não se esforça
como se a cem mil léguas estivessem:
e por que admirar-se de que a alma
deixe escapar a todos os espectros
menos aqueles que a tem ocupada?
Talvez a alma exagere os espectros
e nos leva ao erro, e nos engana;
também transforma o sexo da imagem,
e em vez de uma mulher, nós só tocamos
um homem transmutado num instante,
ou outro qualquer objeto que o sucede
de semblante e de idade muito diferente:
isto provém do esquecimento e do sonho.

*Tito Lucrécio Caro, Da Natureza das coisas, Livro IV
(s.Ia.C.) (Tradução para o espanhol de José Marchena Ruiz de
Cueto
(1768-1821), chamado "O clérigo Marchena"; leva a data de
1791)*

*5 Lucrécio compara os simulacros que se desprendem dos
corpos com a fumaça que sai da lenha, os vapores que os fogos
expelem, as túnicas deixadas no estio pelas cigarras etc, e
também com a luz que, colorindo-se, passa através das
cortinas, com o cheiro, e com os simulacros que vemos nos
espelhos. Outros se formam na região do ar. Estes simulacros se
movem com grandíssima velocidade e correm espaços
inacreditáveis num momento. (Nota de Aldo Mieli).*

Que coisa é o sonho

O sono, que deve ser natural, como determinou Deus para a natureza do homem, dá tempo para que este descanse dormindo dos trabalhos que executa acordado — e neste dormir, segundo afirmaram com razão os que se ocuparam das coisas da natureza, os membros folgam e estão quedos — quando o espírito da vida movimenta os sentidos e quer trabalhar com eles, assim como utiliza o corpo quando este não dorme, e por isso os homens sonham muitas coisas, de maneira natural e com muita razão e, também, como resultado do que comem ou bebem, ou do que fazem ou cuidam quando estão despertos, ou ainda segundo aumentam ou diminuem os quatro humores de que é feito o corpo; quando fala dormindo o homem aumenta suas preocupações e seus desejos, pois acredita no que está sonhando, e quando acorda se vê sem nada. Por conseguinte, aqueles que sobre tão frágil base armam sua crença, deixam perceber que esta crença não era firme nem sã, nem poderia durar muito tempo.

Alfonso o Sábio, *Setenário (Lei XVI)*

6 No original em espanhol arcaico. (N. dos E.)

QUE COSA ES SSUENNO

Suenno como quier que ssea natural que ordeno Dios en la natura del omne en quel dio tienpo en que ffolgase en dormiendo por los trabajos que lieua velando —et en aquel dormir, ssegunt dixieron los que ffablaron de naturas e es uerdadieramente, los miembros ffuelgan e estan quedos—, el spiritu de la vida meue los sentidos e quiere obrar con ellos bien como de la que husa el cuerpo quando non duerme, et por esso ssuennan muchas cosas, dellas naturalmiente e con rrazon e dellas de otra guisa, ssegunt lo que comen o beuen o lo al que ffazen en que andan o cuydan mientras estan despiertos, o ssegunt creçen o menguan los quatro humores de que es ffecho el cuerpo; que han de creçer en el los cuydados e las antoianças de manera que lo que ffalla tiene que es cierto en quanto esta en ssuennos, e quando despierta non tiene nada. Et por ende los que ssobre tan fflaco çimento como este arman ssu crençia, bien se daua a entender que su crençia non era cosa ffirme nin ssana, nin podria durar luengamientre.

ALFONSO EL SABIO, *Setenario* (Ley XVI).

O pesadelo

Sonho com um antigo rei. De ferro
é a coroa, e morto seu olhar.
Já não há faces assim. A firme espada
o acatará fiel como seu cão.
Já não sei se é de Nortúmbria ou da Noruega.
Sei que é do norte. E sua barba ruiva,
cerrada, cobre o peito. Não me lança
sua mirada, sua mirada cega.
De que apagado espelho, de que nave
dos mares que foram a sua aventura,
surgiu este homem cinza e grave
que me impõe o seu passado e sua amargura?
Sei que me sonha e que me julga; erguido
o dia, entra a noite. E não se foi.

Jorge Luis Borges

Sobre os sonhos

... cum prostrata sopore urguet membra quies et mens sine pondere ludit.

Petrônio

Muitos autores que escreveram sobre sonhos, consideram-nos tão somente revelações do que ocorreu em distantes regiões do mundo ou presságios do que ainda vai ocorrer.

Consideremo-los de outro ponto de vista. Os sonhos nos dão uma certa ideia das excelências" da alma humana e uma noção de sua independência.

Em primeiro lugar, nossos sonhos são demonstrações da grande independência da alma, que o poder de dormir não logra abater nem apaziguar. Quando o homem está cansado no fim do dia, esta parte ativa de seu todo continua se movendo e sem fadiga. Quando os órgãos dos sentidos aspiram seu lógico repouso e necessária reparação, e o corpo já não pode acompanhar a substância espiritual a que está unido, a alma aguça suas numerosas faculdades e continua em ação até que seu companheiro possa acompanhá-la novamente. Desta maneira, se veem os sonhos como relaxamentos e distrações da alma quando esta está desobrigada de sua máquina, esportes e recreação e deixou sua carga ir dormir.

Em segundo lugar, os sonhos mostram a agilidade e perfeição que são próprias das faculdades da mente quando estão desligadas de seu corpo. A alma fica obstruída e lenta em suas operações quando atua em conjunto com seu pesado e desajeitado companheiro. Porém nos sonhos é maravilhoso observar como e com que loquacidade e vivacidade se manifesta. A lentidão do discurso provoca arengas não premeditadas ou ágeis diálogos em idiomas dos quais pouco ou nada se sabe. A gravura abunda em prazeres, o atordoamento em réplicas sutis ou pontos de

comicidade. Não há ação mais penosa da mente do que a invenção; não obstante, nos sonhos funciona com uma facilidade e uma diligência que não ocorrem quando estamos acordados. Por exemplo, creio que todos nós, em uma ocasião ou noutra, sonhamos que líamos livros, diários ou cartas: a invenção resulta tão vivida que a mente deve esforçar-se e superar-se para formular suas próprias sugestões para pôr em ordem a composição.

Desejaria inserir aqui um parágrafo de *Religio medici*, cujo engenhoso autor⁷ se dá conta de si mesmo em seus sonhos e em seus pensamentos quando está acordado. "Em nossos sonhos estamos um pouco mais do que em nós mesmos, e o repouso do corpo parece ajudar o despertar da alma. Há uma ligação de sentido, porém a liberdade da razão e nossas concepções de vigília não coincidem com a fantasia dos nossos sonhos... Em um sonho pude compor toda uma comédia: sustentar a ação, apreender os gestos e despertar rindo de minhas próprias invenções. Quando minha memória é tão fiel como minha razão, isto é frutífero; porém eu nunca estudaria em meus sonhos, ainda que neles fizesse as minhas devoções; nossas espessas memórias têm tão escasso sustento em nosso abstrato entendimento, que esquecem a história e somente podem relatar as nossas almas acordadas uma confusa e parcial narrativa do que ocorreu... Assim, observou-se que o homem, no momento de sua partida, fala e racionaliza demasiadamente sobre si mesmo: a alma começa sentir-se livre de suas amarras físicas e a racionalizar sobre si mesma como deve ser feito: a discutir imperiosamente sobre sua imortalidade".

7 Religio medici: A religião de um médico (1643 — um ano antes havia aparecido uma edição pirata repleta de erros), de Thomas Browne (1605-1682). Trata-se de uma série de notas pessoais de grande ponderação espiritual e religiosa, rica de temas, escrita em 1635. Antes de ser impressa, circulou em cópias manuscritas. Alcançou grande êxito em inglês, latim, francês, flamengo e alemão, e gozou da estima do dr. Johnson e após ele, de Lamb, Coleridge, Carlyle, Browning, etc.

Em terceiro lugar, as paixões afetam a mente com mais força quando estamos adormecidos. Alegria e tristeza dão uma sensação mais vigorosa de prazer e de pesar do que em qualquer outro momento. E o mesmo acontece com a devoção — tal como dá a entender o citado autor — toda a vez que a alma se eleva enquanto o corpo repousa. A experiência de todo o homem informará a respeito, ainda que de maneira diferente, conforme a constituição de cada um.

O que desejo destacar é o divino poder da alma, capaz de produzir sua própria companhia. Conversa com inumeráveis seres de sua própria criação e se transporta a dez mil cenários de sua própria imaginação. É o seu próprio teatro, seu ator e seu espectador. Isto me faz recordar o que Plutarco atribui a Heráclito: todo homem acordado habita um mundo comum; porém cada um pensa que habita seu próprio mundo quando dorme (sonha); acordado, conversa com o mundo da natureza; dormindo, com o seu mundo particular...

Tampouco devo esquecer a observação de Tertuliano sobre o poder divinatório dos sonhos. Nenhum crente nas Divinas Escrituras pode duvidar deste poder; e inumeráveis exemplos nos dão também escritores antigos e modernos, tanto sagrados quanto profanos. Se estes presságios obscuros, se estas visões noturnas se originam de algum poder latente da alma ou de alguma comunicação com o Ser Supremo, ou acontecem por intervenção de espíritos dependentes, muito foi elocubrado a respeito por mentes sábias. Sua existência, porém, é incontestável, e foi destacada por autores alheios a toda suspeita de superstição ou entusiasmo.

Não creio que a alma se desligue inteiramente do corpo. Basta com que não esteja excessivamente fundida com a matéria ou que não se encontre enredada e perplexa pela máquina da vigília. A união com o corpo se desliga o necessário para dar mais liberdade à alma, a qual se recolhe em si mesma e recupera sua capacidade de surgir.

Joseph Addison, *no The Spectator, nº 487, Londres — 18 de setembro de 1712*

O dom esclarecido

*De toda a memória somente vale
o dom esclarecido de evocar os sonhos.*

Antônio Machado

Caedmon

Caedmon deve sua fama, que perdurará, a razões alheias ao gozo estético. A gesta de Beowulf é anônima; Caedmon, em contrapartida, é o primeiro poeta anglo-saxão, por conseguinte inglês, cujo nome foi conservado. No Êxodo e nas Linhagens dos Apóstolos, a nomenclatura é cristã, porém o sentimento é gentio; Caedmon é o primeiro poeta saxão de espírito cristão. A estas razões, deve-se acrescentar a curiosa história de Caedmon, tal como a ela se refere Beda o Venerável no quarto livro de sua História Eclesiástica: "No mosteiro desta abadia (a abadia Hilde de Streonshalh) houve um irmão honrado pela graça divina, porque costumava compor canções que levavam à piedade e à religião. Tudo o quanto aprendia de homens versando nas sagradas escrituras, vertia em linguagem poética com a maior doçura e fervor. Muitos, na Inglaterra, o imitaram na composição de cantos religiosos. O exercício do canto não lhe tinha sido ensinado pelos homens ou por meios humanos; havia recebido ajuda divina e sua faculdade de cantar derivava diretamente de Deus. Por isso não compôs canções fingidas ou ociosas. Este homem havia vivido no mundo até alcançar uma idade avançada, e não tinha sabido nada de versos. Costumava participar de festas nas quais se havia decidido que, a fim de que se incentivasse alegria, todos cantariam, uns depois dos outros, acompanhando-se com harpa, e cada vez que as

harpas se aproximavam dele, Caedmon se erguia envergonhado e voltava para casa. Uma vez abandonou o local da festa e foi para os estábulos, porque lhe haviam recomendado cuidar dos cavalos naquela noite.

Dormiu, e em sonho viu um homem que lhe ordenava: "Caedmon, canta-me alguma coisa". Caedmon respondeu dizendo: "Não sei cantar e por isto deixei a festa e vim deitar-me". O que lhe havia falado disse: "Cântaras". Caedmon replicou então: "Que posso eu cantar?". A resposta foi: "Canta-me a origem de todas as coisas". E Caedmon cantou versos e palavras que não havia escutado nunca, nesta ordem: "Louvemos agora o guardião do reino celestial, o poder do Criador e o conselho de sua mente, as obras do glorioso Pai; como Ele, Deus eterno, originou cada maravilha. Fez primeiro o céu como teto para os filhos da terra; depois fez, todo-poderoso, a terra, para dar um solo aos homens".

Ao despertar, guardava de memória tudo o que havia cantado no sonho.

A estas palavras acrescentou muitas outras, no mesmo estilo, dignas de Deus.

Beda conta que a abadia dispôs que os religiosos examinassem a nova capacidade de Caedmon, e, uma vez demonstrado que o dom poético lhe havia sido conferido por Deus, instou-o a entrar na comunidade. "Cantou a criação do mundo, a origem do homem, toda a história de Israel, o êxodo do Egito e a entrada na terra prometida, a encarnação, paixão e ressurreição de Cristo, sua ascensão ao céu, a chegada do Espírito Santo e o ensino dos apóstolos. Cantou também o terror do juízo final, os horrores do inferno e as bem-aventuranças do céu". O historiador agrega que Caedmon, anos depois, profetizou a hora em que iria morrer, e esperou-a dormindo. Deus, ou o anjo de Deus, o havia ensinado a cantar; esperemos que tenha voltado a encontrar-se com seu anjo.

Jorge Luís Borges

Convém distinguir

Por que comparas teu mandado interior com um sonho? Ele te parece, por acaso, absurdo, incoerente, inevitável, irrepetível, origem de alegrias ou terrores infundados, incomunicável em sua totalidade, porém ansioso de ser comunicado, como são precisamente os sonhos?

Franz Kafka,
Quarto caderno in oitavo

A última visita do cavaleiro enfermo

Todos o chamavam de Cavaleiro Negro, porém ninguém jamais soube seu verdadeiro nome. Depois de seu inopinado desaparecimento, dele não restou nada mais do que a lembrança de seus sorrisos e um retrato pintado por Sebastiano del Piombo que o representava envolvido em uma peliça e com uma das mãos enluvada pendendo suavemente como se estivesse adormecido. Alguns dos que mais o estimaram (e eu, um dos poucos entre eles) recordam sua cútis amarelo pálido, transparente, a leveza quase feminina de seus passos e a habitual languidez dos olhos.

Na verdade, era um semeador de assombros. Sua presença dava um calor fantástico às coisas mais simples; quando sua mão tocava algum objeto, parecia que este entrava no mundo dos sonhos...

Ninguém lhe perguntou qual era o seu mal e porque não se cuidava.

Caminhava sempre, sem parar, dia e noite. Ninguém soube jamais onde era sua casa ou conheceu seus pais e seus irmãos. Apareceu um dia na cidade, e passados alguns anos, em outro dia, desapareceu.

Na véspera, quando o céu começava a iluminar-se, veio ao meu quarto despertar-me. Senti a carícia de sua luva em minha fronte, e o vi, com seu sorriso que mais parecia a lembrança de um sorriso, tendo os olhos mais distraídos do que de costume. Compreendi que havia passado a noite em claro, aguardando com ansiedade o amanhecer: tremiam-lhe as mãos e todo seu corpo parecia tomado pela febre.

Perguntei a ele se sua doença o fazia sofrer mais do que nos outros dias.

— Crês então, como todos os outros, que eu tenho uma enfermidade? Por que não dizer que eu sou uma enfermidade? Nada me pertence, porém eu sou de alguém e há alguém a quem pertença.

Acostumado as suas estranhas digressões, nada disse. Acercou-se de minha cama e tocou-me outra vez a fronte com sua luva.

— Não tens o menor sinal de febre e estás perfeitamente são e tranquilo. Talvez isto te espante, mas posso dizer quem sou. E talvez não possa voltar a repeti-lo.

Deixou-se cair em uma poltrona e prosseguiu em voz mais alta: — Não sou um homem real, com ossos e músculos, gerado por homens. Não sou mais do que a figura de um sonho. Há uma imagem de Shakespeare que é, com referência a mim, literal e tragicamente exata: Sou feito da mesma matéria de que são feitos os sonhos! Existo porque há alguém que me sonha; há alguém que dorme e sonha e me vê agir e viver e mover-me, e neste momento sonha que eu digo tudo isto.

Quando começou a sonhar-me, comecei a existir: hoje sou hóspede de suas grandes fantasias noturnas, tão intensas que me tornaram visível àqueles que estão acordados. O mundo da vigília, porém, não é o meu.

Minha verdadeira vida é a que transcorre na alma do meu adormecido criador. Não recorro a enigmas nem a símbolos; o que digo é verdade.

Ser ator de um sonho não é o que mais me atormenta. Há poetas que disseram que a vida dos homens é a sombra de um sonho e há filósofos que sugeriram que a realidade é uma

alucinação. Porém, quem é aquele que me sonha? Quem é este ser que me fez surgir e que ao despertar me apagará? Quantas vezes penso nesse meu dono que dorme!... A pergunta me agita desde que descobri de que estou feito.

Compreenderás a importância que este problema tem para mim.

As personagens dos sonhos desfrutam de bastante liberdade; tenho também os meus caprichos. A princípio, me aterrorizava a ideia de despertá-lo, quer dizer, de aniquilar-me. Levei uma vida virtuosa. Até que me cansei da humilhante qualidade de espetáculo e desejei ardentemente o que antes temia: despertá-lo. E não deixei de cometer delitos. Porém aquele que me sonha, não se espantará com o que faz tremer os demais homens? Regozija-se com as visões terríveis, ou não lhes dá importância? Nesta monótona ficção, digo ao meu sonhador que sou um sonho: quero que ele sonhe que está sonhando. Não existem homens que acordam quando se dão conta de que estão sonhando?

Quando, quando conseguirei isso?

O Cavaleiro Enfermo colocava e tirava a luva da mão esquerda; não sei se esperava que, de um momento para outro, algo de atroz acontecesse.

— Acreditas que eu esteja mentindo? Por que eu não posso desaparecer? Console-me; diga algo, tenha piedade deste aborrecido espectro.

Não atinei dizer coisa alguma. Deu-me sua mão, parecendo-se mais alto do que antes, e sua pele era diáfana. Disse algo em voz baixa, saiu do meu quarto, e desde então somente uma pessoa pode vê-lo.

Giovanni Papini,
O trágico cotidiano (1906)

Confúcio sonha sua morte

Por último, a lassitude o invadiu. Tinha já 73 anos, era verão (de 479 a.C.) e tinha compreendido muito bem o significado de seu sonho.

Pediu que avisassem a Tse-kong, o último de seus grandes discípulos.

Tse-kong atendeu prontamente, e achou que Krong-tse, mais do que recebê-lo, dele se despedia.

O mestre lhe disse: — Sonhei que estava sentado, recebendo as libações.

Encontrava-me entre duas colunas. Aqueles que eram da dinastia Sia, como se ainda reinassem no palácio, expunham seus mortos sobre a escadaria oriental; os da dinastia Tcheu os expunham sobre a escadaria ocidental, aquela que se oferece aos hóspedes; e os da dinastia In expunham-nos entre as duas colunas — não havia ali nem donos nem hóspedes. Descendo dos soberanos In; sem dúvida, vou morrer. É bom que assim seja, pois já não há nenhum príncipe inteligente que possa servir-se de mim.

Poucos dias depois morreu, no décimo sexto ano de Ngae-kong de Lux, quadragésimo primeiro de Tsing-oang dos Tcheu.

Eustáquio Wilde,
Um outono em Pequim

A corça branca

De que agreste balada da verde Inglaterra,
De que lâmina persa, que região arcana,
Das noites e dias que o nosso ontem encerra,
Veio a corça branca com que sonhei esta manhã?
Duraria um segundo.
Vi-a cruzar o prado
E perder-se no ouro de uma tarde ilusória,
Leve criatura feita de um pouco de memória
E de um pouco de olvido, corça de um só lado.

As deidades que regem este curioso mundo
Deixaram-me sonhar-te, porém não ser teu dono;
Talvez numa esquina do porvir profundo
Volte a encontrar-te, corça branca de um sonho.
Também eu sou um sonho lúcido que perdura
Um pouco mais que o sonho do prado e da brancura.

Jorge Luis Borges

Costuma acontecer

Meu filho estava chorando a minha morte. Podia vê-lo reclinado sobre meu féretro. Queria correr para dizer-lhe que não era verdade, que se tratava de outra pessoa, talvez absolutamente semelhante, mas não pedia por causa do crocodilo. Estava ele ali em frente, no buraco, pronto para engolir-me, e eu gritava com todas as minhas forças; e os que me velavam, em vez de avisar meu filho, olhavam-me com ar de censura, talvez porque açulavam a fera e temiam serem atacados eles mesmos. Clide era o único que nem me via, nem me ouvia. O homem da funerária quando chegou com uma caixa, parecia um violinista, porém dela tirou um maçarico. Se fosse certo, tudo estaria perdido, pensei; me enterrariam vivo e eu não poderia explicar nada. Os vizinhos quiseram afastar meu filho, por ser aquele o momento mais penoso, mas ele se agarrava no caixão. O homem começou a soldar a tampa pelo lado dos pés, e eu não aguentei mais: fechei os olhos e corri para a vala sem importar-me com uma morte segura. Depois disso só me lembro de um golpe na ponta do queixo, algo como um raspão da pele contra um fio.

Talvez o roçado contra um dos dentes. Quando senti o calor da solda, acordei e compreendi tudo. Clide tinha razão: eu estava morto. A mesma sala, a mesma gente. Meu pobre filho continuava ali. O maçarico roncava na altura da barriga da perna. O empregado levantou a extremidade livre da tampa, tirou o lenço e enxugou o sangue da minha ferida. "Isto costuma acontecer", — disse ele — "por causa do maçarico".

*Jorge Alberto Ferrando,
Paio a pique (1975)*

Sem reclamações

Deus não castiga ninguém sem ter avisado antes.

Orígenes

Sonho da pátria

Desde que deixei de me ocupar, durante a vigília, da fantasia e suas habituais possibilidades representativas, seus artesãos se agitam autônomos nos meus sonhos: e com uma razão aparente e uma aparente consequência, armam uma pitoresca algaravia. Tal como me havia previsto o mestre louco e instruído, vi em sonhos a cidade nativa, aldeia maravilhosamente transformada e transfigurada, porém não pude penetrar nela. E quando consegui fazê-lo, despertei com sensações desfavoráveis. Voltei ao sono e aos sonhos. Aproximei-me da casa paterna por caminhos sinuosos que flanqueavam rios atapetados de rosais. Na margem, um camponês lavrara a terra com um arado dourado puxado por dois bois brancos. Os sulcos se enchiam de grãos que o camponês lançava ao ar e caíam sobre mim como uma chuva de ouro.

*Gottfried Keller,
Henrique o verde*

Sonha o fidalgo da torre

I

Mas Gonçalo, que abominava aquela lenda, a silenciosa figura degolada, errando por noites de inverno entre as ameias da Torre com a cabeça nas mãos — despegou da varanda, deteve a Crônica imensa: — Toca a deitar, ó Videirinha, hein? Passa das três horas, é um horror. Olhe! O Titó e o Gouveia jantam cá na Torre, no Domingo.

Apareça também, com o violão e cantiga nova; mas menos sinistra...

Atirou o charuto, fechou a vidraça da sala — a "sala velha", toda revestida desses denegridos e tristonhos retratos de Ramires que ele desde pequeno chamava as carantonhas dos avós. E, atravessando o corredor, ainda sentia rolar ao longe, no silêncio dos campos cobertos de luar, façanhas rimadas dos seus:

*Ai! lá na grande batalha...
El-Rei Dom Sebastião.. .
O mais moço dos Ramires
Que era pagem do guião...*

Despido, soprada a vela, depois de um rápido sinal da cruz, o Fidalgo da Torre adormeceu. Mas no quarto, que se povoou de sombras, começou para ele uma noite revolta e pavorosa. André Cavaleiro e João Gouveia romperam pela parede, revestidos de cotas de malha, montados em horrendas tainhas assadas! E lentamente, piscando o olho mau, arremessavam contra o seu pobre estômago pontoadas de lança, que o faziam gemer e estorcer sobre o leito de pau preto. Depois era, na Calçadinha de Vila-Clara, o medonho Ramires morto, com a ossada a ranger dentro da armadura, e El-Rei Dom Afonso II, arreganhando afiados dentes de lobo, que o

arrastavam furiosamente para a batalha das Navas. Ele resistia, fincando nas lajes, gritando pela Rosa, por Gracinha, pelo Titó! Mas D. Afonso tão rijo murro lhe despedia nos rins, com o guante de ferro, que o arremessava desde a Hospedaria do Gago até a Serra Morena, ao campo da lide, luzente e fremente de pendões e de armas. E imediatamente seu primo d'Espanha, Gomes Ramires, Mestre, de Calatrava, debruçado do negro ginete, lhe arrancava os derradeiros cabelos, entre a retumbante galhofa de toda a hoste sarracena e os prantos da tia Louredo trazida como um andor aos ombros de quatro Reis!... — Por fim, moído, sem sossego, já com a madrugada clareando nas fendas das janelas e as andorinhas piando no beirai dos telhados, o Fidalgo da Torre atirou um verdadeiro repelão aos lençóis, saltou ao assoalho, abriu a vidraça — e respirou deliciosamente o silêncio, a frescura, a verdura, o repouso da quinta.

Mas que sede! uma sede desesperada que lhe encortigava os lábios!

Recordou então o famoso fruit salt que lhe recomendara o Dr. Mattos, arrebatou o frasco, correu à sala de jantar em camisa. E, a arquejar, deitou duas colheradas num copo d'água da Bica-Velha, que esvaziou dum trago, na fervura picante.

— Ah, que consolo, que rico consolo! . . .

Voltou derreadamente à cama: e readormeceu logo, muito longe, sobre as relvas profundas d'um prado de África, debaixo de coqueiros sussurrantes, entre o apimentado aroma de radiosas flores que brotavam através de pedregulhos de ouro. Dessa perfeita beatitude o arrancou o Bento, ao meio-dia, inquieto com "aquele tardar do Sr.

Doutor".

— É que passei uma noite horrenda, Bento: Pesadelos, pavores, bulhas, esqueletos... Foram os malditos ovos com chouriço; e o pepino...

Sobretudo o pepino! Uma ideia daquele animal do Titó. . . Depois, de madrugada, tomei o tal fruit salt, e estou ótimo, homem!... Estou otimíssimo! Até me sinto capaz de trabalhar. Leva para a livraria uma chávena de chá verde, muito forte. . . Leva também torradas.

II

Os pensamentos de Gonçalo esvoaçaram logo, com irresistida tentação, para D. Ana — para os seus decotes, para os languidos banhos em que se esquecia lendo o jornal. Por fim, que diabo! . . . Essa D. Ana assim tão honesta, tão perfumada, tão esplendidamente bela, só apresentava, mesmo como esposa, um feio senão — o papá carnicheiro.

E a voz também — a voz que tanto o arrepiara na Bica-Santa... Mas o Mendonça assegurava que aquele timbre rolante e gordo, na intimidade, se abatia, liso e quase doce. .. Depois, meses de convivência habituam as vozes mais desagradáveis — e ele mesmo, agora, nem percebia quanto o Manuel Duarte era fanhoso! Não! mancha teimosa, realmente, só o pai carnicheiro. Mas nesta Humanidade nascida toda d'um homem só, quem, entre os seus milhares de avós até Adão, não tem algum avô carnicheiro? Ele, bom fidalgo, de uma casa de Reis de onde Dinastias irradiavam, certamente, escarafunchando o passado, toparia com o Ramires carnicheiro. E que o carnicheiro avultasse logo na primeira geração, cm um talho ainda afreguesado, ou que apenas se esfumasse, através de espessos séculos, entre os trigésimos avós — lá estava, com a faca, e o cepo, e as postas de carne, e as nódoas de sangue no braço suado!

E este pensamento não o abandonou até a Torre — nem ainda depois, à janela do quarto, acabando o charuto, escutando o cantar dos gaios. Já mesmo se deitara, e as pestanas lhe adormeciam, e ainda sentia que os seus passos impacientes se embrenhavam para trás, para o escuro passado da sua Casa, por entre a emaranhada História, procurando o carnicheiro... Era já para além dos confins do Império Visigodo, onde reinava com um globo de ouro na mão o seu barbudo avô Recesvinto. Esfalfado, arquejando, transpusera as cidades cultas, povoadas de homens cultos — penetrara nas florestas que o mastodonte ainda sulcava. Entre a úmida espessura

já cruzara vagos Ramires, que carregavam, grunhindo, reses mortas, molhos de lenha. Outros surdiam de tocas fumarentas, arreganhando agudos dentes esverdeados para sorrir ao neto que passava. Depois, por tristes ermos, sob tristes silêncios, chegara a uma lagoa enevoada. E à beira da água limosa, entre os canaviais, um homem monstruoso, peludo como uma fera, agachado no lodo, partia a rijos golpes, com um machado de pedra, postas de carne humana. Era um Ramires. No céu cinzento voava o Açor negro. E logo, dentre a neblina da lagoa, ele acenava para Santa Maria de Craquede, para a formosa e perfumada D. Ana, bradando por cima dos Impérios e dos Tempos: — "Achei o meu avô carniceiro!"

III

Gonçalo remoeu a amarga certeza de que sempre, através de toda a sua vida (quase desde o colégio de S. Filipe!) não cessara de padecer humilhações. E todas lhe resultavam de intentos muito simples, tão seguros para qualquer homem como o voo para qualquer ave — só para ele constantemente rematados por dor, vergonha ou perda! À entrada da vida escolhe com entusiasmo um confidente, um irmão, que trás para a quieta intimidade da Torre — e logo esse homem se apodera ligeiramente do coração de Gracinha e ultrajosamente a abandona! Depois concebe o desejo tão corrente de penetrar na Vida Política — e logo o Acaso o força a que se renda e se acolha à influência desse mesmo homem, agora Autoridade poderosa, por ele durante todos esses anos de despeito tão detestada e chasqueada! Depois abre ao amigo, agora restabelecido na sua convivência, a porta dos Cunhaes, confiado na seriedade, no rígido orgulho da irmã — e logo a irmã se abandona ao antigo enganador, sem luta, na primeira tarde em que se encontra com ele na sombra favorável de um caramanchão! Agora pensa em casar com uma mulher que lhe oferecia com uma grande beleza uma grande fortuna — e imediatamente um companheiro de Vila-Clara passa e segreda: — "A mulher que escolheste, Gonçalinho, é uma

marafona cheia de amantes!" De certo essa mulher não o amava com um amor nobre e forte! Mas decidira acomodar nos formosos braços dela, muito confortavelmente, a sua sorte insegura — e eis que logo desaba, com esmagadora pontualidade, a humilhação costumada.

Realmente o Destino malhava sobre ele com um rancor desmedido!

— E por quê? murmurava Gonçalo, despindo melancolicamente o casaco. Em vida tão curta, tanta decepção ... Por quê? Pobre de mim!

Caiu no vasto leito como em uma sepultura — enterrou a face no travesseiro com um suspiro, um enternecido suspiro de piedade por aquela sua sorte tão contrariada, tão sem socorro. E recordava o presunçoso verso do Videirinha, ainda nessa noite proclamado ao violão:

Velha casa de Ramires Honra e flor de Portugal!

Como a flor murchara! Que mesquinha honra! E que contraste o do derradeiro Gonçalo, encolhido no seu buraco de Santa Ireneia, com esses grandes avós Ramires cantados pelo Videirinha — todos eles, se História e Lenda não mentiam, de vidas triunfais e sonoras! Não! nem sequer deles herdara a qualidade por todos herdada através dos tempos, a valentia fácil. Seu pai ainda fora o bom Ramires destemido — que na falada desordem da romaria da Riosa avançava com um guarda-sol contra três clavinas engatilhadas. Mas ele... Ali, no segredo do quarto apagado, bem o podia livremente gemer — ele nascera com a falha, a falha de pior desdouro, essa irremediável fraqueza da carne que, irremediavelmente, diante de um perigo, uma ameaça, uma sombra, o forçava a recuar, a fugir. .. A fugir de um Casco. A fugir de uma malandro de suíças louras que numa estrada e depois numa venda o insulta sem motivo, para meramente ostentar pimponice e arreganho.

E a Alma... Nessa calada treva do quarto bem o podia reconhecer também, gemendo. A mesma fraqueza lhe tolhia a Alma! Era essa fraqueza que o abandonava a qualquer influência, logo por ela levado como folha seca por qualquer sopro. Por que a prima Maria

uma tarde adoça os espertos olhos e lhe aconselha por trás do leque que se interesse pela D. Ana — logo ele, fumegando de esperança, ergue sobre o dinheiro e a beleza de D. Ana uma presunçosa torre de ventura e luxo.

E a Eleição? Essa desgraçada Eleição? Quem o empurrara para a Eleição, e para a reconciliação indecente com o Cavaleiro, e para os desgostos daí emanados? Gouveia! Com leves argúcias, murmuradas pela rua. Mas quê! Se mesmo dentro da sua Torre era governado pelo Bento, que superiormente lhe impunha gostos, dietas, passeios, e opiniões e gravatas! A um homem assim, por mais bem dotado na Inteligência, é massa inerte a que o mundo constantemente imprime formas várias e contrárias.

Enterrou-se sob a roupa. Batiam as quatro horas. Através das pálpebras cerradas, percebeu faces antigas, com desusadas barbas ancestrais e ferozes cicatrizes, que sorriam no fragor de uma batalha ou na pompa de uma gala, dilatadas pelo uso soberbo de mandar e vencer.

E Gonçalo, espreitando por sobre a borda do lençol, reconhecia os velhos Ramires.

Os robustíssimos corpos emergiam cobertos de saios de malha ferrugenta, por arneses de aço, clavas godas eriçadas de pontas e espadins de baile.

Das suas tumbas dispersas seus avós acudiam à casa nove vezes secular — para reunir Assembleia majestosa da sua raça ressurgida... E até mesmo reconhecia alguns dos mais esforçados, que agora, com o repassar constante do Poemeto do tio Duarte e o Videirinha gemendo fielmente o seu "fado", lhe andavam sempre na imaginação...

O de brial branco e cruz vermelha era Gutierres Ramires o d'Ultramar, que correu ao assalto de Jerusalém; o velho Egas Ramires, negava acolhida no seu puro solar a El-Rei D. Fernando e à adúltera Leonor! Esse, de crespas barbas ruivas, que cantava sacudindo o pendão real de Castela, quem, senão Diogo Ramires, o Trovador, na alegria da radiosa manhã d'Aljubarrota? Diante da incerta claridade do espelho tremiam as fofas plumas escarlates do morrião de Paio Ramires que se armava para salvar S. Luís, Rei de França.

Ruy Ramires sorria às naus inglesas que fugiam da sua Capitania pelo mar português. Paulo Ramires, pajem do Guião d'El Rey nos campos fatais de Alcácer, sem elmo, rota a couraça, inclinava para ele a sua face de donzel, com a doçura grave de um avô enternecido...

Gonçalo sentiu que a sua ascendência toda o amava e que acudia a socorrê-lo na sua debilidade, e que o alcançava a espada que combatera em Ourique, a acha que derrubara as portas de Arcilla. "Ó avós, de que me servem as vossas armas — se me falta a vossa alma?..."

Acordou muito cedo, confuso, e abriu as vidraças à manhã.
Bento desejou saber se o Sr. Doutor passara mal a noite...
— Pessimamente!...

Eça de Queiroz,
A ilustre casa de Ramires (1900)

Cortesia

Sonhei que o cervo ileso pedia perdão ao caçador frustrado.

Nemer Ibn El Barud

Der Traum ein Leben⁸

8 O sonho de uma vida. (N. do T.).

O diálogo, ocorreu em Androgué. Meu sobrinho Miguel, que tinha cinco ou seis anos, estava sentado no chão, brincando com a gata. Como faço todas as manhãs, lhe perguntei: — Que sonhaste esta noite?

Respondeu-me: — Sonhei que me havia perdido numa floresta e finalmente encontrei uma casinha. Abriu-se a porta e você saiu.

E com súbita curiosidade me perguntou: — Diz pra mim. O que é que você estava fazendo nessa casinha?

Francisco Acevedo,
Memórias de un bibliotecário (1955)

Ulrica

*Hana tekr sverthit
Gram ok leggri
methal theira bert*

Volsunga Saga, 27 (9)

O meu relato será fiel à realidade ou, em todo caso, à minha lembrança pessoal da realidade, o que afinal dá no mesmo. Os fatos ocorreram faz pouco tempo, porém sei que o hábito literário é, do mesmo modo, o hábito de intercalar traços circunstanciais e de acentuar as ênfases. Quero narrar o meu encontro com Ulrica (não soube seu sobrenome e talvez jamais venha a sabê-lo) na cidade de York. A crônica abarcará uma noite e uma manhã.

Não me custaria nada mencionar que a vi pela primeira vez junto às Cinco Irmãs de York, estes vitrais puros das imagens que os iconoclastas de Cromwell respeitaram, mas o fato é que nos conhecemos na saída do Northern Inn, que está do outro lado das muralhas. Éramos poucos e ela estava de costas. Alguém lhe ofereceu um copo e recusou.

— Sou feminista, — disse —. Não quero imitar os homens.
Desagradam-me seu tabaco e seu álcool.

A frase queria ser engenhosa e adivinhei que não era a primeira vez que ela a pronunciava. Soube depois que isto não era característica dela, mas o que dizemos nem sempre se parece conosco.

Disse que havia chegado tarde ao museu, mas que a haviam deixado entrar quando souberam que era norueguesa.

Um dos presentes comentou: — Não é a primeira vez que os noruegueses entram em York.

— Assim é, — disse ela —. A Inglaterra foi nossa e nós a perdemos, se é que alguém pode ter algo ou algo pode perder-se.

Foi então quando a olhei. Uma linha de William Blake fala de moças de prata suave ou de ouro furioso, porém em Ulrica se encontravam o ouro e a suavidade. Era leve e alta, de traços finos e olhos cor de cinza. Menos que seu rosto, impressionou-me esse ar de tranquilo mistério. Sorria com facilidade e o sorriso parecia distanciá-la.

Estava vestida de negro, o que é raro nas terras do Norte, onde se trata de avivar com cores o apagado do ambiente. Falava um inglês nítido e preciso e acentuava levemente os erres. Não sou observador; estas coisas descobri-as pouco a pouco.

Fomos apresentados, e eu lhe disse que era professor da Universidade dos Andes, de Bogotá. Esclareci que era colombiano.

Perguntou-me de modo pensativo: — O que é ser colombiano?

— Não sei — respondi. É um ato de fé.

— Como ser norueguesa — assentiu.

Nada mais posso lembrar do que se disse essa noite. No dia seguinte desci cedo ao refeitório. Através dos vidros, vi que havia nevado; as campinas se perdiam na manhã. Não havia mais ninguém.

Ulrica convidou-me à sua mesa. Disse-me que lhe agradava sair a caminhar sozinha.

— A mim também. Podemos sair juntos os dois.

Afastamo-nos da casa, sobre a neve jovem. Não havia uma só alma nos campos. Propus que fôssemos a Thorgate, que se situa rio abaixo, há poucas milhas. Sei que já estava enamorado de Ulrica; não teria querido ao meu lado nenhuma outra pessoa.

Em seguida ouvi o longínquo uivo de um lobo. Nunca ouvi um lobo uivar, mas sei que era um lobo. Ulrica não se alterou.

Logo disse, como "se pensasse em voz alta: — As poucas e pobres espadas que vi ontem em York Minster comoveram-me mais do que as grandes naves do museu de Oslo.

Nossos caminhos se cruzavam. Essa tarde, Ulrica prosseguia viagem com destino a Londres, e eu na direção de Edimburgo.

— Em Oxford Street, — disse-me — repetirei os passos de De Quincey, que buscava sua Ana perdida entre as multidões de Londres.

— De Quincey — respondi — deixou de procurá-la. E eu, ao longo do tempo, sigo buscando-a.

— Talvez — disse em voz baixa — a tenhas encontrado.

Compreendi que uma coisa inesperada não me estava proibida e beijei-a na boca e nos olhos. Afastou-me com suave firmeza, dizendo-me em seguida: — Serei tua na pousada de Thorgate. Entrementes, peço-te que não me toques. É melhor que seja assim.

Para um homem solteiro entrado em anos, o amor oferecido é um dom que já não se espera. O milagre tem direito de impor condições.

Pensei em meus tempos de moço em Popayán e em uma garota do Texas, clara e esbelta como Ulrica, que me havia negado seu amor.

Não cometi o erro de perguntar-lhe se me amava. Compreendi que não era o primeiro e que não seria o último. Essa aventura, possivelmente a última para mim, seria uma das muitas para essa resplandecente e decidida discípula de Ibsen.

De mãos dadas seguimos adiante.

— Tudo isto é como um sonho — disse-lhe eu — e eu nunca sonho.

— Como aquele rei — replicou Ulrica — que não sonhou até que um feiticeiro fê-lo dormir em uma pocilga.

E acrescentou depois: — Ouve bem. Um pássaro vai cantar. Logo em seguida ouvimos o canto.

— Nestas terras — disse eu — acreditam que quem vai morrer pode prever o futuro.

— E eu estou perto de morrer. Olhei-a atônito.

— Cortemos caminho pela floresta — apressei-a —. Chegaremos mais rapidamente a Thorgate.

— A floresta é perigosa — replicou. Seguimos pela campina.

— Eu queria que este momento durasse sempre — murmurei.

— Sempre é uma palavra que não está permitida aos homens — afirmou Ulrica. E para tornar menos enfático o que dizia, pediu-me para repetir meu nome, que não havia ouvido bem.

— Xavier Otárola, lhe disse.

Quis repeti-lo mas não pode. E eu fracassei igualmente com o nome de Ulrikke.

— Vou te chamar Sigurd — declarou com um sorriso.

— Se sou Sigurd — repliquei — tu serás Brynhildr. Retardou sua caminhada.

— Conheces a saga? — perguntei.

— Claro — respondeu. A trágica história que os alemães deitaram a perder com seus tardios Nibelungos.

Não quis discutir e respondi: — Brynhildr, tu caminhas como se quisesses que entre nós dois houvesse uma espada na cama.

De repente nos achamos em frente à pousada. Não me surpreendeu que se chamasse, como a outra, Northern Inn.

Do alto da escada, Ulrica gritou-me: — Ouviste o lobo? Já. não restam lobos na Inglaterra. Apressa-te.

Ao subir o andar alto notei que as paredes estavam forradas de papel à maneira de William Morris, de um vermelho muito profundo, com frutos e pássaros entrelaçados. Ulrica entrou primeiro. O aposento escuro era baixo, com um teto de duas águas. O esperado leito se duplicava num vidro, e o mogno polido me lembrou o espelho da Escritura. Ulrica já se tinha despido. Chamou-me por meu verdadeiro nome, Xavier. Senti que a neve aumentava. Já não havia móveis nem espelhos. Não havia espada entre nós dois. O tempo se escoava como areia. Secular, fluiu na sombra o amor, e eu possuí pela primeira e última vez a imagem de Ulrica.

Jorge Luis Borges

9 Arrebatou a espada a Gram e colocou-se entre os contendores (islandês arcaico). (N. do T.).

Livro terceiro das fantasias de Gaspar da Noite

A NOITE E SUAS ILUSÕES

I A CELA GÓTICA

*Nox et solitudo plenae sunt diabolo
Os Padres da Igreja*

(De noite, minha cela se enche de diabos.)

Oh, a terra! — murmurava eu de noite. É um cálice perfumado cujo pistilo e estames são a lua e as estrelas!

E com os olhos pesados de sono, fechei a janela que incrustou a negra luz do calvário na auréola amarela dos vidros.

Se ao menos à meia noite, hora brasonada de dragões e diabos, não fosse o gnomo o único a embriagar-se com o óleo da minha lâmpada!

Se não fosse a ama de leite a única a acalentar, com seu monótono canto, na couraça de meu pai, também recém-nascido morto!

Se não fosse o esqueleto do lansquenê emparedado no madeirame o único a chamar com a testa, com o cotovelo e com o joelho!

Porém é Scarbó, que me morde o pescoço e que, para cauterizar minha ferida sangrenta, enfia nela seu dedo de ferro enrubescido nas brasas da chaminé!

II

SCARBÓ

*Deus meu, concede-me na hora da morte,
as súplicas de um monge,
uma mortalha de pano,
um ataúde de pinho e em lugar seco.*

As ladainhas do senhor Marechal

Morras absolvido ou condenado — murmurava Scarbó esta noite em meu ouvido —, e terás por mortalha uma teia de aranha, e já me encarregarei de amortilhar a aranha contigo.

Com os olhos vermelhos de tanto chorar, respondi: "Dá-me ao menos por mortalha uma folha de álamo, que me traga o hálito do lago".

— Não — respondeu sardônico o anão —: serás pasto do escaravelho que todas as tardes sai a caçar mosquitos deslumbrados pelo sol poente.

— Preferes, pois — repliquei sem deixar de chorar —; preferes que uma tarântula com tromba de elefante me sorva?

— Bem, consola-te — acrescentou —. Terás por mortalha as tiras cravejadas de ouro de uma pele de serpente, nas quais te envolverei como uma múmia.

"E da tenebrosa cripta de São Benigno, onde te deixarei de pé contra a parede, poderás ouvir à vontade como choram as crianças que estão no limbo".

III

O LOUCO

*Uni carolus10
ou, se preferires,
um cordeiro de ouro.*

Manuscritos da Biblioteca do Rei

10 Moeda antiga.

A Lua penteava seus cabelos com um pente de ébano, que prateava com uma chuva de vaga-lumes as colinas, os prados e as florestas.

Scarbó, gnomo que possuía abundantes tesouros, espreitava do meu telhado, enquanto rangia o catavento, ducados e florins que saltavam cadenciadamente, indo as moedas falsas semear o chão da rua.

Como ria o louco que, durante as noites, vaga pela cidade, com um olho posto na lua e o outro — ai! — saltado.

"Maldita seja a Lua!", grunhiu. "Recolherei as moedas do diabo e comprarei uma picota para esquentar-me ao sol". Porém era a Lua, ainda a Lua, a que se escondia. E Scarbó, na cova, continuava cunhando ducados e florins a golpes de balancim.

Enquanto isto, com os chifrinhos em frente, unia lesma procurava caminho em meus vitrais luminosos.

IV

O ANÃO

— Tu a cavalo?

— Por que não? Mais de uma vez galopei em um galgo do laird¹¹ de Linlithgow.

Balada escocesa

11 Em inglês no texto. Senhor escocês.

Do meu assento, na sombra das cortinas, eu tinha capturado a borboleta furtiva surgida de um raio de luz ou de uma gota de orvalho.

O inseto palpitante, por desprender suas asas cativas em meus dedos, pagava-me um resgate de perfumes.

Subitamente, o errante animalzinho se pôs a voar. Em meu colo ficou uma larva monstruosa e disforme com um rosto humano.

— Onde está tua alma? Que estou eu cavalgando? — Minha alma, pequena montaria fustigada pelas fadigas do dia, repousa agora na liteira dourada dos sonhos.

E fugia aterrorizada, minha alma, através da lívida teia de aranha do crepúsculo por cima dos negros horizontes grinaldados de negros campanários góticos.

Porém o anão, pendurado nela em sua fuga relinchante, se enrolava como um fuso nos flocos de sua crina branca.

V

O CLARÃO DA LUA

*Despertai, vós que dormis,
e rogai por aqueles que morreram*

Grito do que clama na noite

Oh! Quão doce é, à noite, quando as horas tremem no campanário, olhar a lua com seu nariz igual a um carolus de ouro!

Dois leprosos se queixavam debaixo da minha janela, um cão uivava na pracinha e o grilo da minha chaminé vaticinava em voz baixa, mas não tardou em fazer-se em meus ouvidos um silêncio profundo.

Os leprosos voltaram a suas pocilgas, chegando no momento em que Jacquemart batia em sua mulher.

O cão havia saído a correr entre as alabardas da noite embolorada pela chuva e inteiriçada pelo ouriço. '

E o grilo pegou no sono tão logo a última fagulha se apagou entre as cinzas da chaminé.

E pareceu-me — tão incoerente é a febre! — que a Lua, fazendo-me caretas, punha a língua para fora como um enforcado.

Ao sr. Louis Boulanger, pintor.

VI

A RODA SOB O CAMPANÁRIO

Era um maciço casarão, quase quadrado, rodeado de ruínas, e cuja torre principal, que ainda conservava o relógio, dominava todo o bairro.

Fenimore Cooper

Doze mágicos dançavam em roda sob o sino principal de Saint-Jean. Um atrás do outro invocou a tempestade, e desde o fundo do meu leito contei com terror doze vozes que atravessavam as trevas.

Imediatamente a lua correu a esconder-se detrás das nuvens, e uma chuva misturada com relâmpagos e rajadas de vento fustigou minha janela enquanto que os cataventos grasnavam como gralhas na floresta, aguentando a chuvarada.

Saltou a prima do meu alaúde, pendurado no tabique; o pintassilgo sacudiu as asas, em sua gaiola; algum espírito curioso voltou uma página do Roman-de-la-Rose que dormia na minha escrivaninha.

De repente estourou o raio no alto de Sant-Jean. Os feiticeiros, mortalmente feridos, caíram desmaiados, e de longe vi seus livros de magias arderem como uma tocha no negro campanário.

O espantoso resplendor tingia com as chamas vermelhas do purgatório e do inferno os muros da igreja gótica e prolongava sobre as casas vizinhas a sombra da estatura gigantesca de Saint-Jean.

Os cataventos se enferrujaram; a lua atravessou as nuvens cinza-pérola; a chuva apenas gotejava do beiral do telhado, e a brisa, abrindo minha janela mal fechada, lançou sobre o meu travesseiro as flores de um jardim sacudido pela tormenta.

VII

UM SONHO

Isso e muito mais sonhei, mas não entendo uma única palavra desse sonho.

Rabelais, *Pantagruel*, Livro III

Era noite. A princípio havia — eu conto como vi — uma abadia com as paredes riscadas pela lua, uma floresta atravessada por caminhos tortuosos, e o Marimont¹², repleto de capas e chapéus.

12 Lugar onde se realizavam as execuções em Dijon.

Logo em seguida — eu conto como vi —, um fúnebre dobrar de finados em um campanário, respondido por fúnebres soluços vindos de uma cela, lamentos doidos e risos ferozes que faziam estremecer as folhas nas ramagens, murmúrios de preces dos penitentes negros que acompanhavam o criminoso ao seu suplício.

Finalmente — assim acabou o sonho, assim o conto — um monje expirava na cinza dos agonizantes, uma jovem se debatia pendurada nos ramos de um azinheiro. E eu, a quem o verdugo desgrenhado amarrava nos raios da roda.

Don Agustín, o prior defunto, em hábito de franciscano, terá as honras de uma câmara ardente; e Marguerite, assassinada por seu amante, será amortalhada com seu vestido branco de inocência entre quatro círios de cera.

Comigo, porém, a barra do verdugo se quebrou na primeira pancada, como se fosse de vidro, as tochas do penitente se apagaram sob torrentes de chuva, a multidão se dispersou como os arroios transbordados e as corredeiras — e eu já perseguia outros sonhos ao despertar.

VIII

MEU BISAVÔ

Naquele quarto tudo permanecia no mesmo estado, a não ser a tapeçaria, que estava completamente dilacerada, e pelas aranhas que teciam suas teias no pó.

Walter Scott, *Woodstock*

As veneráveis personagens da tapeçaria gótica agitada pelo vento saudaram umas às outras e meu bisavô entrou na peça, — meu bisavô, que logo fará oitenta anos que morreu.

Aí! Aí mesmo, frente a este genuflexório, foi onde se ajoelhou meu bisavô, roçando levemente com sua barba o missal amarelo, aberto onde marca o indicador.

Durante toda a noite estive balbuciando suas orações sem descruzar um só momento os braços sob a esclavina de seda violeta, sem sequer olhar obliquamente uma única vez em minha direção, — eu, que sou sua posteridade, deitado na cama, sua poeirenta cama. de dossel.

E me dei conta, com espanto, de que seus olhos estavam vazios quando ainda pareciam ler; que seus lábios estavam imóveis, quando eu ainda o ouvia rezar; que seus dedos estavam descarnados, quando ainda cintilavam de pedrarias!

E evitei perguntar-me se velava ou se dormia; se era a lividez da Lua ou de Lúcifer; se era meia-noite ou o amanhecer.

IX

ONDINA

*...Eu acreditava escutar
uma vaga harmonia que o meu
sonho encantava, um sussurro próximo, semelhante,
No ar, ao canto entrecortado de uma voz
triste terna.*

Ch. Brugnot, *Os dois gênios*

— Escuta! Escuta! Sou eu, Ondina, quem toca levemente com gotas de água os sonoros losangos de tua janela iluminada por melancólicos raios de luar; e vê aí, vestida de tafetá, a dama do castelo que do balcão contempla a formosa noite estrelada e o belo lago adormecido.

"Cada onda é uma ondina que nada na corrente, cada corrente é um caminho que serpenteia até o meu palácio, e meu palácio está feito de matérias fluídas, no fundo do lago, no triângulo do fogo, da terra e do ar.

— "Escuta! Escuta! Meu pai, coaxando, fustiga a água com um ramo de amieiro verde; e minhas irmãs acariciam com seus braços de espuma as frescas ilhotas de erva, de nenúfar, de gladiolo, ou zombam do salgueiro decrépito e barbado que pesca com uma vara".

Terminada a canção, suplicou-me que pusesse seu anel em meu dedo para ser esposo de uma ondina, e visitar com ela seu palácio e ser o rei dos lagos.

Como eu respondesse que amava uma mortal, zangada e despeitada verteu algumas lágrimas, soltou uma gargalhada e

desvaneceu-se entre aguaceiros que escorriam claros em meus vidros azuis.

X

A SALAMANDRA

Lançou no jogo da chaminé um feixe de visco abençoado que ardeu crepitando.

Ch. Nodier, *Trilby*

— Grilo, meu amigo. Por que, como morto, estás surdo ao meu silvo e cego ao esplendor do incêndio?

O grilo, porém, por muito afetuoso que fossem as palavras da salamandra, nada disse, seja porque dormia um mágico sono, seja porque teve o capricho de aborrecer-se.

— Oh! Canta-me tua canção como fazes cada noite! Do teu esconderijo de cinza e fuligem da placa de ferro coberta com três heráldicas flores de lis...

Tampouco respondeu o grilo. E a salamandra, desconsolada, ora esperava ouvir a voz, ora zumbia com a chama de cambiantes cores rosa, azul, amarelo, branco, violeta.

— Morreu meu amigo! Morreu, e eu também quero morrer! — As lenhosas ramagens se haviam consumido, a chama arrastou-se sobre as brasas, disse adeus à corrente da chaminé, e a salamandra morreu de inanição.

A hora das bruxas

O que pode ocorrer no vale a estas horas?

H. de Latouche, *El Rey de los Alisos*

É aqui! E logo na espessura dos matagais que apenas iluminava o olho fosforescente de um gato montes acocorado sob a ramaria.

Entre as rochas que encharcavam na noite de seus precipícios sua cabeleira de espinheiro, reluzente de orvalho e de vaga-lumes;

Junto à torrente que tomba espumosa entre as copas dos pinheiros e que flutua como um vapor cinzento no fundo dos castelos;

Reúne-se uma multidão incalculável que o velho lenhador, retido nas picadas com sua carga de lenha sobre os ombros, ouve porém não vê.

E de azinheira em azinheira, de colina em colina, se dispersam mil gritos confusos, lúgubres, espantosos:

Hum! Hum! Shh! Shh! Curu! Curu! Aí está a força!

— E por ali se vê aparecer, na sombra, um judeu que procura algo entre a erva molhada, sob o relâmpago dourado de uma auréola.

Aloysius Bertrand, *Gaspar de la Nuit* (1842)

Preparando-se

Nos processos dos seus sonhos, o homem se exercita para a vida futura.

Nietzsche

Entre mim e eu mesmo, que diferença!

Até o ano 400 o filho de Mônica e Bispo de Hipona, Aurelius Augustinus, conhecido depois por Santo Agostinho, redigiu suas Confissões. Não pode dissimular seu assombro ante as deformações e excessos que assaltam durante o sono os varões que, durante a vigília, se atem à sua concepção ético-filosófica e à doutrina cristã. "Não por mim, porém em mim, isto ocorreu", disse. "Entre mim e eu mesmo que diferença!" E o bispo dá graças a Deus por não ser responsável pelo conteúdo de seus sonhos. Na verdade, somente um santo pode ficar tranquilo por saber-se irresponsável.

Rodericus Bartius, *Los que son números y los que no lo son* (1964)

Os caminhos de que se vale Deus para alimentar o espírito

Porém, quem pode detalhar seu primeiro dia em Atenas, quando os sonhos infantis, quase esquecidos, recobram luzes e linhas, e parecem confirmar-se? Andamos entre deuses e turistas, transpiramos, bebemos vinho; tão logo ficava ensimesmado ou me tornava loquaz, sentia vontade de cantar ou emudecia. Os olhos apreendem o desnecessário e se multiplicam para o eterno. Se cruzava com uma jovem que vestia uma simples blusa, tratava-se de uma donzela dos jogos ou os oráculos. Passei junto ao Erecteion e suas cariátides quase sem olhar, com uma saudação tácita para as velhas amigas. No Partenon a sabedoria de Ictinome foi revelada em

dobro: a perfeição do templo e a maestria de sua situação dentro da paisagem. E o mar que se vê do alto da Acrópole! Por onde andava o barco de velas negras que se arrojou no velho Egeu? E este presente inesperado: os tomates mais deliciosos que já comi.

De noite permaneci uma ou duas horas no terraço do hotel: o Partenon iluminado a giorno. (Sabia eu que suas pedras eram de um tom amarelo cru? Porém, quantas coisas eu não sabia?). Adormeci na expectativa de visões influenciadas pelo dia que passara. Mas isso não aconteceu. Sonhei com os caminhos de que se vale Deus para alimentar o espírito.

Por canais de acrílico (eu não tinha visto nem vasos nem veias de acrílico), amáveis corpúsculos de luz me chegavam até o peito, em uma suave continuidade de oferta; pareceu-me um doce sistema cardiovascular supletivo, que distribuía graças. Ao mesmo tempo (não se via Deus, mas era certo que Ele ali estava) fibrilas que desprendiam fagulhas do verbo me transmitiam notícias nobres do espaço e do silêncio. A voz de multidões havia cessado. E todos esses grãos de pó redentor ficavam em mim, rodeado que estava de um diafaneidade e de uma paz que nunca encontrarei na vigília.

Durante o jejum contei tudo à minha mulher, porém ela (que havia sido mártir nos tempos da perseguição religiosa) limitou-se a sorrir.

Que podemos fazer? Deus nunca poderá ser mais do que já é; nem eu, por mais redundante que me torne, poderei ser menos do que já sou. De modo que um dia destes nos encontraremos.

Gaston Padilla, *Memórias de un prescindible* (1974)

O sonho do chanceler

O que Vossa Majestade me escreve encoraja-me a relatar-lhe um sonho que tive na primavera de 1863, quando a gravidade da situação política havia chegado ao seu ponto máximo e não se vislumbrava nenhuma saída praticável. Com as coisas neste pé, sonhei durante a noite (e na manhã seguinte contei à minha mulher e a outras pessoas) que ia a cavalo por uma estreita picada alpina, ladeada à direita por um despenhadeiro, e à esquerda por uma rocha perpendicular. O caminho foi ficando cada vez mais estreito, até o ponto em que o cavalo negou-se a prosseguir, resultando igualmente impossível, por falta de espaço, retroceder ou apear. Frente a esta dificuldade, com o chicote que empunhava na mão esquerda, golpeei a rocha vertical e lisa, invocando o nome de Deus. O chicote encompridou-se infinitamente, caiu a rocha e surgiu diante de meus olhos um amplo caminho, ao fundo do qual se estendia uma bela paisagem de colinas e florestas, semelhantes às da Boêmia, e onde avançava um exército prussiano com suas bandeiras desfraldadas. Ao mesmo tempo, eu me perguntava como poderia comunicar rapidamente a Vossa Majestade, este acontecimento. Acordei contente e fortalecido. O sonho conseguiu cumprir-se.¹³

Bismarck a Guilherme I, 18 de dezembro de 1881

13 Em 1863 ocorreu a revolta polonesa; em novembro, a morte de Frederico VII da Dinamarca pôs novamente nas agendas europeias a questão do Schleswig-Holstein; em 1886 estourou a "guerra relâmpago" de sete semanas contra a Áustria.

Sonha Alonso Quijano

O homem acorda de um não definido
Sonho de alfanges e de plano chão
E tocando sua barba com a mão
Se pergunta se está morto ou está ferido.
Não o perseguiram os feiticeiros
Que juraram seu fim à luz da lua?
Nada. Só o frio. Somente a sua
Doença dos anos derradeiros.
O fidalgo foi um sonho de Cervantes
E Dom Quixote, um sonho do fidalgo.
O duplo sonho os confunde, e algo
está ocorrendo, e ocorreu já antes.
Quijano dorme e sonha. Uma batalha:
Os mares de Lepanto e a metralha.

Jorge Luis Borges

A morte de um presidente

Há cerca de dez dias deitei-me muito tarde. Havia estado aguardando uns despachos muito importantes,.. Logo em seguida comecei a sonhar. Parecia envolver-me a rigidez da morte. Escutei soluços sufocados, como se várias pessoas estivessem chorando. No sonho, saí da cama e lancei-me escadas abaixo.

Ali o silêncio era rompido por idênticos soluços, porém os que sofriam eram invisíveis. Caminhei de quarto em quarto. Não havia ninguém a vista e os lamentos me seguiam enquanto caminhava.

As salas estavam iluminadas, os objetos me eram familiares; mas onde estava esta gente cujos corações pareciam estar a ponto de rebentar de aflição?

Invadiram-me a confusão e o medo. Que significava tudo isto?

Decidido a descobrir as causas desta situação tão chocante e misteriosa, segui até a Sala Oriental. Encontrei-me aí com uma surpresa perturbadora. Em um cadafalso se achava um cadáver envergando vestimentas funerárias. Ao seu redor, soldados de guarda, e um indígena que olhava com tristeza o corpo que ali jazia, cujo rosto estava oculto por um lenço. Outros choravam com profundo pesar.

— Quem foi que morreu na Casa Branca?, perguntei a um dos soldados.

— O presidente — respondeu-me ele. Foi morto por um assassino.

Anotado por Ward Hill Lamon, chefe de polícia do distrito de Columbia, que se encontrava presente quando Abraham Lincoln narrou a um grupo de amigos, na Casa Branca, um sonho que tivera em uma das noites anteriores e pouco antes de ser mortalmente baleado na cabeça, dentro do Teatro Ford, de Washington (14 de abril de 1865) por John Wilkes Booth.

O bom operário

Estava o beato Antônio em oração e jejum quando o sono venceu-o e ele sonhou que do céu descia uma voz que lhe dizia que seus méritos ainda não eram comparáveis aos do curtidor José, de Alexandria. Saiu andando Antônio e surpreendeu o simplório homem com sua presença respeitável. "Não me lembro de ter feito nada de bom — declarou o curtidor —. Sou um servo inútil. Diariamente, ao ver o sol raiar sobre esta grande cidade, penso que todos os seus moradores, do maior ao menos importante, entrarão no céu por sua bondade, menos eu que, por causa dos meus pecados, mereço o inferno. E o mesmo mal-estar me contrista quando vou deitar-me, e cada vez com mais veemência". "Na verdade, meu filho — observou Antônio — tu, dentro de tua casa, como bom operário, ganhaste descansadamente o reino de Deus, enquanto que eu, irrefletido que sou, consumo minha solidão e ainda não cheguei a tua altura". Isto posto, voltou Antônio ao deserto e, no primeiro sonho que teve, voltou a baixar a ele a voz de Deus: "Não te angusties; estás perto de mim. Mas não esqueças de que ninguém pode estar seguro nem do próprio destino nem do destino dos outros".

Vida dos Padres Eremitas do Oriente

O espelho de vento-e-lua

Em um ano, o sofrimento de Kia Yui se agravou. A imagem da inacessível senhora Fênix consumia seus dias; os pesadelos e a insônia, as suas noites.

Uma tarde, um mendigo taoista pedia esmolas na rua e proclamava que podia curar as doenças da alma. Kia Yui mandou chamá-lo. Disse-lhe o mendigo: "Seu mal não sara com remédios. Tenho aqui algo que o curará se seguir minhas indicações". Tirou da

manga um espelho polido nas duas faces, com a seguinte inscrição: Precioso Espelho de Vento-e-Lua.

Acrescentou o mendigo: "Este espelho vem do Palácio da Fada do Terrível Despertar e tem a virtude de curar os males causados pelos ventos impuros. Evite, porém, olhar o verso. Amanhã voltarei para buscar o espelho e para felicitá-lo por suas melhoras". Não quis aceitar as moedas que lhe foram oferecidas.

Kia Yui olhou a frente do espelho, e aterrorizado atirou-o longe.

O espelho refletia sua caveira. Amaldiçoou o mendigo e quis olhar o verso do espelho. Lá do fundo, a senhora Fênix, esplendidamente vestida, lhe fazia sinais. Kia Yui sentiu-se arrebatado, atravessou o metal e realizou o ato de amor. Fênix acompanhou-o até a saída.

Quando Kia Yui acordou, o espelho estava ao contrário e novamente lhe mostrava a caveira. Esgotado pelas delícias do lado feliz, Kia Yui não resistiu a tentação de olhá-lo uma vez mais. A senhora Fênix lhe fazia sinais, e ele cruzou o metal novamente e novamente fizeram amor. Isto ocorreu umas quantas vezes. Na última, dois homens o prenderam quando saía e o acorrentaram. "Eu os seguirei, murmurou, "mas deixem-me levar o espelho".

Foram suas últimas palavras.

Encontraram-no morto, sobre o lençol manchado.

Tsao Hsue-qin, *Sonho do aposento vermelho* (c. 1754)

O sonho de Melania

Ia eu pela neve, em um carro puxado por cavalos. A luz era não mais que um ponto; parecia a mim que se extinguia. A Terra tinha saído de sua órbita e nós nos distanciávamos cada vez mais do Sol. Pensei: é a vida que se apaga. Quando acordei estava gelado. Porém encontrei consolo porque uma pessoa piedosa cuidava do meu cadáver.

Gaston Padilla, *Memórias de un prescindible* (1974)

O sonho do juízo final ou o sonho das caveiras (1606)

AO CONDE DE LEMOS, PRESIDENTE DAS ÍNDIAS

Às mãos de Vossa Excelência vão estas verdades nuas, que buscam não quem as vista, porém quem as admita; que em tal ocasião viemos, que com ser tão superior, havemos de rogar com ele. Promete-se segurança somente nelas. Viva Vossa Excelência para a honra de nossa época.

Don Francisco Gómez de Quevedo Villegas.

Senhor, diz Homero que os sonhos são de Júpiter¹⁴ e que ele os envia; em outro lugar afirma que se deve acreditar neles¹⁵. E assim, quando abordam coisas importantes piedosas, ou são sonhos de reis, ou de grandes senhores, como se pode compilar do doutíssimo e admirável Propércio nestes versos:

*Néc tu sperne piis venientia somnia portis: Quum pia venerunt somnia, pondus habent.*¹⁶

Digo a propósito que considero como caído do céu um sonho que tive uma destas noites, tendo fechado os olhos com o livro Fim do Mundo e Segunda Avenida de Cristo, do beato Hipólito, causador do sonho em que vi o Juízo Final.

E mesmo que na casa de um poeta seja difícil de crer que ocorram coisas judiciosas (ainda que em sonhos), comigo ocorreu, e pela razão que dá Claudiano no prefácio do livro segundo do Rapto, dizendo que todos os animais sonham durante a noite as coisas de que se ocuparam durante o dia. E Petrônio acrescenta:

*Et canis in somnis leporis vestigia latrat.*¹⁷

E falando dos juízes: *Et pavidó cernit inclusum corde tribunal.*¹⁸

Pareceu-me, pois, que vivia um mancebo que, vagando pelo ar, dava voz ao seu alento através de uma trombeta, enfeitando sua formosura com o esforço que fazia. O som encontrou obediência nos

mármore e ouvidos nos mortos; e assim, logo começou a mover-se toda a terra, permitindo aos ossos irem uns em busca de outros. E passando o tempo (ainda que tenha sido breve) vi os que haviam sido soldados e capitães se levantarem irados dos sepulcros, tomando à trombeta como um sinal de guerra; os avaros, com ansiedades e aflições, receando algum ataque; e as pessoas dadas à vaidade e à gula, por ser áspero o som, tomaram-no como coisa de festa ou de caça.

Isto percebia eu nos semblantes de cada um, e não vi que este ruído da trombeta chegasse a uma só orelha que se persuadissem de que era coisa séria. Notei depois a maneira como algumas almas fugiam, umas com asco e outras com medo, de seus antigos corpos; causou-me riso ver a diversidade de figuras e admirou-me a providência de Deus em que, estando embaralhados uns com os outros, ninguém por erro de contagem punha em si as pernas e os membros de seus vizinhos.

Somente em um cemitério pareceu-me que andavam trocando cabeças, e vi um escrivão que não gostava muito de sua alma e quis dizer que não era sua, para descartar-se dela.

Depois, já que todos se inteiraram de que era o dia do Juízo, foi de ver-se como os luxuriosos não queriam que seus olhos os achassem, para não levar ao tribunal testemunhas contra eles; os maldizentes, as línguas; os ladrões e os assassinos gastavam os pés em fugir de suas próprias mãos. E, voltando-se para um lado, vi um avaro que estava perguntando a um vizinho (que por ter sido embalsamado e estar longe de suas tripas, não falava, porque estas ainda não haviam chegado) se, já que naquele dia ressuscitaria tudo o que havia sido enterrado, também iriam ressuscitar umas bolsas de dinheiro suas. Acharia graça, se por outro lado não me desse pena, o esforço que fazia uma chusma de escrivãos para fugir de suas orelhas, não querendo levá-las para não ouvir o que esperavam; mas somente se foram sem elas aqueles que aqui as haviam perdido por serem ladrões. O que, por descuido, não foram todos. Porém o que mais me espantou foi ver os corpos de dois ou três mercadores que haviam vestido suas almas ao contrário, e tinham todos os cinco sentidos nas unhas da mão direita.

Eu via tudo isto de uma ladeira muito alta, a ponto de ouvir-me dizer aos meus pés que me afastassem; e mal tinha dito isto, muitas mulheres formosas começaram a assomar-se, chamando-me de descortês e de grosseiro porque não tinha manifestado mais respeito pelas damas (e elas estão mesmo no inferno ainda sem perder esta loucura). Saíram para fora, muito alegres por se verem esbeltas e despidas entre tanta gente a olhá-las, ainda que sabendo que aquele era o dia da ira e que sua beleza as estava acusando secretamente, e começaram a caminhar na direção do vale com passos mais alegres.

Uma delas, que havia sido casada sete vezes, ia esboçando desculpas para todos os matrimônios. Outra, que havia sido rameira pública, para não chegar ao vale não fazia outra coisa senão dizer que havia esquecido dois dentes e uma sobancelha, e voltava e parava. Afinal, chegou perto do teatro e havia tantos homens que ela havia ajudado a perder, e que, apontando para ela, gritavam irados, que quis esconder-se entre uma multidão de esbirros como se aquela fosse gente que não contasse, mesmo naquele dia.

Distraiu-me disto um grande ruído na margem de um rio, de gente que, em grande quantidade, vinha atrás de um médico, fato que depois soube tratar-se de uma sentença. Eram homens que haviam sido despachados por ele, sem razão e antes do tempo, e que por isso se haviam condenado, e que o puseram à força diante do trono. À minha esquerda ouvi o ruído de alguém que nadava, e vi um que havia sido juiz e que estava no meio de um arroio lavando as mãos, coisa que fazia repetidas vezes. Cheguei a perguntar-lhe porque se levava tanto, e disse-me que em vida havia manchado tanto suas mãos em razão de certos negócios, que ali estava esforçando-se para limpá-las a fim de não aparecer naquelas condições diante da residência universal.

Era de se ver como uma legião de espíritos maus, com açoites, paus e outros instrumentos, traziam para o julgamento uma multidão de taberneiros, alfaiates, sapateiros e livreiros, que de medo se faziam de surdos; e, embora tivessem ressuscitado, não queriam sair das sepulturas. E por causa do barulho que faziam no caminho por onde passavam, um advogado ergueu a cabeça e

perguntou-lhes onde iam; e lhe responderam que iam ao "justo Juízo de Deus, que era chegado".

Diante disto, o advogado enfiou-se ainda mais no caixão e disse: — Isto me pouparei de andar, se é que tenho que ir ainda mais para baixo.

Suando, passava um taberneiro aflito, tão cansado que se deixava cair a cada momento, e a mim pareceu que lhe dizia um demônio: — Já é muito que transpires água e não nos venda este suor por vinho.

Um dos alfaiates, de pequena estatura, cara redonda, barbas ruins e feitos ainda piores, não fazia mais do que dizer: — Que poderia haver eu furtado, se estava sempre morrendo de fome?

E os outros lhe diziam (vendo que negava haver sido ladrão) que coisa era esta de menosprezar seu ofício.

Toparam com uns salteadores e punguistas que andavam fugindo uns dos outros até que os diabos os apertaram dizendo que eles bem poderiam juntar-se aos demais, pois afinal eram de certa forma alfaiates silvestres e campestres, assim como os gatos do campo. Houve brigas entre eles, pela afronta de irem juntos, mas afinal juntos chegaram ao vale.

Atrás deles vinha a loucura em uma turba, com seus quatro costados: poetas, músicos, enamorados e valentes, gente alheia a tudo que se referia a este dia. Puseram-se de lado, de onde olhavam os verdugos judeus e os filósofos. Desciam juntos, vendo os sumos pontífices sentados em tronos de glória: — Os Papas se aproveitam de seus narizes de maneira diferente de nós, pois com dez varas de nariz não conseguimos cheirar o que trazíamos entre as mãos.

Dois ou três procuradores andavam contando as caras que tinham, e se espantavam que lhes sobrassem tantas, tendo vivido tão descaradamente. Finalmente, vi baixar o silêncio sobre todos.

Fazia o mesmo um tipo encarregado de garantir o silêncio na catedral, com uma melena mais abundante que um cão peludo, dando tais golpes com seu bastão de sineiro que a ele acudiram mais de mil racioneiros, sacristãos e frades, e até um bispo, um arcebispo e um inquisidor, trindade profana e profanadora que se

arranhava para arrebatá-la uma boa consciência que por ali andava distraída a procura de alguém que lhe viesse bem.

O trono era obra trabalhada pela onipotência e pelo milagre.

Deus estava vestido dele mesmo, formoso para os santos e agastado para os perdidos; o sol e as estrelas pendendo de sua boca, o vento tolhido e mudo, a água recostada em suas margens, suspensa a terra, temerosa em seus filhos, os homens.

Alguns ameaçavam aos que lhes haviam ensinado, com seu mau exemplo, os piores costumes. Todos, em geral, pensativos: os justos, em que graças dariam a Deus, como pediriam por si; os maus, que desculpas dariam.

Os anjos da guarda mostravam, em seus passos e cores, as contas que tinham que dar de seus encomendados, e os demônios repassavam suas cópias, senhas e processos. No fim, todos os defensores estavam na parte de dentro e os acusadores na de fora. Os dez mandamentos montavam guarda em uma porta tão estreita, que mesmo os que estavam magros de tanto jejum, ainda assim tinham que deixar algo na estreitura, ao passar.

De um lado, juntas, estavam as desgraças, a peste e os pesares, vociferando contra os médicos. A peste dizia que ela havia ferido as pessoas, mas que os médicos as haviam despachado; os pesares garantiam que não haviam matado ninguém sem a ajuda dos doutores; e as desgraças afirmavam que todos os que haviam enterrado resultavam de trabalho de ambas as partes.

Com isto, os médicos ficaram na obrigação de dar conta dos defuntos; e assim, ainda que os nécios dissessem que eles haviam matado mais ainda, empunharam os médicos um papel timbrado escrito; e fizeram uma chamada, e logo se assomava um que dizia: — Diante de mim passou, no dia tal de tal mês...

Começou-se a contagem por Adão, e para que se veja como a coisa era austera, até de uma maçã lhe pediram conta, e com tanto rigor que ouvi Judas dizer: — E que conta prestarei eu, que vendi uni cordeiro ao próprio dono?

Passaram os primeiros padres, veio do Novo Testamento e sentaram-se em suas cadeiras ao lado de Deus todos os Apóstolos, com o santo Pescador. Em seguida * chegou um. diabo e disse: —

Este é aquele que mostrou com toda a mão o que São João mostrou com um dedo; foi ele quem esbofeteou o Cristo.

Julgou ele mesmo a sua causa, e mandaram-no aos subterrâneos do mundo.

Era de se ver como entravam alguns pobres entre meia dúzia de reis que se atrapalhavam com suas coroas, vendo entrar as dos sacerdotes sem deter-se.

Ergueram suas cabeças Herodes e Pilatos, e cada um percebia no Juiz, ainda que glorioso, a sua ira. Dizia Pilatos: — Isto merece quem se deixou governar por judeuzinhos.

E Herodes: — Eu não posso ir para o céu, pois no limbo não quererão mais confiar em mim os inocentes com as notícias que têm. É forçoso ir para o inferno que, afinal, é uma pousada conhecida.

Neste momento chegou um homem desaforado, de sobrolho franzido, que estendeu uma carta dizendo: — Esta é a carta de exame.

Admiraram-se todos. Os porteiros perguntaram quem era, e ele em altas vozes respondeu: — Mestre de esgrima comprovado e um dos mais valorosos homens do mundo, e para que acreditem, vejam aqui os testemunhos de minhas façanhas.

E começou a tirar do peito as provas com tanta pressa e cólera, que ao mostrá-las elas caíram no chão. Imediatamente acudiram, para apanhá-las, dois diabos e um policial; e vi que este último, com a maior presteza, apanhou os testemunhos antes dos diabos. Chegou um anjo e esticou o braço para agarrar e subjugar o mestre; e este, afastando-se, estendeu igualmente seu braço e disse, dando um salto: — O que este punho faz é irreparável pois ensinou a matar, e eu bem posso pretender que me chamem Galeno; que meus ferimentos andaram de mula e passaram por maus médicos; e que se queres provar-me, darei boa conta do recado.

Riram-se todos, e um fiscal meio moreno perguntou-lhe que notícias tinha de sua alma. Pediram-lhe contas de não sei -o quê, e ele respondeu que não sabia de nenhum ardil contra os inimigos dela.

Mandaram que fosse em linha reta para o inferno, ao que ele retrucou que na certa o julgavam conhecedor do livro matemático, mas que ele não sabia o que era uma linha reta. Fizeram-no aprender e ele, dizendo "Entre outro", atirou-se.

Chegaram uns dispenseiros fazendo contas (mas não rezando por elas), e entre a algazarra que se ouvia, disse um ministro: — São dispenseiros. E outros disseram: — Mas furtar não dispensam.

E lhes deu tanto amargor a palavra furtar, que se confundiram muito. Contudo, pediram que lhes buscassem um advogado, ao que respondeu um diabo: — Ai está Judas, que é apóstolo descartado.

Quando ouviram isto, viraram-se para outro diabo, que não dava conta das folhas que tinha para assinalar e ler, e disseram: — Que ninguém olhe, porque é mais vantagem que tomemos infinitos séculos de purgatório.

O diabo, como bom jogador, disse: — Ah! então estão pedindo vantagem? Então vocês não têm bom jogo.

Começou a descobrir o jogo, e eles, vendo que os olhava, atiraram-se embaralhados nos seus favores.

Tais vozes procediam de um mal-aventurado paste-leiro, e como não se ouviram mais falar de homens esquarterjados, pediram-lhe que declarasse em que lugar havia ele acomodado as carnes deles.

Confessou que fora nos países, e determinaram que fossem restituídos os seus membros, de qualquer estômago em que se achassem.

Perguntaram-lhe se queria ser julgado, e ele disse que sim, por Deus e pela boa sorte. A primeira acusação, dizia sei lá que gato por lebre; tanto de ossos, e não da mesma carne, mas de forasteiros, tanto de ovelha e cabra, cavalo e cachorro; e quando ele viu que, ao serem provados os pastéis se descobriu que neles existiam mais animais do que na arca de Noé (porque na arca não havia ratos nem moscas, mas nos pastéis sim), virou as costas e deixou-os com a palavra na boca.

Foram julgados os filósofos, e era de ver-se como ocupavam suas ciências e sabedoria em fazer silogismos contra sua salvação. Mas o que aconteceu com os poetas foi de chamar a atenção, pois eles, por pura loucura, queriam fazer crer a Deus que Ele era Júpiter, e

que por Ele diziam todas as coisas. Virgílio andava com seu Sicelides Musae¹⁹, dizendo que era o nascimento de Cristo; mas saltou um diabo e disse não sei o que de Mecenas e Otávia, e que mil vezes havia adorado uns chifrinhos deles, e não os trazia por ser dia de festa; e contou não sei que coisas. E enfim, chegando Orfeu (como o mais antigo) a falar por todos, mandaram que voltasse a tentar mais uma vez entrar no inferno para depois sair; e aos demais que o acompanhassem para conhecer o caminho.

Depois deles, chegou à porta um avarento, e lhe foi perguntado o que queria e lhe foi dito que os dez mandamentos guardavam aquela porta contra aqueles que não os haviam guardado; ele disse que em se tratando de guardar, era impossível que ele houvesse cometido algum pecado. Leu o primeiro: Amar a Deus sobre todas as coisas; e ele disse que somente esperava ter todas estas coisas para amar a Deus mais do que a elas. Não jurar seu santo nome em vão; disse que ainda que jurando falsamente, tinha sido por juros muito grandes, e que assim não havia sido em vão. Guardar os dias santos; estes — disse — assim como os dias de trabalho, não apenas guardava como também escondia.

Honrar pai e mãe; — "Sempre lhes tirei o chapéu". Não matar; para respeitar isto, nem comia, para não Matar a fome. Não fornicar; "em coisas que custam dinheiro, já se sabe..." Não levantar falso testemunho...

— Aqui — disse um diabo — está o negócio, avarento. Se confessas haver levantado, te condenas, e se não, diante do Juiz, te levantarás a ti mesmo.

Aborrecendo-se, disse o avarento: — Se não vou entrar, então não gastemos tempo.

Que nem mesmo tempo ele queria gastar.

Convenceu-se de sua vida, e foi levado para onde merecia.

Entraram nisto muitos ladrões, salvando-se entre eles alguns enforcados. E de tal maneira se animaram os escrivãos que estavam diante de Mafoma, Luthero e Judas (vendo-se salvarem os ladrões) que entraram de golpe para serem sentenciados, o que provocou grande risada entre os diabos.

Os anjos da guarda começaram a esforçar-se e a chamar evangelizadores para serem advogados.

Os Demônios começaram a acusação, e não o faziam em processos que traziam fatos de suas culpas, mas sim no que eles haviam feito nesta vida. Disseram primeiramente: — A maior culpa destes. Senhor, é serem escrivães.

E estes responderam em uníssono (pensando que assim dissimulariam algo) que não eram mais do que secretários.

Os anjos advogados começaram a dar quitação.

Diziam uns: — São batizados e membros da Igreja.

E não tiveram muito mais coisas a dizer e terminaram assim: — É homem, e não o farão outra vez. Levantem o dedo.

Afinal, salvaram-se dois ou três, e aos demais disseram os demônios: — Já entendem.

Fizeram-lhe ficar atentos, dizendo que eram importantes ali para jurar contra certa gente.

E vendo eles que por serem cristãos lhes davam mais penalidades do que aos selvagens, alegaram que serem cristãos não era culpa sua, que foram batizados quando crianças e que a culpa cabia aos padrinhos.

Na verdade, digo que vi Mafoma, Judas e Luthero tão perto de atrever-se a entrar em julgamento, animados por verem salvar-se um escrivão, que me espantei que não o fizessem. Somente estorvou-os um médico, porque foi forçado pelos demônios e pelos que o haviam trazido, um boticário e um barbeiro. A eles, um diabo que tinha as cópias disse: — Diante desse doutor passaram os mais defuntos, com a ajuda desse boticário e desse barbeiro, e a eles se deve grande parte o dia de hoje.

Alegou um anjo, em defesa do boticário, que este dava escaldapés aos pobres; porém disse um diabo que, no final das contas, o estoque de sua farmácia tinha sido mais daninho do que mil estocadas de espadas na guerra, porque seus remédios eram espúrios, e que com isto havia feito pacto com a peste e destruído dois lugares.

O médico se desculpava com ele, e finalmente o boticário desapareceu e o médico e o barbeiro andavam na base do dá cá as

minhas mortes e toma lá as suas. Foi condenado um advogado porque tinha todos os direitos com mossas, e atrás dele foi descoberto um homem de gatinhas para que não o vissem, e perguntado quem era, disse que era cômico. Um diabo porém, muito aborrecido, retrucou: — É um farsante, Senhor, e podia ter poupado esta vinda aqui sabendo o que há.

E determinou que saísse, e que fosse ao inferno pelo que dissera.

Nisto, vieram a cena muitos taberneiros, acusados de terem matado muita sede a traição, vendendo água por vinho. Estes vinham confiados no fato de que haviam dado sempre a um hospital vinho puro para as missas; porém isto de nada lhes valeu, como não adiantou aos alfaiates dizerem que haviam vestido meninos jesuses; e assim foram todos despachados como era de esperar-se.

Chegaram três ou quatro genoveses ricos, muito graves, pedindo lugar para sentar, e disse um diabo: — Ainda pensam ganhar às nossas custas? Pois é isto que acaba com eles. Desta vez se deram mal, pois não há lugar para sentarem uma vez que quebraram o banco de seu crédito.

E, voltando-se para Deus, disse um diabo: — Todos os demais homens, Senhor, dão conta, cada um deles, do que é seu; estes, além do mais dão conta do que é dos outros.

A sentença contra eles foi pronunciada. Não ouvi bem, mas eles desapareceram.

Chegou um cavalheiro tão direito, que parecia querer competir com a justiça que o aguardava; fez muitas referências a todos, e com a mão fez um cumprimento usado por aqueles que bebem água nos charcos. Tinha um colarinho tão grande, que não se podia ver se tinha cabeça. Perguntou-lhe um porteiro, da parte de Deus, se era homem; e ele respondeu com grandes cortesias que sim e, por muitos sinais explicou que se chamava dom Fulano, a fé de cavalheiro. Rindo-se disse um diabo: — Por tolo, vá o mancebo para o inferno. Perguntaram-lhe o que pretendia, e ele responde: — Ser salvo.

E foi enviado aos diabos para que o moessem, e ele somente reparou que lhe iam estragar o colarinho. Atrás dele entrou um homem dando ordens, dizendo: — Não tenho problemas; de

quantos santos existam no céu, uns pelos outros, já lhes sacudi o pó a todos.

Todos esperavam ver um Diocleciano ou um Nero, pelo dito de sacudir o pó, mas no fim das contas era um sacristão que espanava os altares; e teria se salvado com isto, não fosse um diabo dizer que ele bebia o óleo das lâmpadas e botava a culpa em umas corujas que havia matado; que cobiçava os ornamentos para vesti-los; que herdava era vida as imagens, e que desfazia as pregas dos paramentos.

Não sei que espécie de quitação lhe deram, mas lhe indicaram o caminho à esquerda.

Dando lugar a umas damas açucaradas, que começaram a fazer melindres das más figuras dos diabos, um anjo disse a Nossa Senhora que elas haviam sido devotas dela, e que as amparasse. O diabo replicou, então, que elas, igualmente, tinham sido inimigas de sua castidade.

— Sim, por certo — disse uma que havia sido adúltera.

E o demônio acusou-a de haver tido um marido em oito corpos; que havia casado uma vez para cada mil em que se juntou. Condenou-se apenas esta, e ela se foi dizendo: — Antes tivesse sabido que ia ser condenada; só assim não teria assistido a missas nos dias santos.

Neste momento, em que tudo estava acabado, foram descobertos Judas, Mafoma e Martinho Lutherero. E tendo um diabo perguntado qual dos três era Judas, Lutherero e Mafoma, os três disseram quem eram. E confundiram tanto a Judas, que este disse em voz alta: — Senhor, eu sou Judas, e vós bem sabeis que sou muito melhor do que estes dois, pois se eu os vendi, remediei o mundo; e eles, vendendo-se a si mesmos e a vós, destruíram tudo.

Foram mandados sair da frente, e um anjo que tinha a cópia descobriu que faltava julgar os policiais e os esbirros. Chamaram-nos (e era de ver-se como chegaram ao seu posto muito tristes) e lhes disseram: — Aqui os damos por condenados. Não é mister fazer mais nada.

Nem bem haviam dito isto e entrou, carregado de astrolábios e de globos, um astrólogo, dando ordens e dizendo que se haviam

enganado, que não deveria ser aquele o dia do Juízo, porque Saturno ainda não havia concluído seus movimentos, nem ele tampouco os seus. Voltou-se um diabo e, vendo-o tão carregado de madeira e de papel, lhe disse: — Já trouxeste a lenha contigo, como se soubesses que de quantos céus tratastes em vida, pela falta de um só, na morte, irás para o inferno.

— A isso eu não vou — disse ele.

— Pois te levarão.

Com isto acabou a residência e o tribunal.

Fugiram as sombras para o seu lugar, ficou o ar com novo aroma, floresceu a terra, viu-se o céu, e Cristo subiu consigo para descansar em si os ditosos, por sua paixão. Eu fiquei no vale, passeando por ele, e ouvi muitos ruídos e queixas na terra.

Aproximei-me para ver o que passava, e vi em uma gruta funda (a garganta do Averno) muitos penarem, e entre eles um letrado — revolvendo, mais caldos do que leis — e um escrivão — comendo somente as letras que não tinha querido ler nesta vida. Todo o mobiliário do inferno, as roupas e os adornos dos condenados estavam ali presos — não com pregos ou alfinetes, mas com policiais. E um avaro, contando mais lutos do que moedas; e um médico padecendo em um urinol; e um boticário em uma seringa.

Ver isso deu-me tal vontade de rir, que as gargalhadas me despertaram; e já foi muito de que deste sonho tão triste eu saísse mais alegre do que espantado.

Os sonhos são estes, senhor, que se dorme Vossência sobre eles, verá que por ver as coisas como eu as vejo, há de aguardá-las da maneira como eu as conto.

Francisco de Quevedo, *Sonhos e discursos de verdades descobridoras de abusos, vícios e enganamentos dos ofícios e estados do mundo* (1627)

14 *Ilíada*, 1.62.

15 *Odisseia* XIX, 562 seg.,; *Eneida*, VI, 894 seg.

16 *Elegias*, IV, 7.

17 Satiricon, CIV.

18 Satiricon, CIV.

19 Primeiras palavras da misteriosa *Écloga*, IV, de Virgílio.

O sonho e o fado

Creso expulsou Solon de Sardes porque o famoso sábio desprezava os bens terrenos e somente se preocupava com o fim derradeiro das coisas. Creso se acreditava o mais feliz dos homens. Os deuses decidiram o seu castigo.

Sonhou o rei que seu bravo filho Atis morria de um ferimento produzido por ponta de ferro. Mandou guardar as lanças, dardos e espadas nos quartos destinados às mulheres e decidiu o casamento de seu filho. Nisto estavam quando chegou um homem com as mãos tintas de sangue: Adastro, frígio de sangue real, filho de Midas. Pediu asilo e purificação, pois assassinara involuntariamente um irmão e havia sido expulso do convívio dos seus. Creso concedeu-lhe ambas as graças.

Apareceu, então, em Mísia, um terrível javali que destroçava tudo. Aterrorizados, os mísios pediram a Creso que enviasse o valente Atis e outros jovens, porém o rei explicou que seu filho era recém-casado e devia atender seus assuntos privados. Atis soube disto e pediu ao rei que não o humilhasse. Creso contou-lhe o sonho. "Então, disse Atis, nada devemos temer, pois os dentes do javali não são de ferro". O pai concordou e pediu a Adastro que acompanhasse seu filho, ao que o frígio assentiu, não obstante seu luto, pois se sentia em dívida com Creso. Durante a caçada Adastro, buscando atingir o animal com sua lança, matou Atis. Creso aceitou o destino que o fado lhe tinha adiantado em sonhos e perdoou a Adastro. Este, porém, degolou-se sobre a sepultura do infortunado príncipe. Assim o conta Heródoto, no primeiro dos *Nove livros da história*.

A alma, o sonho, a realidade

Supõe-se que, de fato, a alma de uma pessoa adormecida se afasta de seu corpo e visita lugares, vê as pessoas e verifica os atos que ela está sonhando. Quando um índio do Brasil ou das Guianas sai de um sono profundo, está firmemente convencido de que sua alma esteve na realidade caçando, derrubando árvores ou qualquer outra coisa que tenha sonhado, enquanto seu corpo esteve estendido imóvel na rede.

Um povoado bororó inteiro aterrorizou-se e esteve a ponto de emigrar porque um dos índios sonhou que os inimigos se aproximavam sigilosamente. Um macusi de saúde precária que sonhou que seu patrão o havia feito subir de canoa por difíceis corredeiras, ao amanhecer exprobo-o amargamente por sua falta de consideração com um pobre inválido. Os índios do Grande Chaco fazem relatos incríveis de coisas que viram e ouviram, e os forasteiros os consideram grandes embusteiros; os índios, porém, estão firmemente convencidos da verdade de seus relatos, pois estas maravilhosas aventuras são simplesmente o que eles sonham e não sabem distinguir do que acontece quando estão acordados.

Quando um dayako sonha que caiu n'água, pede ao feiticeiro que pesque o seu espírito com uma rede, coloque-o em um recipiente e o devolva. Os santals falam do homem que adormeceu e sonhou que tinha tanta sede, que sua alma, em forma de lagarto, deixou o corpo e meteu-se em uma vasilha para beber; o dono da vasilha, porém, tapou-a e o homem, impedido de recuperar sua alma, morreu. Faziam-se os preparativos para o enterro quando alguém destapou a vasilha e o lagarto escapou, reintegrou-se ao cadáver, e o morto ressuscitou. Disse que havia caído em um poço em busca de água e que tivera dificuldades para voltar; assim todos o entenderam.

James George Frazer, *La rama dorada* (1890)

Não existe ofício desprezível

Um santo varão pediu a Deus que lhe revelasse quem ia ser seu companheiro no Paraíso. A resposta veio em sonhos: "O açougueiro do teu bairro". O homem afligiu-se sobremaneira por tão vulgar e indouta personagem. Jejuou e tornou a pedir, em oração. O sonho repetiu-se: "O açougueiro do teu bairro". Chorou o piedoso, rezou e pediu.

Novamente visitou-o o sonho: "Na verdade, se não fosses tão piedoso, serias castigado. Que achas de desprezível em um homem cuja conduta desconheces?" Foi ver o açougueiro e perguntou-lhe sobre sua vida. O outro lhe disse que repartia seus ganhos entre os pobres e as necessidades de sua casa, e admitiu que isto muitos faziam; recordou, então, que uma vez resgatara uma prisioneira da soldadesca em troca de uma grande soma de dinheiro. Educou-a e achou que ela era apropriada para que a desse em matrimônio ao seu filho único, quando chegou um jovem forasteiro que se notava estar angustiado e que disse que tinha sonhado que ali se encontrava sua prometida desde criança, aquela que havia sido sequestrada por uns soldados. Sem vacilar, o açougueiro entregou-lhe a jovem. "Verdadeiramente és um homem de Deus", disse o santo curioso e sonhador. Do fundo de sua alma desejou avistar-se uma vez com Deus para agradecer-lhe em sonho o bom companheiro que lhe havia sido destinado para a eternidade. Deus foi sóbrio: "Não há ofício desprezível, meu amigo".

Rabino Nisim, *Hibbur Yafé Mehayeschua*²⁰

²⁰ *O mundo dos sonhos. (N. do T.)*

Inferno V

Altas horas da noite despertei de repente na borda de um abismo anormal. Ao lado da minha cama, uma falha geológica cortada em pedra sombria despencou em semicírculos, borrada por um tênue vapor nauseabundo e uma revoada de aves escuras. De pé sobre sua cornija de escórias, quase suspenso na vertigem, uma personagem irrisória e coroada de louro estendeu-me a mão convidando-me a descer.

Recusei, amavelmente, invadido por um terror noturno, dizendo que todas as expedições dentro do homem terminam sempre em vão e em superficial palavreado.

Preferi acender a luz e me deixar cair outra vez na profunda monotonia dos tercetos, ali onde uma voz que fala e chora ao mesmo tempo, me repete que não há dor maior do que a de lembrar-se na miséria dos tempos que foram felizes.

Juan José Arreola, *Confabulario total* (1962)

Entre sonho

Presencio a noite violentada

O ar está crivado como uma renda, pelos balaços dos homens encolhidos nas trincheiras como os caracóis em sua concha Parece-me que um arquejante enxame de canteiros golpeia o calçamento de pedras de lava das minhas ruas e eu o ouço sem vê-lo no entresonho.

Giuseppe Ungaretti, *O porto sepultado* (1919)

Pirandelliana

Uma dama vê em sonhos seu amante. Primeiramente é um pesadelo povoado de ciúmes. Depois, uma noite em que compreende que o ama. Por último, o amante se dispõe a presentear-lhe um colar de brilhantes; porém uma mão desconhecida (que é a mão do amante anterior da mulher, que enriqueceu com suas plantações) subtrai o colar: o amante, num arrebatamento de ciúmes, estrangula a dama.

Esta desperta, e uma camareira lhe alcança um estojo com um colar de diamantes: é o mesmo do sonho. Neste momento chega o amante, manifesta a ela sua preocupação por não ter podido comprar-lhe o colar, pois já o tinham vendido, e lhe pergunta que outra coisa poderia lhe dar.

Argumento de *Sogno ma forse no* (1920) de Luigi Pirandello

Sonho parisiense

I

Esta manhã ainda me maravilha a imagem viva e distante da terrível paisagem jamais contemplada por olhos mortais.

O sonho está repleto de milagres! Por singular capricho, havia desterrado do espetáculo o vegetal irregular, e, pintor orgulhoso do meu gênio, saboreava na tela a embriagadora monotonia do metal, o mármore e a água.

Cheio de fontes e cascatas que caíam sobre o ouro fosco ou polido, havia um palácio infinito, babel de arcadas e escadarias.

Cortinas de cristal, as pesadas cataratas se suspendiam deslumbrantes das muralhas metálicas.

Colunatas em lugar de árvores rodeavam os tanques adormecidos, onde gigantescas náíades se viam como mulheres.

Entre molhes rosados e verdes, por milhões de léguas, as águas azuis se expandiam até os confins do universo. Havia pedras

insólitas, ondas mágicas; havia espelhos deslumbrados pelo o que refletiam.

Do firmamento, rios taciturnos e descuidados vestiam o tesouro de suas urnas em abismos de diamantes.

Arquiteto dos meus sortilégios, eu fazia passar como queria, sob um túnel de pedrarias, um oceano domes-ticado. E tudo, até a cor negra parecia polida, clara e irisada; e a água engastava sua glória no raio de cristal.

Nenhum astro até os confins do céu, nenhum resto de sol que iluminasse estes prodígios de fogo próprio.

E sobre estas maravilhas móveis (detalhe atroz: tudo para os olhos, nada para os ouvidos!) flutuava um silêncio de eternidade.

Charles Baudelaire, *As flores do mal* (1857)

O sonho de Coleridge

O fragmento lírico *Kubla Khan* (cinquenta e tantos versos rimados e irregulares, de prosódia requintada) foi sonhado pelo poeta inglês Samuel Taylor Coleridge em um dia de verão de 1797. Coleridge escreve que se havia retirado para uma granja nos confins de Exmoor, quando uma indisposição obrigou-o a tomar um hipnótico. O sono venceu-o momentos depois da leitura de Purchas, que narra a edificação de um palácio por Kubla Khan, o imperador que deve sua fama ocidental a Marco Polo. No sonho de Coleridge, o texto lido casualmente começou a germinar e a multiplicar-se; o homem que dormia intuiu uma série de imagens visuais, e, simplesmente, de palavras que as manifestavam. Ao cabo de algumas horas despertou com a certeza de haver composto, ou recebido, um poema de cerca de trezentos versos. Lembrava-se deles com singular clareza e conseguiu terminar um fragmento que figura em suas obras. Uma visita inesperada interrompeu-o e lhe foi impossível, depois disso, lembrar-se do resto.

"Descobri, com não pequena surpresa e mortificação — conta Coleridge — que embora retivesse de um modo vago a forma geral da visão, tudo o mais, salvo umas oito ou dez linhas soltas, havia desaparecido assim como as imagens na superfície de um rio no qual se joga uma pedra, porém — ai de mim! — sem a sua ulterior restauração". Swinburne sentiu que o que fora resgatado representava o mais alto exemplo da música do inglês e que o homem capaz de analisá-lo poderia (a metáfora é de John Keats) destecer um arco-íris. As traduções ou resumos de poemas cuja virtude fundamental é a música, são vãs e podem ser prejudiciais; que nos baste reter, por agora, que a Coleridge foi dada em um sonho uma página de indiscutível esplendor.

Ouviu uma música; viu erguer-se o palácio e ouviu as palavras do poema.

O caso, ainda que extraordinário, não é o único. No estudo psicológico *The World of Dreams*, Havelock Ellis equiparou-o com o

do violinista e compositor Giuseppe Tartini, que sonhou que o Diabo (seu escravo) executava no violino uma sonata prodigiosa; o sonhador, ao despertar, deduziu de sua lembrança imperfeita o *Trillo dei Diavolo*.

Outro exemplo clássico de cerebração inconsciente é o de Robert Louis Stevenson, a quem um sonho (segundo ele mesmo conta em *Chapter on Dreams*) lhe deu o argumento de *Olalla* e outro, em 1884, o de *Dr. Jekyll and Mr. Hyde*. Tartini quis imitar na vigília a música de um sonho; Stevenson recebeu do sonho argumentos, quer dizer, formas gerais; mais afim à inspiração verbal de Coleridge é a que Beda o Venerável atribui a Caedmon (*Historia ecclessiastica gentis Anglocum*, IV, 24).

À primeira vista o sonho de Coleridge corre o risco de parecer menos assombroso que o de seu precursor. *Kubla Khan* é uma composição admirável e as nove linhas do hino sonhado por Coleridge quase não apresentam outra virtude além de sua origem onírica, porém, Coleridge já era um poeta e a Caedmon foi revelada uma vocação. Não obstante, há um fato anterior que magnifica até os limites do insondável a maravilha do sonho em que se engendrou *Kubla Khan*. Se este fato é verdadeiro, a história do sonho de Coleridge é anterior em muitos séculos a Coleridge e ainda não chegou ao seu fim.

O poeta sonhou em 1797 (outros acham que foi em 1798) e publicou o seu relato do sonho em 1806, a maneira de glosa ou justificativa do poema inconcluso. Vinte anos depois apareceu em Paris, fragmentariamente, a primeira versão ocidental de uma destas histórias universais em que a literatura persa é tão rica, o *Compêndio de histórias de Rashid ed-Din*, que data do século XIV. Em uma página se lê: "A leste de Shang-tu, Kubla Khan erigiu um palácio, segundo um plano que havia visto em um sonho e que guardava na memória". Quem escreveu isto foi o vizir de Gashan Mahmud, que descendia de Kubla.

Um imperador mongol, no século XIII, sonha um palácio e o edifica conforme a visão; no século XVIII, um poeta inglês que não podia saber que esta construção se originou de um sonho, sonha um poema sobre o palácio. Confrontadas com essa simetria, que

trabalha com almas de homens e abarca continentes, parecem-me significar nada ou muito para as levitações, as ressurreições e o aparecimento dos livros religiosos.

Que explicação preferimos? Aqueles que de antemão rechaçam o sobrenatural (eu trato sempre de pertencer a esse grupo) julgarão que a história dos dois sonhos é uma coincidência, um desenho traçado pelo acaso, como as formas de leões e de cavalos que as vezes configuram as nuvens. Outros arguirão que o poeta soube de algum modo que o imperador havia sonhado o palácio e disse ter sonhado o poema para criar uma esplêndida ficção que em si aplacasse ou justificasse o truncado e o rapsódico dos versos²¹. Esta conjectura é verossímil, porém nos obriga a postular, arbitrariamente, um texto não identificado por sinólogos no qual Coleridge tivesse podido ler, antes de 1816, o sonho de Kubla²². Mais encantadoras são as hipóteses que transcendem o racional. Por exemplo, é válido supor que a alma do imperador, uma vez destruído o palácio, penetrou na alma de Coleridge para que este o reconstruísse em palavras, mais duradouras que os mármore e metais.

O primeiro sonho acrescentou um palácio à realidade; o segundo que teve lugar cinco séculos depois, acrescentou um poema (ou um princípio de poema) sugerido pelo palácio. A semelhança dos sonhos deixa entrever um plano, e o período enorme revela um executor sobre-humano. Indagar o propósito desse imortal ou desse longevo seria, talvez, mais atrevido do que inútil, porém é lícito supor que isso não foi alcançado. Em 1691, o Pe. Gerbillon, da Companhia de Jesus, comprovou que do palácio de Kubla Khan somente restavam ruínas; do poema, consta-nos que somente se resgataram uns cinquenta versos. Tais fatos permitem conjeturar que a série de sonhos e de trabalhos não chegou ao seu fim. Ao primeiro sonhador lhe foi mostrada de noite a visão do palácio, e ele o construiu; ao segundo, que desconhecia o sonho do anterior, o poema sobre o palácio. Se o esquema não falhar, alguém, em uma noite das que nos separam os séculos, sonhará o mesmo sonho e não suspeitará que outros já o sonharam, e dará a ele a forma de um mármore ou de uma música.

Talvez a série de sonhos não tenha fim; talvez a chave esteja no último deles.

Já escrito o texto anterior, entrevejo, ou creio entrever, uma outra explicação. Talvez um arquétipo ainda não revelado aos homens, um objeto eterno (para usar a terminologia de Whitehead) esteja ingressando paulatinamente no mundo; sua primeira manifestação foi o palácio; a segunda, o poema. Quem os tivesse comparado teria visto que eram essencialmente iguais.

Jorge Luis Borges

21 Em princípios do século XIX ou em fins do XVIII, Kubla Khan, no julgamento dos leitores de gosto clássico, era muito menos apreciado do que hoje em dia. Em 1884, Traill, que foi o primeiro biógrafo de Coleridge, escreveu: "O extravagante poema onírico Kubla Khan é pouco mais do que uma curiosidade psicológica".

22 Veja-se John I.ivingstone Lowes: The road to Xanandu, 1927, páginas 358, 585

Os sonhos de Astiages

Após quarenta anos de reinado, morreu o rei medo Ciaxares, e sucedeu-o no trono seu filho Astiages. Tinha Astiages uma filha chamada Mandane; sonhou que ela vertia tanta urina que esta cobria toda a Ecbátana e toda a Ásia. Tratou de não deixá-la casar-se com nenhum medo, e deu-a em matrimônio ao persa Cambises, homem de boa família, caráter pacífico e condições medianas. Voltou Astiages a sonhar, e viu que do centro do corpo de sua filha saía uma parreira que cobria toda a Ásia com sua sombra. O significado era claro: o filho dela o substituiria. Mandou sua filha retornar, e quando esta deu a luz, entregou a criança ao seu parente Hárpago para que ele o matasse.

Hárpago sentiu medo e piedade, e entregou o menino ao vaqueiro Mitradates, ordenando-lhe que o matasse. Mitradates tinha Perra por esposa e esta acabara de parir um filho morto. O menino que lhe haviam entregado estava luxuosamente vestido; decidiram fazer a troca, pois também sabiam que era filho de Mandane e assim preservavam seu futuro. O menino cresceu e seus companheiros pastores proclamaram-no rei de seus jogos, e o menino rei se revelou inflexível.

Astiages inteirou-se e obrigou a Mitradates confessar sua origem. Soube da desobediência de Hárpago, mas fingiu perdoá-lo e convidou-o a um banquete, e pediu que lhe entregasse o filho para ser companheiro de seu neto. Durante o banquete fez servir a Hárpago, assados, pedaços de seu filho. Quando soube disso, Hárpago dominou-se. Astiages consultou novamente seus adivinhos, e eles responderam: Se vive, há de reinar; porém como já reinou entre os pastores, não há perigo de que alcance uma nova coroa. Satisfeito, Astiages enviou -o suposto filho de Mitradates aos seus verdadeiros pais, que ficaram felizes em vê-lo com vida. O menino cresceu, fez-se rapaz e jovem guerreiro, e, com a ajuda de Hárpago, destronou Astiages, tratando-o com benevolência. Assim fundou

Ciro, o antigo pastor, o império persa, e assim o conta Heródoto no quinto dos *Nove Livros da História*.

Romântica

Uma vida atingida é um sonho de adolescente realizado na idade madura.

Alfred de Vigny

O pão disputado

I. *Versão árabe*

Um muçulmano, um cristão e um judeu vão de viagem.

Esgotaram suas provisões e ainda lhes resta dois dias de caminhada no deserto. Nessa noite encontraram um pão. Que fazer? Bastaria para um, porém é pouco para três. Decidem que o coma aquele que tenha o mais belo sonho.

Ao amanhecer, disse o cristão: Sonhei que um demônio me levava ao inferno, que pude contemplar em todo o seu horror.

Disse o muçulmano: Sonhei que o anjo Gabriel me levava ao paraíso, e pude apreciar todo o seu esplendor.

Disse o judeu: Sonhei que o demônio levava o cristão ao inferno e que o anjo Gabriel levava o muçulmano ao paraíso, e eu comi o pão.

Nuzhetol Udeba

II. *Versão judaica*

Jesus, Pedro e Judas viajam juntos. Chegam a uma pousada. Há um único pato...

Pedro: Sonhei que estava sentado junto ao filho de Deus.

Jesus: Sonhei que Pedro estava sentado ao meu lado.

Judas: Sonhei que estáveis sentados juntos e que eu comia o pato.

Os três buscaram o pato. Não havia pato.

História Jeschual Nazareni

Que passe

Ah! Muito bem! Façam entrar o infinito!

Louis Aragon

Entre sonhos

A soberana virtude deste clima insular reside no que o médico de Molière chamara de sua "propriedade dormitiva". Somente dormindo pode uma pessoa repor-se de tanta ociosidade. O famoso preceito da escola salermitana (sex horas dormire...23), ainda que expressado em excelente latim de cozinha, nos saberia a um gracejo de mau gosto. Seis horas de decúbito! Admitamos o mínimo de oito ou nove a bem da pedagogia, e claro que não se deve esquecer a sesta de cada tarde.

Tampouco se deve temer as consequências; as reservas de sono são aqui tão inesgotáveis como as ondas do Paraná: depois de quatro movimentos de remo, à guisa de hipnótico, muito poderás seguir adiante até o toque de recolher. No que me diz respeito, sei dizer que com este regime dominei as piores insônias — as que são trazidas pelo vento norte ao amanhecer — sem recorrer ao remédio extremo e sempre perigoso das leituras proibidas, quero dizer, tediosas. Este ambiente vegetativo é uma bênção para os nervos; parece-me a cada momento que me estou transformando em salgueiro...

À maneira de ex-voto ao deus Morfeu, consagrarei, pois, esta conversa dominical ao tema sedativo que o título anuncia. E desta vez não se dirá que estou sem assunto. Estudada devidamente a matéria, ou seja, entre o dormir e o velar, não resultaria tão frívolo como parece.

O sono não é o parêntese da vida, mas sim uma de suas faces mais curiosas, como que nadando no mistério e confinada no sobrenatural.

Por isso os poetas entendem-no melhor do que os fisiologistas.

Enquanto que os segundos vivem discutindo se o estado cerebral, durante o sono, corresponde à anemia ou à congestão, sem que o problema tenha resposta definitiva, os primeiros, desde Homero até Tennyson, entrevem a verdade através do prisma irisado da ilusão. O maior de todos deixou tombar esta palavra profunda,

que chega até onde não penetram, sondas e psicômetros: "Somos feitos da matéria de sonhos..." E um herói de Musset, comentando à sua maneira o divino Shakespeare, canta deliciosamente:

*La vie est un sommeil,
L'amour en est le rêve...*

Porém, que delicado é o nosso instrumental psicológico! Que moderna e matizada língua é esta que, sob o simples rótulo de sonho, segue enfiando nos alforjes de Sancho toda a família de *sommeil, somme, songe, rêve, reverie*,²⁴ etc., reduzindo a gama inteira a esta única nota de trombone!

Não sou um sonhador extremado — dormindo, bem entendido.

Costumo passar noites consecutivas sem provar este devaneio da "cerebração inconsciente", que para outros é sinônimo de dormir. E como me consta que nem em atos nem em gestos sou sonâmbulo, deveria admitir, segundo a teoria corrente, que na maior parte das vezes se não me lembro de meus sonhos é porque não os tenho. Veremos em seguida como também nisto é mister fazer-se distinções, sendo a realidade um pouco menos simples do que a teoria. Seja como for, refleti muito sobre esta singular dissociação orgânica, que representa uma espécie de divórcio periódico entre a alma e o corpo. É possível que em razão mesmo de sua pequena frequência, meus sonhos conservem maior solidez que os de outros. De minha longínqua infância ficaram-me quatro ou cinco, quase tão lúcidos como o de ontem à noite, que precisamente deu motivo a estas linhas e que logo resumirei. Outros, tenho-os anotados em meus cadernos: alguns de caráter tão estranho ou pavoroso que, mesmo hoje, basta-me reler a anotação para ressuscitar a sensação primitiva em seu paroxismo de angústia e terror.

Além disso, observei em meus próximos, e as vezes muito de perto, os acidentes exteriores do sonho, especialmente do pesadelo.

Certamente minha vida tão agitada proporcionou-me material observável. Na promiscuidade das viagens, desde os *tambos*²⁵ da Bolívia até os camarotes de navios e os sleeping-cars presenciei,

mais do que era necessário, os dramas e comédias da humanidade adormecida.

Porém nenhuma experiência ulterior foi tão completa e contínua como a primeira, à qual me vou referir por tratar-se de um indivíduo desaparecido. Esta foi a base da minha pequena teoria pessoal acerca do sonho; a ela referi invencivelmente minhas observações posteriores, e até as afirmações dos livros, para comprovar sua exatidão. Muitos anos passaram e pode ser que eu tenha hoje mais aguçado o meu instrumental analítico. Contudo, subsistem para mim os resultados daquela grande iniciação juvenil, e acho que a pedra de toque não envelheceu.

Vivia eu em Salta, há vinte e três anos passados, na casa de um comerciante nascido em Tucumán. Jovens e íntimos amigos, dormíamos os dois no mesmo quarto para poder conversar de cama a cama, embora sobrassem quartos desocupados em nosso casarão colonial capaz de abrigar comodamente a família de Noé. Recolhiamos-nos quase sempre juntos, e quando, por excepcional casualidade, o programa noturno não era comum, o primeiro que se liberava costumava ir esperar o outro no "Bilhar de Lavin", na vizinhança. Como eu tivesse o péssimo costume de ler deitado, passava sempre uma ou duas horas velando o sono de meu amigo. Este, que acordado não quebrava um prato, dormindo se transformava em um mauvais coucheur. Quando mais tranquilo, roncava como uma trombeta alemã, até acordar assustado com o próprio trombetear. Não era este porém o seu pior excesso. Meu companheiro, sonhava em voz alta, padecendo de cruéis pesadelos que me deixavam com ele... com Jesus na boca, se é que assim se pode definir o que, pela impaciência, me saía da boca.

Quando senti os inconvenientes da coabitação, era muito tarde para remediar. Primeiro deteve-me o carinho; em seguida a curiosidade, ou melhor dizendo, um interesse crescente por este drama cerebral que, aos meus olhos — ou se preferem, aos meus ouvidos — e com a cortina baixada, se representava e em cujo desempenho passei de testemunha muda a colaborador entendido.

Não insistirei nos detalhes que concordam com a teoria clássica, e que minha própria experiência de vários meses confirmou,

limitando-me a assinalar os traços que a contradizem abertamente. O que mais se costuma sentir falta nos tratados de medicina, e por conseguinte nos de psiquiatria — a mais conjectural e arriscada destas ciências ainda em cueiros — é precisamente o espírito científico, que não se serve de atitudes de magister dixit nem de fórmulas convencionais. Advertimo-nos, por exemplo, que as alucinações do paladar, e sobretudo as do olfato, são muito mais raras do que as dos outros sentidos; a observação carece de alcance, pois supõe-se que em estado normal as sensações de paladar e olfato não são representativas, pois nos é impossível imaginar o perfume do jasmim com seu caráter próprio, em relação ao da violeta. Quanto ao paladar, cujas sensações estão indissoluvelmente unidas às do tato, sua vaga e suposta representação no sonho terá que ser ilusória ou devida à referida associação.

O volumoso tratado de Brierre de Boismont está cheio de casos pueris, tão despídos de crítica como os de Lombroso; assim, como o caso clássico da famosa sonata de Tartini que, segundo dizia o compositor, lhe foi "ditada pelo diabo". A interpretação psiquiátrica, que atribui aquela obra a um fenômeno de cerebração inconsciente, revela no sábio um potencial de credulidade igual ao do músico, se é que não maior ainda. No que me diz respeito, ainda prefiro a lenda em bloco, com o diabo e respectivos chifres.

Mais graves, todavia, parecem-me as histórias relativas ao sonambulismo, e que os autores piedosamente transmitem uns aos outros, ainda que se choquem com seus próprios princípios teóricos.

Tal é a célebre história do monge, trazida por Foderé e reproduzida por todos seus sucessores. Faz referência a um prior da grande Cartuxa, que certa noite em que ficara escrevendo em sua cela, viu entrar um jovem religioso, rígido, com os olhos fixos e as feições contraídas. O sonâmbulo dirigiu-se à cama do prior, felizmente vazia, e mergulhou nela três vezes uma grande faca que trazia... No dia seguinte o prior interrogou o frade, e este lhe descreveu a cena ponto por ponto, acrescentando que havia sido impelido ao crime imaginário por um sonho em que vira sua mãe assassinada pelo prior.

Sem discutir-se o caso, que pode ser real, não parece ser duvidoso que, afora outros detalhes evidentemente apócrifos, toda a confissão do paciente haja sido forjada. O homem que continua dormindo depois de um acesso de sonambulismo não conserva, ao despertar, lembrança alguma de seus atos, e muito menos do sonho que o teria impulsionado: a amnésia é absoluta²⁶. O mesmo não acontece nos casos de pesadelo que se interrompem bruscamente por razões externas; e esta diferença, que creio ser fundamental, se verá confirmada por meu caso do homem de Tucumán (ou de Salta).

Não parece que o pesadelo deva distinguir-se psicologicamente do sonho ordinário, nem tampouco do sonambulismo parcial; se bem que é fartamente sabido que entre este e aquele, as diferenças patológicas permanecem características. O sonambulismo espontâneo é uma entidade mórbida, uma neurose; o cauchemar, por sua vez, pode ser um acidente isolado, o episódio de uma indigestão, ou o sintoma de uma alteração distante dos centros nervosos. Vistos de fora, os dois estados não diferem unicamente pelo contraste que oferece a impotência física do indivíduo em um, com a motilidade que o caracteriza no outro e que lhe deu seu nome; e além disso, há a forma como terminam. Habitualmente basta a própria angústia do pesadelo para trazer o brusco despertar; o acesso sonambúlico, ao contrário, segue sua evolução tranquila (salvo acidente exterior) até refundir-se no sono ordinário. De volta à realidade ambos os indivíduos, o sonhador conserva muito viva a lembrança de seu sonho, enquanto que o sonâmbulo esqueceu-o completamente. E aqui vêm as observações pessoais que anunciei.

Meu amigo de Salta não era propriamente sonâmbulo, ainda que em duas ou três ocasiões eu o vi levantar-se dormindo e começar a vestir-se; porém seus sonhos angustiosos eram quase cotidianos.

Padecia de uma aflição crônica do estômago e, conseqüentemente, quando lhe ocorria jantar, o pesadelo era incrível. Chegava com o primeiro sono, revestindo-se quase sempre da mesma forma exterior, como que correspondendo a um drama interno pouco variável, conforme me contou umas vinte vezes. Omitindo detalhes, era sempre uma altercação com homens emponchados, peões ou artesãos (meu amigo possuía um engenho

de açúcar) que o insultavam; o dormido se indignava, proferindo ameaças que me anunciavam a inevitável catástrofe; pouco a pouco, um breve queixume, acompanhado de gemidos prolongados... havia recebido uma punhalada no epigástrio e se sentia morrer...

Meu pobre companheiro me relatava a cena com uma lucidez e um colorido comovedores. Como já disse, esta não variava a não ser por certos detalhes secundários. Em pouco tempo cheguei a saber de cor a história, como sabia a de Barba Azul. O que a princípio me surpreendia era a fantástica rapidez das peripécias que, contadas, parecia durarem horas, enquanto que em realidade se sucediam e se ajuntavam em poucos segundos. Já familiarizado com o incidente, e quase sempre acordado nesse momento, conseguia muitas vezes prevenir o ataque mudando a posição do sonhador. Outras vezes eu intervinha na cena fingindo prestar ajuda ao agredido, pondo-me ao seu lado, mostrando-lhe seus inimigos em fuga ou prostrados no chão diante da nossa arremetida heróica. Esta sugestão costumava ser eficaz e como, além de benéfica, era para mim divertida, continuei a usá-la prodigamente, buscando novos efeitos.

Quando o paciente acordava durante a ação de minha intervenção, referia-se a mim como autor de façanhas tais, que eu ficava pasmo: meus quatro gritos reais não passavam de um simples tampão que o sonho convertera em fantástica epopeia. Não obstante, se ocorria que, dominada a crise e facilitada a digestão, meu amigo ingressasse sem acordar no sono normal, na manhã seguinte não conservava a mais remota lembrança de seu pesadelo frustrado. Esta dupla observação, que repeti muitas vezes e que em outras circunstâncias confirmei, me permite estabelecer, contrariamente ao que li em várias oportunidades, o seguinte: 1º, — que a sugestão pode ser tão eficaz no sonho normal (e o pesadelo não é, psicologicamente, outra coisa) como no sonambúlico; e 2º, — que a amnésia subsequente ao pesadelo interrompido obedece provavelmente à mesma causa que o esquecimento tão frequente dos sonhos ordinários. Esta causa não é outro senão a superposição de novas imagens sobre as antigas. Já se disse que a hora mais propícia para os sonhos é a que precede o despertar da manhã, abrindo-se então, de par em par, a porta de marfim da fantasia. O

que sem dúvida ocorre é que os últimos sonhos subsistem sozinhos, porque cobrem ou apagam os anteriores, da mesma forma que, numa tropa em marcha, somente as últimas filas deixam no caminho pegadas perceptíveis.

Com respeito à completa independência de alguns sonhos, de seu surgimento e desenvolvimento sem relação aparente com nossa vida diária, de sua fantástica incoerência, se justificaria formular-se algumas distinções. Não me parece que os observadores profissionais tenham considerado aquela independência como um fato psicológico de primeira ordem; é que para a elaboração de um sonho não constituem materiais ou elementos as coisas em si, mas sim sua representação atual, quando presentes — ou sua evocação, quando passadas. A imagem de Rosas, que uma leitura de ontem me chamou atenção, ou um passeio de barco pelo rio das Conchas, que realizava naquele momento, eram para mim acontecimentos intelectuais da mesma categoria e perfeitamente contemporâneas, e dessa forma se imprimiam na chapa sensível do cérebro. Se a atenção fixou suas imagens no mesmo plano — assim como o hipossulfito fixa na chapa fotográfica a imagem viva junto ao quadro da parede — poderá o sonho associá-las e combiná-las com aparente incoerência, porém na realidade com inegável lógica.

Vou contar em poucas palavras o sonho pueril e tragicamente absurdo que tive na noite passada e que, como disse, foi o ponto de partida desta conversa sonolenta.

Encontrava-me no Cabildo de Buenos Aires, na presença de Rosas que ordenava minha prisão e execução imediata. Eu era Maza²⁷, sem deixar de ser Groussac. Conseguia fugir e me achava subitamente no terraço de São Francisco, com minha família, que não era a real.

Depois de vinte cenas delirantes, traziam um cavalo ao terraço, no qual eu devia fugir para as províncias do Norte, atravessando o Rio da Prata, *etc.*

Pois bem; todas estas loucuras obedeciam, conforme me mostrara a reflexão, ao seguinte fio lógico: no mesmo dia, e quase na mesma hora, me lembrei da nossa fazenda de Santiago, vendo passar um gaúcho a cavalo; logo tive a ideia de ir de barco até a ilha

que por aí possuem os franciscanos; finalmente, durante o trajeto pensei longamente em um episódio do ano de 40, mencionado em um estudo do marinheiro francês Page sobre Rosas, e que se desenvolve precisamente nas margens do rio Paraná.

We are such stuff — as dreams are made on... Repito as palavras profundas que Shakespeare põe na boca de Próspero na mais bela, na mais poética e mortalmente triste de suas comédias. Somos feito do mesmo tecido que os nossos sonhos, o que quer dizer que, reciprocamente, tecemos os nossos sonhos com a nossa substância. A inquietação instintiva do poeta, pois, parece que penetrava em maior profundidade que a sabedoria dos sábios, a qual há séculos gira em torno da verdade suspeitada sem contudo atrever-se a dar-lhe uma fórmula positiva. Não será porque, longe de atirar no poço do mistério a sonda experimental que somente faz turvar suas ondas, o poeta, ao inclinar-se sobre a brilhante superfície, consegue divisar o céu refletido que contém a grande explicação?

O sonho absorve uma porção considerável de nossa vida e, por outro lado, não parece duvidoso que o ato de sonhar seja uma forma intermitente de loucura, um delírio periódico mais ou menos caracterizado.

Delirar, segundo a raiz etimológica, significaria propriamente "semear fora do sulco". Esta ideia não implica que o sulco seja mal traçado ou que a semente esteja estragada; assinala simplesmente o fato da impropriedade, da direção errada. Assim é o delírio, em sua forma mais comum, uma série de atos ou de palavras incoerentes desprovidas de consequência e apropriação, sem que isto impeça' que, separadamente, cada ação possa ser razoável e cada palavra correta. Seria por acaso outra a definição de sonho?

O que se denominou "instabilidade mental" não é um acidente, mas sim o nosso modo de ser fisiológico. Para quem estuda o corpo humano, a persistência da saúde parece um milagre de cada instante. E o que diremos do nosso aparelho cerebral, que a cada vinte e quatro horas penetra no cone de sombra de sua razão eclipsada? Não é prodigioso que cada manhã, com a boa e santa luz do sol, emerja também a inteligência intacta de suas trevas e fantasmas noturnos?

Sem dúvida, o lar, a família, os rostos conhecidos e amados, a sucessão regular dos atos habituais hão de ser outros tantos marcos e pontos de repère que mantêm em equilíbrio a razão precária. Eles nos guiam pelo labirinto de escolhos onde poderíamos soçobrar; à maneira da navegação antiga, que se movia prudentemente de cabo a cabo, buscando na costa sempre visível a sua tímida orientação. Finalmente veio para o navegante a bússola tutelar, que lhe permitiu sulcar tanto de noite quanto de dia o maré tenebrosum. Efêmeros exploradores do infinito: onde encontraremos nós a nossa bússola, se a tudo que antes dávamos este nome se declarou antiguidade, se precipita e se desfaz?

Paul Groussac, *A viagem intelectual* (1904)

O sorriso de Alá

Alá viu que Jesus percorria um vale e que adormecia e sonhava, e que no sonho via uma caveira. Disse Alá: Oh, Jesus! Pergunta-lhe, e ela te responderá. Jesus rezou em voz alta, e diante de seu hálito taumatúrgico a caveira começou a falar. Disse que sua alma estava de castigo, através de todos os tempos, porque havia pertencido a um povo que sofreu a ira de Alá; descreveu Azrayel, o anjo da morte, assim como as visões e os castigos que presenciou em cada uma das sete portas do inferno. Voltou Jesus a orar, e a caveira recuperou corpo e vida para servir ao Onipresente durante doze anos é depois morrer na paz de Deus. Com isto Jesus despertou e sorriu. Com isto sorriu Alá.

Tradicional do Oriente Médio

23 *Dormir seis horas. (N. do T.).*

24 *O sentido desta palavra, que significa estado de inércia, como sonho, devaneio, etc, pode variar segundo o*

contexto em que está inserida. (N. do T.).

25 Albergues. (N. do T.).

26 Em minha recente obra Une Enigme Littéraire, critiquei a cena das bebedeiras de vinho em Don Quixote (I. XXV), a qual o célebre alienista Bali considerou "um modelo de observação"

27 O Tenente-coronel Ramon Maza, autor e primeira vítima da conspiração de 1839.

O sonhado

Careço de realidade, temo não interessar a ninguém. Sou um farrapo, um dependente, um fantasma. Vivo entre temores e desejos; temores e desejos que me dão vida e que me matam. Já disse que sou um farrapo.

Jazo nas sombras, em grandes e incompreensíveis esquecimentos. De repente me obrigam a sair à luz, uma luz cega que quase me assegura a realidade. Porém logo se ocupam deles mesmos e me esquecem. Novamente perco-me na sombra, gesticulando com ademanes cada vez mais imprecisos, reduzido ao nada, à esterilidade.

A noite é o meu próprio império. Em vão trata de afastar-me o esposo, crucificado em seu pesadelo. As vezes satisfaço vagamente, com agitação e torpeza, o desejo da mulher que se defende sonhando, encolhida, e que finalmente se entrega, grande e macia como um travesseiro.

Vivo uma vida precária, dividida entre estes dois seres que se odeiam e se amam, que me fazem nascer como um filho deformado. Não obstante, sou belo e terrível. Destruo a tranquilidade do casal, ou a inflamo com o mais cáldo amor. As vezes me coloco entre os dois, e o abraço íntimo me faz recobrar, maravilhoso. Ele percebe a minha presença e se esforça para aniquilar-me, para tomar o meu lugar. Mas finalmente, derrotado, exausto, vira as costas para a mulher, devorado pelo rancor. Permaneço junto a ela, palpitante, e a cinjo com meus braços ausentes que pouco a pouco se dissolvem no sonho.

Deveria ter começado dizendo que ainda não acabei de nascer, que sou gerado lentamente, com angústia, em um processo longo e submerso. Eles maltratam com seu amor, inconscientes, minha existência de nonato.

Trabalham longamente a minha vida entre seus pensamentos, mãos torpes que se empenham em modelar-me, fazendo-me e desfazendo-me, sempre insatisfeitos.

Porém um dia, quando por acaso derem com minha forma definitiva, escaparei e poderei sonhar-me eu mesmo, vibrante de realidade. Afastar-se-ão eles, um do outro. E eu abandonarei a mulher e perseguirei o homem. E montarei guarda a porta da alcova brandindo uma espada flamejante.

Juan José Arreola, *Confabulario total* (1962)

O sonho de Chuang Tzu

Chuang Tzu sonhou que era uma borboleta e não sabia, ao acordar, se era um homem que tinha sonhado ser uma borboleta, ou uma borboleta que agora sonhava ser um homem.

Herbert Allen Giles, *Chuang Tzu* (1889)

O sonho de Sarmiento

Em Nápoles, na noite em que descí do Vesúvio, a febre das emoções do dia dava-me pesadelos horríveis, em lugar do sono que meus agitados membros reclamavam. As labaredas do vulcão, a escuridão do abismo que não deve ser escuro, se misturavam que sei eu a que absurdos da imaginação aterrorizada, e ao acordar daqueles sonhos que queriam despedaçar-me, uma única ideia se mantinha tenaz, persistente como um fato real ... Minha mãe morreu!... Por sorte tenho-a aqui ao meu lado e ela me instrui em coisas de outros tempos, ignoradas por mim, esquecidas por todos. Aos setenta e seis anos de idade minha mãe atravessou a cordilheira dos Andes para despedir-se de seu filho antes de descer a sepultura! Somente isto bastaria para dar uma ideia da energia moral de seu caráter.

D. F. Sarmiento, *Recuerdos de Provincia* (1851)

Os sonhos de Luciano

No século II, o sofista greco-siríaco Luciano de Samosata (d. 125-185) teve vários sonhos. Em um deles narrou seus dias de infância, transcorrida e recuperada em visões. Tentou ser escultor no atelier de um tio, porém em um sonho lhe apareceram duas mulheres, a Retórica e a Escultura, enaltecendo seus méritos respectivos. Luciano segue a Retórica, ganha riquezas e honrarias, exorta os jovens a seguir seu exemplo e a serem constantes frente às primeiras dificuldades da vida.

Em outro sonho, chamado *O Galo*, Micilio sonha felizmente com riquezas e se lamenta de sua miserável vida de lavrador; desperta-o o canto do galo, que em sua vida anterior havia sido Pitágoras; o galo demonstra ao lavrador que a riqueza é fonte de desgraças e preocupações, enquanto que a pobreza proporciona uma vida mais serena e feliz. No terceiro sonho, *Viagem aos Infernos* ou *O Tirano*, narra a chegada dos mortos à Estígia: o filósofo Cinisco escarnece tanto que o Tirano se desespera, trata de fugir e recuperar seu passado poder e esplendor; intervém Micilio (agora sapateiro e não mais lavrador) que não teme o juízo final e o espera com alegre curiosidade. Cinisco e ele receberão a bem-aventurança, enquanto que o Tirano enfrentará o castigo.

Rodericus Bartius, *Los que son números y los que no lo son*

Costuma vestir sombras

O sonho, autor de representações, em seu teatro armado sobre o vento de sombras soi vestir o vulto belo.

Luis de Góngora

O sonho do rei

- Agora está sonhando. Com quem sonha? Sabes?
- Ninguém sabe.
- Sonha contigo. E se deixasse de sonhar, o que seria de ti?
- Não sei.
- Desaparecerias. És uma figura de um sonho. Se este rei despertasse, te apagarias como uma vela.

Lewis Carrol, *Alice na terra do espelho* (1871)

Dreamtigers

Durante a infância exerci com fervor a adoração do tigre; não o tigre esbranquiçado dos camalotes do Rio Paraná e da confusão amazônica, mas sim o tigre raiado asiático, real, a quem somente podem enfrentar os guerreiros, encastelados no dorso de um elefante.

Costumava eu demorar-me interminavelmente diante de uma das jaulas do Zoológico; e eu gostava das volumosas enciclopédias e dos livros de história natural por causa do esplendor dos seus tigres. (Ainda me recordo dessas figuras; eu, que não posso lembrar-me sem errar do rosto ou do sorriso de uma mulher). Passou a infância, e caducaram os tigres e sua paixão, porém eles ainda estão nos meus olhos. Nesta corda de rede submersa ou caótica seguem prevalecendo, e assim, se durmo, me distrai um sonho qualquer e em seguida sei que se trata de um sonho. Costumo pensar, então: este é um sonho, uma pura diversão da minha vontade, e já que tenho um poder ilimitado, vou produzir um tigre.

Oh, incompetência! Meus sonhos não sabem nunca engendrar a fera desejada. O tigre aparece, sim, porém dissecado e débil, com impuras variações de fôrma, ou de um tamanho inadmissível, ou muito fugaz, ou parecendo-se mais com um cachorro ou com um pássaro.

Jorge Luis Borges

O templo, a cidade, os arquétipos, o sonho

Lugar sagrado por excelência, o templo tinha um protótipo celeste. No monte Sinai Jeová mostra a Moisés a "forma" do santuário que deverá construir-lhe: "E me farão um santuário, e eu habitarei no meio deles, conforme em tudo ao modelo do tabernáculo que eu te mostrarei; e ao de todos os meus vasos para o culto; e o farei deste modo;..." (Êxodo, 25, 8-9). E quando Davi entrega ao seu filho Salomão o plano dos edifícios do templo, do tabernáculo e de todos os utensílios, assegura-lhe que "Todas estas coisas (disse o rei) me foram dadas escritas pela mão de Deus, para que eu compreendesse todas as obras do desenho" (Crônicas I, 28, 19). Por conseguinte, viu o modelo celestial.

O mais antigo documento referente ao arquétipo de um santuário é a inscrição de Gudea relacionada com o templo por ele erguido em Lagash. O rei vê em sonho a deusa Nidaba que lhe mostra um painel no qual se mencionam as estrelas benéficas e um deus que lhe revela o plano do templo. Também as cidades têm seu protótipo divino. Todas as cidades babilônicas tinham seus arquétipos em constelações: Sippar, em Câncer; Nínive, na Ursa Maior; Assur, em Artur, *etc.* Senaquerib manda edificar Nínive segundo o "projeto estabelecido desde tempos remotos na configuração do céu". Não apenas há um modelo que precede a arquitetura terrestre, mas este, ainda, se encontra situado em uma "região" ideal (celeste) da

eternidade. É o que proclama Salomão: "Mandaste-me edificar um templo sobre o teu santo monte, e um altar na cidade em que habitas./conforme o modelo do teu santo tabernáculo, que preparaste desde o princípio". (Sabedoria 9, 8).

Uma Jerusalém celestial foi criada por Deus antes que a cidade de Jerusalém fosse construída pela mão do homem. A ela se refere o profeta, no livro de Baruc, e em outros.

"Crês tu que esta é a cidade da qual eu disse: Edifiquei-te na palma das minhas mãos? A construção que atualmente se encontra no meio de vós não é a que se revelou em Mim, a que já estava pronta no momento em que decidi criar o paraíso e que mostrei a Adão antes do seu pecado..."

A Jerusalém celeste acendeu a inspiração de todos os profetas hebreus: Tobias, Isaías, Ezequiel, *etc.* Para mostrar-lhe a cidade de Jerusalém, Deus transporta Ezequiel em um sonho estático e o leva a uma montanha muito elevada.

E os Oráculos sibilinos conservam a lembrança da Nova Jerusalém, no centro da qual resplandece "um templo com uma torre gigantesca que toca as nuvens e todos veem". A mais bela descrição, porém, da Jerusalém celestial se encontra no Apocalipse: (Diz João) "Vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu de junto de Deus, adornada como uma esposa ataviada para o seu esposo"

Mircea Eliade, *O mito do eterno retorno* (1951)

Provérbios e cantares

XXI

Ontem eu sonhei que via a Deus e que a Deus falava; e sonhei que Deus me ouvia...

Depois sonhei que sonhava.

XLVI

A noite sonhei que ouvia a Deus, gritando-me: Alerta!
Logo era Deus quem dormia e eu gritava: Desperta!

Antônio Machado

Etcetera

O sonho é o grão de trigo que sonha com a espiga, o antropeide que sonha com o homem, o homem que sonha com o que virá.

Raymond de Becker

A voz no que sonha

Eunápio narrou com muita imaginação uma suposta vida de Jâmblico de Caleis (c. 250-c. 325). Sabemos que foi discípulo de Porfírio, que o distinguiu; sabemos que foi mestre de neoplatonismo na Síria, onde juntamente com ele estudaram Teodoro de Asine, Dessipo, Sópatro, Eufrásio, Edésio, Eustácio. Sua obra fundamental foi um vasto comentário sobre a doutrina pitagórica, em dez livros dos quais conservamos cinco. Em sua minuciosa Biblioteca, Focio informa sobre a estranha derivação que Jâmblico imprimiu ao

neoplatonismo: munido de traduções caldeias, inclinou-se para uma salvação através dos ritos, propugnou um misticismo mágico e enredou a salvação das almas em uma suspeitosa subestimação da sabedoria. Propôs-se a encabeçar uma forte reação místico-mágica contra a difusão do cristianismo, e chamou-se a si mesmo de "Novo Asclépio". De seus sonhos de redenção, nada ficou de pé; porém em *De mysteriis aegyptorum* (se é que esta obra verdadeiramente lhe pertence) observou que no homem ocorrem os sonhos "divinos" em um estado intermediário entre o sono e a vigília, e que é por isso que se pode ouvir a voz de quem sonha: essa voz que se torna misteriosa (que se distorce), como estranhas se tornam as imagens percebidas.

Rodericus Bartius, *Los que son números y los que no lo son*

O sonho de D'Alembert

É a segunda das três partes de um diálogo que escreveu Denis Diderot (1713-1784), e que ficou inédito até sua publicação em 1830. As três partes são: *Entretien entre D'Alembert et Diderot*, *Rêve de D'Alembert* e *Suite de Ventretien*. D'Alembert abre o diálogo com uma profissão de deísmo e manifesta sua fé em um ser supremo; Diderot lhe responde que toda a diferença tradicional entre os três reinos da natureza é arbitrária e insustentável: na natureza somente podemos distinguir empiricamente entre uma sensibilidade inerte e uma ativa, pois a sensibilidade é própria da matéria e inseparável dela. Não há lugar para o livre arbítrio. A única diferença entre as ciências "rigorosas" (a física, a matemática) e as "conjeturais" (a história, a moral, a política) é que das primeiras podemos obter uma segurança normal para nossas provisões, e das segundas seguranças relativas, pois se conhecêssemos todos os elementos e as forças em jogo, seríamos como a divindade. D'Alembert alude ao celicismo como refúgio, porém Diderot lhe demonstra que ninguém pode, racionalmente, declarar-se cético.

D'Alembert retorna a sua casa e é presa de vários pesadelos: a senhorita Espinasse anota as palavras do sonhador, que o doutor Bordeau (a quem mandaram chamar) examina as notas e se diverte adivinhando a continuação do sonho (ou das palavras).

D'Alembert acorda e a senhorita Espinasse e o doutor dialogam sobre o homem, conjunto de microrganismo temporariamente associados sob a dependência do sistema nervoso central. Fazem-se previsões que a ciência do nosso tempo corrobora. O doutor se lança a um exame rigoroso sobre a eliminação de toda a ideia sobre livre arbítrio, responsabilidade, mérito ou demérito, virtude e vício. São simples estados fisiológicos particulares, e não se pode falar de atos "contra natura" porque tudo é natureza. Neste ponto, o doutor (que sustenta as ideias de Diderot) desconcerta-se pelas simples consequências de seu raciocínio e suspende o diálogo.

Eustáquio Wilde, *Literatura francesa* (1884)

O sonho

Murray sonhou um sonho.

A psicologia vacila quando tenta explicar as aventuras do nosso eu imaterial em suas andanças pela região do sonho, "gêmeo da morte".

Este relato não quer ser explicativo: limitar-se-á a registrar o sonho de Murray.

Uma das fases mais enigmáticas dessa vigília do sonho, é que, acontecimentos que parecem abarcar meses ou anos, ocorrem em minutos ou instantes.

Murray aguardava a morte em sua cela de condenado. Um foco elétrico no teto baixo do corredor iluminava sua mesa. Em uma folha de papel branco uma formiga corria de um lado para outro e Murray bloqueou-lhe o caminho com um envelope. A eletrocução teria lugar às nove da noite. Murray sorriu diante da agitação do mais sábio dos insetos.

No pavilhão havia sete condenados à morte. Desde que estava ali, três já tinham sido conduzidos: um, enlouquecido e brigando como um lobo preso em uma armadilha; outro, não menos louco, ofertando ao céu uma devoção hipócrita; e o terceiro, um covarde, desmaiou e tiveram que amarrá-lo a uma tábua. Perguntou-se como responderiam por ele seu coração, suas pernas e sua cara; porque era esta a sua noite. Pensou que já eram quase nove horas.

No outro lado do corredor, na cela em frente, estava encarcerado Carpani, o siciliano que havia matado sua noiva e dois policiais que foram prendê-lo. Muitas vezes, de cela a cela, haviam jogado damas, gritando cada um a jogada para o seu parceiro invisível.

Uma grande voz retumbante, de indestrutível qualidade musical, chamou: — Então, senhor Murray. Como se sente? Bem?

— Muito bem, Carpani — disse Murray serenamente, deixando que a formiga pousasse sobre o envelope e depositando-a com suavidade no chão de pedra.

— É assim que eu gosto, senhor Murray. Homens como nós têm que saber morrer como homens. Na semana que vem é a minha vez. É assim que eu gosto. Lembre-se, senhor Murray, que eu ganhei a última partida de clamas. Talvez voltemos a jogar outra vez.

A estoica pilhéria de Carpani, seguida de uma gargalhada ensurdecedora, deu novo alento a Murray; é verdade que Carpani tinha ainda uma semana de vida.

Os encarcerados ouviram o ruído seco dos ferrolhos ao abrir-se a porta no extremo do corredor. Três homens avançaram até a cela de Murray e abriram-na. Dois eram guardas; o outro era Frank — mio, isto era antes, agora ele se chamava reverendo Francisco Winston —, amigo e vizinho em seus anos de miséria.

— Consegui que me deixassem substituir o capelão da prisão — disse, ao apertar a mão de Murray. Na mão esquerda tinha uma pequena Bíblia entreaberta.

Murray sorriu levemente e arrumou uns livros e uma lapiseira na mesa. Teria gostado de falar, mas não sabia o que dizer. Os presos davam o nome de Rua do Limbo a este pavilhão de vinte e três metros de comprimento por nove de largura. O guardião habitual da Rua do Limbo, um homem imenso, rude e bondoso, tirou do bolso um frasco de uísque e ofereceu a Murray dizendo: — É costume, você sabe. Todos bebem para tomar ânimo. Não há perigo de se viciarem.

Murray sorveu um grande gole.

— É assim que eu gosto — disse o guardião. Um bom calmante e tudo sairá bem.

Saíram para o corredor e os condenados o souberam. A Rua do Limbo é um mundo fora do mundo, e se lhe falta algum dos sentidos, o substitui por outro. Todos os condenados sabiam que eram quase as nove, e que Murray iria para a cadeira às nove. Há também, nas muitas Ruas do Limbo, uma hierarquia do crime. O homem que mata abertamente, na paixão da luta, menospreza a ratazana humana, a aranha, a serpente. Por isso, dos sete condenados somente três gritaram suas despedidas a Murray, quando este se afastou pelo corredor entre as sentinelas: Carpani;

Marvin, que ao tentar uma evasão havia assassinado um guarda; e Basset, o ladrão que teve que matar porque um inspetor, num trem, se recusou a levantar as mãos.

Os outros quatro guardavam um humilde silêncio.

Murray se maravilhava com sua própria serenidade e quase indiferença. Na sala das execuções havia uns vinte homens, empregados da cadeia, jornalistas e curiosos que...

Neste momento, no meio de uma frase, o sonho foi interrompido pela morte de O. Henry. Sabemos, contudo, o final: Murray, acusado e condenado pelo assassinato de sua amada, enfrenta seu destino com inexplicável serenidade. Conduzem-no à cadeira elétrica. Amarram-no.

Imediatamente a câmara, os espectadores, os preparativos da execução lhe parecem irrealis. Pensa que é vítima de um erro terrível. Por que o prenderam nesta cadeira? Que fez ele? Que crime cometeu? Acorda: ao seu lado estão sua mulher e seu filho. Compreende que o assassinato, o processo, a sentença de morte, a cadeira elétrica, são um sonho. Ainda trêmulo, beija o rosto da mulher. Nesse momento o eletrocutam.

A execução interrompe o sonho de Murray.

O. Henry

O sonho de Macário

Sonhou São Macário que caminhava pelo deserto quando encontrou uma caveira, e que tocou-a com seu báculo. Pareceu-lhe que ela se queixava e ele perguntou quem era. "Eu era um dos sacerdotes idolatras que habitavam este lugar; tu és o abade Macário", Acrescentou que cada vez que Macário rezava pelos condenados, estes experimentavam algum consolo; todos estavam mergulhados e enterrados num fogo infernal com fundura semelhante à distância que vai do céu à terra, e não podiam ver-se; porém quando algum piedoso se lembrava deles, conseguiam

vislumbrar-se vagamente, e o horrendo espetáculo fazia com que se sentissem menos sós.

Vidas dos Padres Eremitas do Oriente

O consciente e o inconsciente

Em sua autobiografia, Jung conta um sonho impressionante (mas qual deles não o é?). Achava-se em frente a uma casa de oração, sentado no chão e na posição do lótus, quando notou a presença de um iogue mergulhado em profunda meditação. Aproximou-se e viu que o rosto do iogue era o seu. Aterrorizado, afastou-se, acordou e se pôs a conjecturar: é ele aquele que medita; sonhou e eu sou o seu sonho.

Quando ele despertar, eu já não existirei.

Rodericus Bartius, Los que son números y los que no lo son

O sonho de Er

Esta é a história do valoroso Er, armênio de Panfília. Morto na guerra, seu cadáver incontaminado foi recolhido após dez dias. A pira estava pronta, quando no décimo segundo dia despertou e contou o que havia visto no outro mundo.

Depois de abandoná-lo, sua alma encaminhou-se com outras até um lugar onde havia dois buracos na terra em frente a dois que estavam no céu. Dois juizes pronunciavam as sentenças; os justos se encaminhavam ao céu, pela direita, e os injustos à terra, pela esquerda.

Quando viram Er chegar disseram-lhe que seria mensageiro entre os homens de tudo o que ali ocorria, e que prestasse atenção.

Pelo outro buraco da terra saíam almas sujas ou empoeiradas; pelo outro do céu, almas inteiramente puras. Pareciam chegar de uma longa viagem. Reuniram-se na pradaria e, como velhas conhecidas, as da terra perguntavam pelo céu, e as do céu pela terra. Umas choravam os seus padecimentos de um milênio; outras exaltavam sua bem-aventurança.

Cada alma sofria por dano cometido, outro dano dez vezes maior, durante cem anos (tempo da vida humana). As almas piedosas recebiam pelas boas ações prêmios igualmente maiores.

Uma das almas perguntou pela sorte de Ardieo, tirano de Panfilia mil anos antes. Outra respondeu que não o tinha visto.

Ardieo havia assassinado seu velho pai e seu irmão mais velho; para os que pecavam contra os deuses e contra os pais, os castigos eram piores dos que os mencionados.

De repente Ardieo e outros grandes pecadores emergiram do buraco. A abertura fechou-se e bramiu, e uns seres selvagens envoltos em fogo precipitaram-nos no abismo. Amarraram os pés de Ardieo e o esfolaram e mutilaram de encontro aos espinhos. Para os condenados, porém, o mais atroz de tudo era o bramido.

As almas descansaram sete dias na pradaria; no oitavo saíram em marcha. Depois de quatro dias viram uma coluna de luz semelhante a um arco-íris, porém mais brilhante; em um dia mais chegaram até ela, que ocupava todo o céu e a terra. Viram as correntes do céu; a luz era o laço que unia toda a esfera celeste. Ali estava, aumentado, o fuso da Necessidade que permite girar todas as esferas, e se percebiam os oito céus concêntricos, cada um deles encaixando no outro, como potes côncavos, cujas bordas, de diferentes cores e brilho, formam um mesmo plano. Giram com diferente velocidade e no sentido inverso do fuso, que atravessa a oitava esfera bem no centro. Cada céu era presidido por uma sereia, que emitia um som único, de tom invariável; as oito vozes formavam um conjunto harmônico. Equidistantes e em seus tronos, se achavam as Parcas, filhas da Necessidade; Láquesis, Cloto e Atropo.

Acompanhavam as sereias em seu canto; Láquesis lembrava os tempos passados, Cloto falava nos presentes e Atropo previa os futuros.

Ao chegar perante Láquesis, as almas foram informadas por um adivinho que emprenderiam uma nova etapa em um corpo portador de morte. "Elegereis vós mesmas a vossa sorte, e permaneceréis irrevogavelmente unidas; como a virtude não tem dono, cada uma a possuirá conforme a honre. A divindade é inocente."

Cada uma elegeu um número de ordem, menos Er, e de acordo com a precedência, elegeram um modelo de vida. Havia modelos de tiranos, de mendigos, desterrados, necessitados; prestigiosos por beleza, por vigor, tenacidade, progênie ou prosápia. Havia também, para homens e mulheres, vidas sem qualquer relevo. Riqueza e pobreza, saúde e doença se misturavam. O perigo era grande; necessitava-se de discricção e conhecimento para escolher bem.

Disse o adivinho: — Mesmo para a última que escolher haverá boa fortuna se for sensata; não se descuide a primeira, nem desanime a última.

A primeira precipitou-se e optou por ser tirano: seu destino incluía devorar os próprios filhos. Quando o soube lançou a culpa na sua má sorte e nos deuses, e amaldiçoou a todos menos a si mesma; era uma alma que vinha do céu e que em toda a sua vida havia exercido a virtude. As que provinham da terra eram experimentadas no sofrimento e escolhiam com mais cuidado.

Por não ser gerado por mulher, por aversão ao sexo feminino e porque se lembrava de sua morte, Orfeu escolheu ser cisne. Tâmiras decidiu reencarnar como um rouxinol, e algumas aves como seres humanos. A vigésima alma a escolher, quis ser leão: era Ajax. A seguinte optou por ser águia: era Agamenon, que, como é sabido, odiava a Humanidade. Atalanto decidiu ser atleta e conquistar honrarias; e Epeo resolveu ser artesã. Entre as últimas estava a de Tersites, revestido da ridícula forma de um símio: decidiu ser Ulisses, cuja alma permanecia afastada e esquecida por todos. Ulisses, por sua vez, havia optado por uma existência obscura e sedentária.

Terminada a eleição, cada alma recebeu de Láquesis o seu gênio tutelar; Cloto confirmou os destinos e Átropo tornou-os irrevogáveis.

Junto com seu respectivo gênio tutelar, cada alma (que já não podia retroceder) passou diante do trono da Necessidade e se dirigiu à planície do Esquecimento, onde não havia árvores nem nada do que a terra produz, e onde o calor era atroz. Ao entardecer foram até o rio da Despreocupação, cuja água nenhum recipiente consegue reter. Aí, os que beberam demais, perderam a memória. À meia noite, todas as almas dormiam. A terra rugiu e moveu-se, e as

almas foram lançadas no espaço como estrelas diferentes do seu nascimento anterior.

A Er não foi permitido beber; reencarnou em seu próprio corpo, ergueu os olhos para o céu, viu que era madrugada e encontrou-se sobre sua pira.

Platão, *A República*

A trama

Para o nosso cansado e distraído meditar, o que está à vista do tapete (cujo desenho nunca se repete) provavelmente seja o esquema da existência terrena; o avesso da trama, o outro lado do mundo (supressão do tempo e do espaço, ou afrontosa ou gloriosa manifestação de ambos); e a trama, os sonhos. Isto sonhou, em Teerã, Moisés Neman, fabricante e vendedor de tapetes, que tem o seu negócio em frente à praça Ferdousi.

Gaston Padilla, Memórias de un prescindible

O despertar do rei

Agentes franceses no Canadá, depois da derrota de suas armas, em 1753, divulgaram entre os índios a informação de que o rei da França havia estado dormindo durante os últimos anos, mas que havia acabado de acordar e que suas primeiras palavras foram: "É preciso expulsar imediatamente os ingleses que se meteram no país dos meus filhos vermelhos". A notícia propalou-se por todo o continente e foi uma das causas da famosa conspiração de Pontiac.

H. Desvignes Doolittle, Meditações vagas sobre a História Mundial (1903)

Ragnarök

Nos sonhos (escreve Coleridge) as imagens figuram as impressões que pensamos que causam; não sentimos horror porque uma esfinge nos oprime — sonhamos uma esfinge para explicar o horror que sentimos. Se isto é assim, como poderia uma simples

crônica de suas formas transmitir o estupor, a exaltação, os alarmes, a ameaça e o júbilo que teceram o sonho dessa noite? Não obstante, tentarei essa crônica; talvez o fato de que uma única cena integrou aquele sonho apague ou mitigue a dificuldade essencial.

O lugar era a Faculdade de Filosofia e Letras; a hora, o entardecer. Tudo (como costuma ocorrer nos sonhos) era pouco nítido; uma ligeira magnificação alterava as coisas. Elegíamos autoridades; eu falava com Pedro Henriques Urefia, que na vigília morreu há muitos anos. Bruscamente aturdiu-nos um clamor de manifestação ou de charanga. Alaridos humanos e animais chegavam de Abaixo. Uma voz gritou: Aí vêm! e depois Os Deuses! Os Deuses! Quatro ou cinco sujeitos saíram da turba e ocuparam o estrado da Aula Magna. Todos nós aplaudimos, chorando; eram os Deuses que voltavam depois de um desterro de séculos. Alteados pelo estrado, a cabeça lançada para trás e o peito projetado para a frente, receberam com soberba nossa homenagem. Um sustinha um ramo, que se conformava, sem dúvida, à botânica simples dos sonhos; outro, com um largo gesto, estendia uma de suas mãos, que era uma garra; uma das caras de Jano olhava com receio o recurvado bico de Toth. Excitado talvez por nossos aplausos, um, já não sei qual, prorrompeu em um cacarejo vitorioso, incrivelmente áspero, com algo de gargarejo e de assovio. A partir daquele momento, as coisas mudaram.

Tudo começou pela suspeita (talvez exagerada) de que os Deuses não sabiam falar. Séculos de vida fugitiva e selvagem haviam atrofiado neles o lado humano: a lua do Islã e a cruz de Roma tinham sido implacáveis com estes prófugos. Rostos muito baixos, dentaduras amarelas, bigodes ralos de mulatos ou de chineses e beiçolas bestiais tornavam pública a degeneração da estirpe olímpica. Seus adereços não correspondiam a uma pobreza decorosa e decente, mas sim ao luxo malévolos das casas de jogo e dos lupanares de Abaixo. A uma botoeira sangrava um cravo; em um casaco ajustado se adivinhava o vulto de uma adaga. Bruscamente sentimos que eles jogavam sua última cartada, que eram matreiros, ignorantes e cruéis como velhos roedores e que, se nos deixássemos possuir pelo medo ou pela piedade, acabariam por destruir-nos.

Sacamos os pesados revólveres (na hora surgiram revólveres no sonho), e alegremente demos morte aos Deuses.

Jorge Luis Borges

Morrer, dormir, sonhar talvez

Sonhou que a dor pertinaz no baixo ventre, que ocultou para não importunar os demais (ou para que não o atormentassem), deixava de incomodá-lo. Sem resistência, a dor desapareceu. Sonhou que a cozinheira Eustólia, (oh, havia herdado de sua mãe esta velha maníaca) tinha ido viver com uma sobrinha e finalmente lhe estava permitido comer como Deus manda. A casa deixou de feder a alho. Sonhou o reencontro com Lavínia, sua nunca esquecida Lavínia, oportunamente livre. O casamento foi celebrado na intimidade. Sonhou que reunia uma vasta antologia sobre a inutilidade da apologia literária. O elogio dos críticos foi unânime. Sonhou o número que sairia premiado na loteria de Natal. Custou a encontrar o bilhete, mas sua fortuna ficou assegurada. Sonhou os ganhadores de todos os páreos nas próximas corridas no hipódromo de Palermo. Porém detestava as corridas de cavalo, um tio seu se tinha suicidado, *etc.* Sonhou que acordava. Porém não acordou. Já fazia alguns minutos que estava morto.

Eliseo Díaz, *Notas sobre el azar* (1956)

Os dois cavaleiros

Em seu leito de morte, Gottfried Keller confiou a um amigo que várias noites antes havia visto dois cavaleiros, vestidos dos pés a cabeça com armaduras forjadas de ouro puro, que permaneciam impassíveis junto ao pequeno armário que se encontrava entre as

duas janelas. O escritor voltava uma ou outra vez ao assunto, sem conseguir descrever o maravilhoso resplendor que, segundo eles, envolvia a cena.

Ibrahim Zaid, *Marginalia* (1932)

In illo tempore

Cheguei no dia 18 de março de 1949 para ingressar no Colégio do México como bolsista. Os companheiros que haviam ido receber-me entre eles Sônia Henriquez Unena — levaram-me a uma pensão de estudantes e se despediram. Arrumei meus magros pertences (que incluíam um dicionário de latim) e me dispus a dormir. Depois de uma viagem de trinta e quatro horas, eu estava cansado.

Sonhei que haviam transcorrido dois meses. Nas vésperas do meu regresso a Buenos Aires, Alfonso Reyes me convidava para um fim de semana em um hotel de Cuernavaca e, como despedida, lia para mim sua tradução dos primeiros nove cantos da *Ilíada*, tradução que eu havia visto progredir, de sábado a sábado, nas inesquecíveis e distantes tardes da "Capela Alfonsina" na então Rua das Indústrias. Alfonso Reyes lendo Homero para mim, sozinho, e a meseta de Anahuac em redor! (Não afirmou Pedro Sarmiento de Gamboa ter encontrado em terra mexicana uma pegada de Ulisses?) Presenteei-o com a adição de poesias completas de Lugones, que incluía suas versões homéricas.

Na manhã seguinte despertei muito cedo. O colégio ficava há pouco mais de uma quadra, na rua Nápoles número 5. Cheguei quando as portas ainda estavam fechadas. Comprei um exemplar de *Novedades* e me pus a ler. Pouco depois vi Raimundo Lida. Subimos à sala de Filologia, no segundo andar. Uma hora mais tarde, disse-me Lida: "Don Alfonso o espera". Desci. "Roy, dê-me suas duas mãos. Desde hoje, esta é sua casa. Sente-se". E, sem mais demora: "Fale-me de Pedro".

Comecei a falar. Desordenadamente. As lembranças me oprimiam.

Reyes (oh, ele havia sido seu amigo mais íntimo, de perto e de longe, durante quarenta anos) não ocultou sua emoção. A lembrança de Pedro Henrique Urefia, fixa como as estrelas, cálida como a amizade, nos unia.

Passaram os meses. Dias antes do meu regresso a Buenos Aires, Alfonso Reyes convidou-me para um fim de semana em um hotel em Cuernavaca, junto com D. Manuela. Imaginei o que ia ocorrer: levei o livro de Lugones. Durante dois dias (oh, deuses, para mim sozinho) D.

Alfonso me leu sua tradução rimada dos primeiros nove cantos da *Ilíada*.

Sonhei então, que chegava ao aeroporto da Capital asteca e que os companheiros que tinham ido receber-me, me levaram até uma pensão de estudantes e se despediam. Arrumei meus magros pertences (na verdade pouco usei o dicionário de latim) e ria manhã seguinte, já no Colégio, Raimundo Lida me disse: "Don Alfonso o espera". Desci.

"Roy, dê-me suas duas mãos. Desde hoje, esta é sua casa. Sente-se". E, sem mais demora: "Fale-me de Pedro". Comecei a falar. A lembrança de Henriquez Urena nos unia.

Roy Bartholomew

Episódio do inimigo

Tantos anos fugindo e esperando, e agora o inimigo estava em minha casa. Da janela eu o vi subir penosamente pelo áspero caminho da montanha. Ajudava-se com um bastão, um bastão rústico que em velhas mãos jamais poderia ser uma arma, mas tão somente um báculo. Custei a dar-me conta do que esperava: a fraca batida em minha porta. Olhei, não sem nostalgia, meus manuscritos, o rascunho não terminado e o tratado de Artemidoro sobre os sonhos, um livro um tanto anômalo neste conjunto, já que não sei grego. Outro dia perdido, pensei. Tive que fazer força com a chave. Receei que o homem se despencasse, porém deu alguns passos incertos, soltou o bastão (que não voltei a ver) e caiu vencido em minha cama. Minha ansiedade o havia imaginado muitas vezes, mas

só então notei que se parecia, de um modo quase fraternal, com o último retrato de Lincoln. Seriam as quatro horas da tarde.

Inclinei-me sobre ele para que me ouvisse: — A gente pensa que os anos passam somente para nós mesmos — disse — porém eles passam também para os outros. Aqui nos encontramos, afinal, e o que aconteceu antes não tem sentido.

Enquanto eu falava, ele havia desabotoado o sobretudo. Sua mão direita estava no bolso do paletó. Assinalava algo, e eu senti que era um revólver.

Disse-me, então, com voz firme: — Para entrar em sua casa, recorri à compaixão. Tenho-o agora à minha mercê e não sou misericordioso.

Ensaiei algumas palavras. Não sou um homem forte e somente as palavras poderiam salvar-me. Consegui dizer: — É verdade que há tempos maltratei uma criança, mas você já não é aquela criança nem eu sou aquele insensato. Além disso, a vingança não é menos vaidosa e ridícula do que o perdão.

— Precisamente porque já não sou aquela criança — replicou — é que tenho que matá-lo. Não se trata de uma vingança, mas sim de um ato de justiça. Seus argumentos, Borges, são meros estratégias de seu terror para que eu não o mate. Você já não pode fazer nada.

— Posso fazer uma coisa — respondi.

— Qual?

— Acordar.

E assim o fiz.

Jorge Luís Borges

Verdade ou não?

Quando era garoto, Bertrand Russell sonhou que entre os papéis que havia deixado sobre a mesinha de seu quarto de colégio encontrava um onde se lia: "O que diz do outro lado não é verdade".

Virou o papel e leu: "O que diz do outro lado não é verdade".
Apenas acordou, procurou o papel na mesinha. O papel não estava ali.

Rodericus Bartius, *Los que son números y los que no lo son*

O sonho do petróleo

No verão de 1950, que precedeu ao voto de nacionalização do petróleo, meu médico prescreveu-me repouso prolongado. Um mês depois, enquanto dormia, vi em sonho uma personagem brilhante que me dizia: "Este não é o momento para descansar; levanta-te e vai romper as correntes do povo do Irã". Respondi ao chamado e, não obstante minha extrema fadiga, retomei meu trabalho na comissão do petróleo.

Quando, dois meses mais tarde, a comissão aceitou o princípio da nacionalização, admiti que a personagem do meu sonho me havia inspirado com felicidade.

Mohammad Mossadegh, sessão do parlamento iraniano, 13 de maio de 1951

O reflexo

Tudo no mundo está dividido em duas partes, das quais uma é visível, e a outra invisível. Aquela que é visível, nada mais é do que o reflexo da invisível.

Zohan, I, 39

Sonho da cruz

Contarei o melhor dos sonhos, aquele que sonhei à meia noite, quando habitavam o repouso os homens capazes de palavra.

Acreditei ver uma árvore prodigiosa que se elevava no ar entrelaçada de luz, a mais resplandecente de todas as árvores.

Todo este prodígio estava inundado de ouro.

Havia pedras preciosas no seu pé; e cinco outras pedras no alto, na junção de seus braços.

Contemplavam-na os anjos do Senhor, todos predestinados à beleza.

Certamente não era a força de um malfeitor; adoravam-na espíritos celestiais, homens sobre a terra e toda a gloriosa Criação.

Prodigiosa era a Árvore da Vitória, e eu, maculado de culpas, aviltado por impurezas, vi a Árvore da Glória coberta de vestes, brilhante de alegria, cercada de ouro. Através daquele ouro pude entrever uma antiga discórdia de miseráveis; vi que pelo lado direito transpirava sangue.

Estava eu cheio de aflição, aterrorizado pela formosa visão.

Vi que este sinal vivo mudava de roupagens e de cores.

As vezes o caminho feito pelo sangue a manchava; às vezes a adornava com tesouros.

Enquanto isto eu, durante muito tempo, permanecia contemplando aflito a Árvore do Redentor.

Esta começou a falar. A mais preciosa de todas as madeiras disse, com palavras: "Isto aconteceu há muitos anos; ainda me lembro, derrubaram-me na orla de um bosque.

Arrancaram-me de minhas raízes.

Apoderaram-se de mim fortes inimigos.

Fizeram de mim um espetáculo.

Ordenaram-me erguer os condenados.

Os homens carregaram-me nas costas e me fixaram no alto de uma colina.

Aí me imobilizaram os inimigos.

Vi o Senhor dos Homens apressar-se com a vontade de escalar-me.

Não me atrevi a desacatar a ordem de Deus. Não me atrevi a inclinar-me nem a romper-me quando tremeu a face da terra.

Eu poderia ter esmagado todos os inimigos, porém me mantive alta e firme.

Forte e decidido, o jovem herói, que era Deus todo-poderoso, subiu ao alto da força, valoroso entre muitos, para salvar a humanidade.

Estremeci quando o varão me abraçou.

Não me atrevi a inclinar-me sobre a terra; continuei firme.

Cruz fui erigida.

Elevei ao poderoso Senhor, ao Senhor dos Céus.

Não me atrevi a inclinar-me.

Com cravos escuros me atravessaram; restam ainda as cicatrizes das feridas.

Não me atrevi a ferir ninguém.

Todos escarneceram de nós.

Salpicou-me o sangue que brotou das costas do homem, quando este entregou o espírito.

Padei de muitos males na colina.

Vi o senhor dos Exércitos puxado cruelmente. Nuvens tenebrosas haviam coberto o corpo do Senhor.

Daquele clarão surgiu uma sombra, negra sob as nuvens.

A Criação inteira chorou a morte de seu Rei.

Cristo estava na Cruz.

Poema anônimo anglo-saxão do século IX

Tamam Shod

Ontem chegamos de Teerã. Quinhentos quilômetros de areais, povoados mortos, postos de caravanas em ruínas, as formas caprichosas da meseta iraniana. Estávamos cansados e, excitados. Um banho e um bom chá no Shah Abban, e saímos a caminhar.. Jardins, avenidas, cúpulas, minaretes. Em Isfahan a noite é feérica, o céu é perfeito.

Quando regressamos ao hotel, extenuados e felizes, conversamos até que o sono nos venceu.

Sonhei que no centro da prodigiosa cúpula da mesquita Lutfullah estava escondido um rubi de virtudes mágicas. O judicioso que pára justamente debaixo dele, guarda silêncio e prende a respiração, recebe a visão de um tesouro, assim como a indicação do lugar onde ele se encontra. Sua existência não pode ser definida nem se deve tentar sua posse, pois quem ousar se transforma em madeira, a madeira em nuvem, a nuvem em pedra e a pedra se quebra em mil pedaços. O rubi proporciona deleite ou assombro, mas não autoriza o enriquecimento.

De manhã voltamos a Meidan e Shah. Visitamos o palácio Ali Qapu desde seus últimos corredores até a sala de música.

Surpreenderam-me as escadarias com degraus demasiadamente altos e incrivelmente estreitos. Alguém explicou que era para impedir o acesso aos cavalos inimigos.

Enquanto Melania se demorava no terraço que dá para a antiga quadra de pólo (a mais bela praça do mundo), não resisti mais. Cruzei até a Lutfullah, coloquei-me bem debaixo do conjunto da cúpula, fiquei em silêncio e contive a respiração. Uma luz ocre peneirava todos os matizes. Subitamente— meu Deus! — O tesouro era surpreendente, de inúmeras riquezas, perto, fácil de obter, entre as ruínas de um dos antigos mirantes ou pombais, ou casas de prazer fora da cidade. A visão me foi concedida em um segundo interminável de vertiginoso esplendor.

Regressei a Ali Qapu. Percorremos a mesquita das Sextas-Feiras, cruzamos a velha ponte de trinta e tantos arcos...

Terminarei estas notas ou me pulverizarei na pedra?

Roy Bartholomew

O cervo escondido

Um lenhador de Cheng encontrou-se na campo com um cervo assustado e o matou. Para evitar que outros o descobrissem, enterrou-o na floresta, cobrindo a cova com folhas e ramos. Pouco tempo depois esqueceu o local onde o havia escondido, e pensou que tudo não passara de um sonho. Assim, contou o fato a toda a gente como se fosse um sonho. Entre os ouvintes, houve um que foi procurar o cervo enterrado e o encontrou. Levou-o a sua casa e disse à sua mulher: — Um lenhador sonhou que havia matado um cervo e esqueceu onde o tinha escondido, e agora eu o encontrei. Este homem sim, é que é um sonhador... — Na certa sonhaste que viste um lenhador que havia matado um cervo. Crês realmente que existiu, o lenhador? Mas como o cervo está aqui, teu sonho deve ser verdadeiro — disse a mulher. — Ainda que suponhamos que eu tenha encontrado o cervo graças a um sonho — respondeu o marido — por que nos preocuparemos em saber qual dos dois sonhou? Naquela noite o lenhador voltou para casa pensando ainda no cervo, e realmente sonhou, e neste sonho sonhou o lugar onde havia escondido o cervo e sonhou também quem o havia encontrado. Ao amanhecer foi a casa do outro e encontrou o cervo. Os dois discutiram e terminaram diante de um juiz para que este resolvesse o assunto. O juiz disse ao lenhador: — Realmente mataste um cervo e pensaste que era um sonho.. Em seguida sonhaste realmente, e então pensaste que era a realidade. O outro encontrou o cervo e agora o disputa, porém sua mulher pensa que ele sonhou que havia encontrado um cervo que outro havia matado. Logo, ninguém matou o cervo. Porém como aqui está o cervo, o melhor que os dois podem

fazer é reparti-lo. O caso chegou aos ouvidos do rei de Cheng e o rei de Cheng disse:

— E esse juiz? Não estará ele sonhando que reparte um cervo?

Lieh-tsé (c. 300 a.C.)

O sonho de Pedro Henriquez Urena

O sonho que Pedro Henriquez Urena teve ao amanhecer de um dos dias de 1946 não constava de imagens, mas tão somente de pausadas palavras. A voz que as pronunciava não era a sua, porém parecia-se com ela. O tom, em que pese as possibilidades patéticas que o tema permitia, era impessoal e comum. Durante o sonho, que foi breve, Pedro sabia que estava dormindo em seu quarto e que sua mulher estava a seu lado. Na obscuridade do sonho, a voz lhe disse: Há quantas noites passadas, em uma esquina da Rua Córdoba, discutiste com Borges a invocação do anônimo Sevilhano O Morte, vem calada / como costumava vir na flecha. Suspeitaram que era o eco deliberado de algum texto latino, já que estas versões correspondiam aos costumes da época, completamente alheias ao nosso conceito de plágio, sem dúvida menos literário do que comercial. O que não suspeitaram, o que não podiam suspeitar, é que o diálogo era profético.

Dentro de poucas horas correrás para a última estação da Constitución, para tua aula na Universidade de La Plata. Alcançarás o trem, colocares a pasta no porta-volumes e te acomodará na tua poltrona, junto à janela. Alguém, cujo nome ignoro mas cujo rosto estou vendo, te dirigirá algumas palavras. Não lhe responderás porque ambos estarão mortos. Já te terás despedido para sempre de tua mulher e de tuas filhas. Não te lembrarás deste sonho porque teu esquecimento é necessário para que se cumpram os fatos.

Jorge Luis Borges

História dos dois que sonharam

O historiador árabe El Ixaqui narra este acontecimento: Contam os homens dignos de fé (porém somente Alá é onisciente e poderoso e misericordioso e não dorme), que existiu no Cairo um homem possuidor de riquezas, porém tão magnânimo e liberal que perdeu-as todas, menos a casa de seu pai. Diante disso, se viu forçado a trabalhar para ganhar seu pão. Trabalhou tanto, que o sono venceu-o uma noite sob uma figueira de seu jardim, e ele viu no sonho um homem empanturrado que tirou da boca uma moeda de ouro e lhe disse: "Tua fortuna está na Pérsia, em Isfahan; vai buscá-la". Na madrugada seguinte acordou e empreendeu a longa viagem, afrontando os perigos dos desertos, dos navios, dos piratas, dos idolatras, dos rios, das feras e dos homens. Chegou finalmente a Isfahan, e no centro da cidade, no pátio de uma mesquita, deitou-se para dormir. Junto a mesquita havia uma casa, e por vontade de Deus Todo Poderoso, um bando de ladrões atravessou a mesquita, e meteu-se na casa, e as pessoas que aí dormiam, despertando com o barulho, pediram socorro.

Os vizinhos também gritaram, até que o capitão dos guardas noturnos daquele distrito acudiu com seus homens e os bandoleiros, fugiram pelo terraço. O capitão quis revistar a mesquita e lá deram com o homem do Cairo; açoitaram-no de tal maneira com varas de bambu que ele quase morreu. Dois dias depois recobrou os sentidos na cadeia. O capitão mandou buscá-lo e disse: "Quem és tu e qual é a tua pátria?" O outro declarou: "Sou da famosa cidade do Cairo e meu nome é Mohamed El Magrebi". O capitão perguntou-lhe: "O que te trouxe à Pérsia?"

O outro optou pela verdade e disse: "Um homem ordenou-me, em sonho, que eu viesse a Isfahan porque aí estava a minha fortuna. Já estou em Isfahan e vejo que essa fortuna que prometeu devem ser as vergastadas que tão generosamente me deste".

Diante de tais palavras o capitão riu tanto que se viam seus dentes de siso e, finalmente, lhe disse: "Homem desajuizado e crédulo, eu já sonhei três vezes com uma casa no Cairo no fundo da qual há um jardim, e nesse jardim um relógio de sol, e depois do relógio, uma figueira, e logo depois da figueira, uma fonte, e sob a fonte, um tesouro.

Não dei o menor crédito a essa mentira e tu, produto de uma mula com um demônio, não obstante, vens errando de cidade em cidade baseado unicamente na fé no teu sonho. Que eu não volte a ver-te em Isfaham.

Toma estas moedas e desaparece".

O homem pegou as moedas e regressou a sua pátria. Sob a fonte de seu jardim (que era a mesma do sonho do capitão) desenterrou o tesouro. Assim Deus lhe deu sua bênção, recompensou-o e enalteceu-o.

Deus é o Generoso, o Oculto.

Do Livro das Mil e Uma Noites (noite 351)

A Júlio Floro

Está livre o teu peito do amor à glória vã? Estará também da ira e do medo da morte? Os sonhos, os terrores mágicos, as feiticeiras, os duendes noturnos, os sortilégios de Tessália: eles te fazem rir?

Horácio, Epístolas, II, 2.

A rosa do mundo

Quem sonhou que a beleza passa como um sonho?

Por estes lábios vermelhos, com todo seu orgulho lutuoso, Lutuoso de que nenhuma nova maravilha possam predizer, Troia se

desvaneceu como um grande fulgor funéreo.

William Buttler Yeates

Teologia

Como vocês não ignoram, viajei muito. Isto me permitiu corroborar a afirmação de que a viagem é sempre mais ou menos ilusória, de que não há nada de novo sob o sol, de que tudo é uma única e mesma coisa, etcétera, mas também, paradoxalmente, de que é infundada qualquer desesperança de encontrar surpresas e coisas novas: em verdade o mundo é inesgotável. Como prova disso, basta lembrar a credence peregrina que encontrei na Ásia Menor, entre um povo de pastores, que se cobrem com peles de ovelha e que são herdeiros do antigo reino dos Magos. Esta gente crê nos sonhos. "No instante em que dormes — explicaram-me — conforme tenham sido teus atos durante o dia, irás ao céu ou ao inferno". Se alguém argumentasse que nunca havia visto partir um homem adormecido, que permanecia deitado até que o despertassem, responderiam: "O afã de não acreditar em nada te leva a esquecer tuas próprias noites (quem não terá conhecido sonhos agradáveis e sonhos aterroriza-dores?) e a confundir o sono com a morte. Cada um é testemunho de que há outra vida para o sonhador. Para os mortos é diferente o testemunho: eles permanecem, convertendo-se em pó".

H. Garro, *Todo o mundo* (1918)

Interpretação dos sonhos

— Já que não entramos em um acordo sobre os métodos virgilianos, utilizemos como meio de adivinhação um que é bom, antigo e autêntico — disse Pantagruel. Refiro-me à interpretação dos sonhos, sempre que se sonhe conforme as condições que estabelecem Hipócrates, Platão, Plotino, Jâmblico, Sinésio, Aristóteles, Xenofontes, Galeno, Plutarco, Artemidoro, Daldiano,

Herifilo, Quinto Calaber, Teócrito, Plínio, Ateneu e outros, os quais sustentam que a alma é capaz de prever acontecimentos futuros. Quando o corpo repousa em plena digestão e não necessita de nada até o momento de despertar, nossa alma se eleva até sua verdadeira pátria, que é o céu. Ali recebe a participação de sua primitiva origem divina e na contemplação daquela infinita e intelectual esfera (cujo centro se encontra em algum lugar do universo, ponto central que reside em Deus segundo a doutrina de Hermes Trismegisto, e a qual nada altera e na qual nada ocorre, pois todos os tempos se desenvolvem no presente) capta não apenas os acontecimentos das camadas inferiores, mas também os futuros, transmitindo-os ao seu corpo através de seus órgãos sensíveis. Dada à fragilidade e à imperfeição do corpo que os captou, não pode transmiti-los fielmente. Cabe aos intérpretes e vaticinadores de sonhos, os gregos, aprofundar-se em tão importante matéria. Heráclito dizia que a interpretação dos sonhos não é para ficar oculta, pois nos dá o significado e normas gerais das coisas do futuro, para nossa sorte ou desgraça. Anfiaraus estabeleceu que não se deve beber durante três dias nem comer durante um antes dos sonhos. Estômago cheio, má espiritualidade.

Todo o sonho que termina em sobressalto significa algo ruim e é de mau presságio. Este algo ruim quer dizer alguma doença latente. O mau presságio para a alma, pois alguma desgraça se avizinha. Lembrai-vos dos sonhos e do despertar de Hécuba e de Eurídice. Eneias sonhou que falava com Heitor morto; acordou sobressaltado e naquela noite Troia ardeu e foi saqueada.

François Rabelais, *Pantagruel*, II

Sonho

Latine somnus somni, sopor quies quae ab humoribus a corde ad cerebrum sublatis concitatur, qui ubi fuerint refrigerati recidentes ad cor calorem eius refrigerant. Em grego se chama (...) ypnos, e daqui tiram sua etimologia, ainda que com dificuldade, mudando letras. A vaidade antiga fingiu existir um deus dito Sonho, o qual teria seu trono e morada perto dos cimérios, conforme é muito bem descrito por Ovídio no seu *Methamorphoseom*, liv.-II.

*Est prope Cimmerios longo spelunca recessu
Mons cavus ignavi domos et penetralia somni,
Quo nunquam radiis oriens, mediusve caedensve,
Phoebus adire potest, etc.*

O sonho e a liberação. Este modo de dizer teve sua origem na Santa Escritura, em Daniel, cap. 2, quando Nabucodonosor acordou espavorido de um sonho, cujos fantasmas já o tinham destruído, e pedia que os magos de sua corte lhe declarassem que sonho tinha sido aquele e qual o seu significado. Estes nunca puderam satisfazê-lo, e responderam: Non est homo super terram, qui sermonem ium, rex, possit implere. O profeta Daniel, estando informado de que o rei mandava matar seus sábios, obteve de Deus, em sonhos, o que Nabucodonosor desejava saber. E assim lhe fez primeiro o sonho, e com ele a liberação, e convém conhecer sua interpretação e de onde teve origem este provérbio tão comum: Nem por sonhos se chega a negar uma coisa e afastá-la do seu pensamento. Sonolento é aquele que anda cochilando.

Sebastián de Covarruvias Orozco, *Tesoro de la lengua castellana o espanola* (1611), 1943.

O regresso do mestre

Desde seus primeiros anos, Migyur — este era o seu nome — havia sentido que não estava onde tinha que estar. Sentia-se forasteiro em sua família, forasteiro em seu povoado. Ao sonhar, via paisagens que não pertenciam a Ngari: solidões de areia, tendas circulares de feltro, um mosteiro na montanha; e na vigília, estas mesmas imagens cobriam ou empanavam a realidade.

Aos dezenove anos fugiu, ávido de encontrar a realidade que correspondia a essas formas. Foi vagabundo, esmoler, trabalhador e as vezes ladrão. Hoje chegou a esta pousada perto da fronteira.

Viu a casa, a cansada caravana mongol, os camelos no pátio.

Atravessou o portão e se encontrou diante do velho monge que comandava a caravana. Reconheceram-se, então: o jovem vagabundo viu-se a si mesmo como um lama ancião, e viu o monge como este era há muitos anos, quando fora seu discípulo; e o monge reconheceu no rapaz o seu velho mestre, já desaparecido. Lembraram a peregrinação que haviam feito aos santuários do Tibete e o regresso ao mosteiro da montanha. Falaram evocaram o passado e se interrompiam para intercalar detalhes precisos.

O propósito da viagem dos mongóis era buscar um novo chefe para o seu convento. Fazia vinte anos que havia morrido o antigo, e eles em vão esperavam sua reencarnação. Hoje o tinham encontrado.

Ao amanhecer a caravana empreendeu sua lenta viagem de volta. Migyur regressava às solidões de areia, às tendas circulares de feltro e ao mosteiro de sua encarnação anterior.

Alexandra David-Neel, *Mystiques et Magiciens du Tibet* (1929)

A sentença

Naquela noite, na hora da ratazana, o imperador sonhou que havia saído de seu palácio e que, no escuro, caminhava pelo jardim sob as árvores floridas. Algo se ajoelhou a seus pés e pediu amparo. O imperador concordou, e o suplicante disse que era um dragão e que os astros lhe tinham revelado que no dia seguinte, antes de cair à noite, Wei Cheng, ministro do imperador, lhe cortaria a cabeça. No sonho, o imperador jurou protegê-lo.

Ao acordar, o imperador perguntou por Wei Cheng. Disseram-lhe que não estava no palácio; o imperador mandou buscá-lo, mantendo-o atarefado o dia inteiro para que não matasse o dragão, e por volta do entardecer lhe propôs jogar xadrez. A partida era longa, o ministro estava cansado e adormeceu.

Um estrondo sacudiu a terra. Pouco depois irromperam dois capitães que traziam uma imensa cabeça de dragão ensopada de sangue. Arrojaram-na aos pés do imperador e disseram: — Caiu do céu.

Wei Cheng, que tinha acordado, olhou-a com perplexidade e observou: — Sonhei que matava um dragão assim.

Wu Cheng'En (c. 1505-c. 1580)

12 de maio de 1958

Um sorriso suave embelezava seu rosto de senhora de cinquenta e dois anos. Cumpriam-se doze da morte de Pedro Henriquez Urena.

Ambos o recordamos e ela repetiu o que me havia dito em 1946: para minha juventude, a perda era irreparável, porém nada apagaria em mim a lembrança de meu grande mestre. Vaguei pelo quarto. Os olhos de minha mãe não se despegavam de mim. Condenada por uma cruel doença cardíaca, jamais manifestou cansaço ou queixou-se, e foi fonte de vida e de solidariedade para com os demais. Quando decidi retirar-me, reteve minhas mãos nas suas e me disse: Não permitas que te destruam. Adormeci pensando nessas palavras. Durante a noite sonhei que resolvia vários assuntos na cidade e em La Plata, e que os mesmos me angustiavam, embora não fossem de natureza que justificassem esta sensação. Pela manhã avisaram-me que minha mãe havia morrido.

Corri ao apartamento de Viamonte, junto a Maipú. Já se estavam cumprindo as primeiras formalidades próprias de tão triste circunstância. Na primeira pausa de minha dor abri, com segurança, a gaveta de sua mesinha. Aí estava a carta, escrita na véspera com sua serena letra inglesa. Pedia-me que tratasse de vários assuntos em Buenos Aires e em La Plata: eram aqueles assuntos com que eu havia sonhado.

Roy Bartholomew

A explicação

Um homem, na vigília, pensa bem de um outro e nele confia plenamente, porém o inquietam sonhos em que este amigo age como um inimigo mortal. Revela-se, afinal, que o caráter sonhado

era o verdadeiro. A explicação seria a percepção instintiva da realidade.

Nathaniel Hawthorne, *Livro de anotações* (1868)

FIM

